Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Fabiana Manes Viana Saboia Santos Navarro

O iberismo em questão:
a Revista do Brasil e a Revista Proa em perspectiva comparativa

Rio de Janeiro
2012

Fabiana Manes Viana Saboia Santos Navarro

O iberismo em questão:
a Revista do Brasil e a Revista Proa em perspectiva comparativa

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Emilia da Costa Prado

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

N322 Navarro, Fabiana Manes Viana Sabóia Santos
O iberismo em questão: a Revista do Brasil e a Revista Proa em perspectiva comparativa / Fabiana Manes Viana Sabóia Santos. – 2012.
269 f.

Orientadora: Maria Emília da Costa Prado.
Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Intelectuais – Brasil - Teses. 2. Intelectuais – Argentina - – Teses. I. Prado, Maria Emília da Costa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 3-056(81)(82)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Fabiana Manes Viana Saboia Santos Navarro

O iberismo em questão:

a Revista do Brasil e a Revista Proa em perspectiva comparativa

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em: 11 de abril de 2012.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Maria Emilia da Costa Prado (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

_____

Prof. Dr.Oswaldo Munteal Filho

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

_____

Prof. Dr. Antonio Carlos Peixoto

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

_____

Prof. Dr.Nilson Alves de Moraes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

_____

Prof. Dr.Maximo Augusto Campos Masson

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2012

à profa. Maria Emilia Prado e prof. Antonio Carlos Peixoto,
pelo carinho, compreensão, e eterna inspiração.

RESUMO

NAVARRO, Fabiana Manes Viana Sabóia Santos. *O iberismo em questão:* a Revista do Brasil e a Revista Proa em perspectiva comparativa. 2012. 105 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Este trabalho tem como proposta a realização de uma discussão comparativa a respeito de dois projetos de remodelamento da identidade nacional: a Revista do Brasil; do Brasil, aqui analisada na fase em que era dirigido por Monteiro Lobato, e a Revista Proa, argentina, editada por Jose Luis Borges, em alguns de seus colaboradores, tendo o iberismo como conceito-chave. Nossos olhares estarão voltados para o Brasil e a Argentina: como estes dois países desenvolveram suas trajetórias de organização política, desde o desligamento das suas respectivas metrópoles, até a (tentativa) de estruturação de seu projeto nacional?Os intelectuais são os atores privilegiados desta nossa análise: com eles, a apresentação do espaço das revistas como singulares na ação destes intérpretes; no Brasil, a Revista do Brasil, no seu período dirigido por Monteiro Lobato; e na Argentina, a Revista Proa, capitaneada por Jorge Luis Borges. O presente trabalho também contempla a análise acerca da atuação dos intelectuais e suas redes de contato no cenário latino-americano.

Palavras-chave: Intelectuais. Estado. Iberismo. América Latina.

ABSTRACT

This academic study has as goal the production of the comparative discussion about two purposes of national restructure: A Revista do Brasil, brazilian review edited by Monteiro Lobato, and revista Proa, edited by Jorge Luis Borges, in their partners, facing where the iberism turns up like a key-concept. Our view is for Brazil and Argentina: how these countries made their political paths, since the independence processes until the.consolidation of the national project. The intellectuals are the privileged actors in this study; with them, the presentation of the reviews like singular locus on the intellectuals' actuation.
This study also analyses the role of the intellectuals and their web of contacts in the Latin-American context.

Keywords: Intellectuals. State. Iberismo. Latin America.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1 **O BRASIL, A ARGENTINA E SEUS INTELECTUAIS: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS** 10

1.1 **A formação ibérica e os intelectuais no Brasil** 10

1.2 **Ecos da Revolução de Mayo** 19

1.3 **Os intelectuais e o cenário americano**. 23

1.4 **Indicações de análise: Mannheim e Miceli** 27

1.5 **Norte de proposta de revisão historiográfica a partir da utilização da metodologia da história dos conceitos** 31

2 **A REVISTA DO BRASIL E A PROA: ENCONTROS E CONFRONTOS** 36

2.1 **As revistas e as redes intelectuais** 36

2.2 **A Revista do Brasil e São Paulo – A Babel invertida** 40

2.3 **A Revista Proa e Buenos Aires – uma "fusão cosmopolita"** 48

2.4 ***Florida e Boedo*: riquezas culturais e visões de mundo em disputas literárias** 56

2.5 **Jorge Luis Borges: o Ariel no labirinto babélico** 57

2.6 **Monteiro Lobato e as velhas tintas lusitanas** 60

3 **UM CORO A DUAS VOZES – A REVISTA DO BRASIL E REVISTA PROA** 65

3.1 **Arielismo e iberismo** 69

3.2 **A Revista do Brasil e a "Hora Americana"**. 71

3.3 **A Revista Proa – O iberismo como particularismo por excelência**. 85

4 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 93

REFERÊNCIAS 95

INTRODUÇÃO

Pensar a respeito do país, a partir de seus intelectuais, no contexto dos anos 20. Essa era a idéia inicial do trabalho.

Levando em consideração os estudos realizados desde a graduação, passando pelo mestrado, e outras pesquisas, resolvemos ir um pouco mais além: e se desenvolvêssemos um breve estudo comparativo entre Brasil e Argentina, neste mesmo contexto, a partir de uma idéia-chave conceitual, que é o iberismo como embrião de qualquer análise desenvolvida pelos intelectuais, marcadamente os dos anos 20?

Nossos olhares estarão voltados para o Brasil e a Argentina: como estes dois países desenvolveram suas trajetórias de organização política, desde o desligamento das suas respectivas metrópoles, até a (tentativa) de estruturação de seu projeto nacional?

Os intelectuais são os atores privilegiados desta nossa análise: com eles, a apresentação do espaço das revistas como singulares na ação destes intérpretes; no Brasil, a Revista do Brasil, no seu período dirigido por Monteiro Lobato; e na Argentina, a Revista Proa, capitaneada por Jorge Luis Borges.

Já adiantamos que não se trata de uma análise profunda da obra destes dois personagens e de seus pares; mas sim da elaboração de uma espécie de apresentação formal, em um primeiro momento, da trajetória destes dois países; e em uma segunda estação, da forma com que estes intelectuais e alguns outros, cobertos pelo manto protetor do espaço das revistas, sugeriram propostas de realocação do componente ibérico na estruturação da vida nacional.

Para tal, formulamos o trabalho a partir da seguinte apresentação: a exposição das conseqüências diretas dos processos de desligamento de suas respectivas metrópoles e o seqüente ancoramento de correntes de pensamento; o apontamento das diferenças no processo de organização do espaço, ainda em tempos coloniais, que marcou a estruturação de tipos distintos de espaços urbanos; as revistas como espaço de proposições para a nação; e por fim, a relação dos intelectuais com a alocação em tempos progressos dos formativos traços ibéricos.

Com este trabalho, é desejosa a participação das discussões em torno da iberismo como distinção da América em relação ao resto do mundo. Só nos resta descobrir, se esta distinção caminhará lado a lado com características caras ao indivíduo, permitindo-o uma convivência fraterna e cidadã com seus pares.

1 O BRASIL, A ARGENTINA E SEUS INTELECTUAIS: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

1.1 A formação ibérica e os intelectuais no Brasil

Entendemos que o mundo ibérico legara aos seus colonizados não somente uma reafirmação da tradição aristotélica, mas também uma visão de mundo muito particular presente na construção destas novas nações, construção esta pontuada de ações arbitrárias que vinculam o seu passado aos produtos ideológicos do mundo moderno e contemporâneo, numa permanente insubmissão aos códigos forjados pelo mundo anglo-saxão[1].

O processo de independência de suas novas colônias trouxera ares esperançosos de tempos novos, onde, na concepção dos letrados liberais, a liberdade, a justiça, o progresso e a riqueza deveriam florescer na América. Cabia então à geração que sucederia a dos libertadores políticos a conclusão deste processo, isto é, a elaboração de um conjunto de medidas que visasse a transformação do homem ibero-americano em cidadão.

As diferenças entre as Américas são bastante contundentes, principalmente se nos ativermos aos seus projetos nacionais: são versões absolutamente opostas do que entendemos ser continuidade: uma baseada em pressupostos do individualismo; outra, de natureza essencialmente arraigada em uma versão da tradição das relações sociais que na Europa estavam colocadas em xeque:

> As duas Américas (Norte e Sul se encontram estreitamente relacionadas ao universo cultural europeu, mas as diferenças são significativas: enquanto no mundo anglo-saxão a independência significou continuidade e o estabelecimento de uma ordem que derivava das relações existentes durante a colônia, no mundo ibérico pretendia-se manter o passado e estendê-lo para o futuro, ainda que sob a forma de países independentes. Por outro lado, era necessário empreender mudanças para que fosse possível a manutenção da independência recém-conquistada; e isto implicava em manter os vínculos com um mundo ocidental que caminhava a passos largos para um modo de re-ordenamento da vida, inteiramente diverso daquele que vigorava na Hispano-América. A manutenção da tradição e o apego ao passado ocorriam em consonância com o mundo ibérico de quem esta parte da América era herdeira...A herança ibérica impregnou os modos de vida e de pensar da América

[1] Ver BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e Artifício:* iberismo e barroco na formação americana. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2000.

> Hispânica, e a compreensão do significado pleno desta herança é indispensável para detectar as desventuras e os obstáculos com que a modernidade se deparou.[2]

Neste momento, as atenções se voltaram para a organização liberal de seu sistema político e para a valorização dos supostos que presidem a teoria do liberalismo, implicando isto um forte movimento de recusa à herança ibérica. Era necessário construir novos Estados, com instituições que garantissem a ordem e o controle sociais, mas que também conferissem legitimidade aos que governavam[3].

Porém, a despeito de todos os esforços empreendidos, o passado do homem ibero-americano insistia em não se converter em autêntico passado[4]; ele seguia sendo um presente que não se decidia a ser história. O liberalismo político e o sistema de representação se mostraram inviáveis em cenários onde não havia cidadãos. Muito embora existam diferenças nos processos de independência e constituição dos Estados nacionais, brasileiro e hispânico, um de caráter consensual e outro de caráter conflitivo, o dilema quanto ao passado é comum a ambos.

A América Ibérica necessitava ainda conquistar uma autonomia do intelecto, uma emancipação mental[5]. Correntes do pensamento político aportaram por aqui com a função de identificar as falhas produzidas pelo liberalismo, sem, contudo, anular as mudanças estruturais obtidas com a sua implantação; concentramos nossas atenções no positivismo, que baseado na idéia de progresso, se ocupava das questões não equacionadas pelo liberalismo, tais como integração nacional (no Brasil, com a Escola de Engenharia), cidadania, educação e a questão indígena.

Seu arsenal teórico era bastante atraente: o destaque dado à educação; a condenação da Monarquia em nome do progresso, onde a república apareceria como a encarnação da última fase da lei dos três estados; a separação entre Igreja e Estado; e a idéia de ditadura republicana, apelando a um Executivo forte e intervencionista[6]. O positivismo foi um instrumento de severa crítica ao individualismo das sociedades anglo-saxônicas, da sua visão de liberdade e práticas

---

2 PEIXOTO, Antonio Carlos. *Estado e legitimidade na América Latina no século XIX*. O projeto conservador. Disponível em: <http://www.4shared.com>.

3 PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX:* Tramas, Telas e Textos São Paulo/ Bauru: Edusp/Edusc, 1999, p.73.

4 ZEA Leopoldo Zea. *El pensamiento Latinoamericano*. Barcelona: Editorial Ariel, 1976.

5 Idem ibidem.

6 CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas:* o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.27.

democráticas. Por conta disto, propôs um enfoque holista e de uma sociedade orgânica cuja estratificação era baseada no saber.

Mas os efeitos esperados não vieram com a intensidade desejada. O apelo à integração e aos valores comunitários, feito nas circunstâncias de desigualdade social extrema, de luta intensa pelo poder e certo desarranjo financeiro, caía no vazio[7]. Nada havia transformado a velha e discutida herança ibérica. O positivismo, a chamada filosofia do progresso, se mostraria em fins do século XIX, aos olhos de uma nova geração, a geração com a qual se inicia a história contemporânea do pensamento da América Latina, como a filosofia do retrocesso[8].

Não havíamos conseguido ainda lidar com o nosso passado de modo que ele não fosse um obstáculo à modernidade.

Em 1883, o regime imperial dava sinais de declínio; era mister tornar o Brasil um país onde os códigos de civilização engendrados na Europa e nos Estados Unidos imperassem. E de certa forma, a república simbolizava a possibilidade de concretização destes ideais de progresso. Mas ainda em tempos imperiais, o país já tinha tomado contato com algumas práticas liberais conectadas com o que entendiam ser manifestações da modernidade, como a confecção da Lei de Terras de 1850, a Reforma Eleitoral de 1881, a Lei de Sociedades Anônimas de 1882,e posteriormente, a abolição da escravidão, que liberaria o trabalho[9] . Sem mais apoio que o sustentasse, o império cedera lugar à república, e vinha a certeza de que só com ela nos encontrávamos de fato aptos a lidar com os preceitos da civilização e do progresso. Segundo Maria Emilia Prado:

> Proclamada a República, reencontrávamos nossa origem (a liberdade) e estávamos prontos a cumprir nosso destino: o progresso e a civilização. Os primeiros erros do novo regime recebiam justificação, posto que não decorriam dele mesmo, mas sim, dos séculos de escravidão e do "maquievelismo do império". A tarefa republicana era deveras pesada. Tratava-se de romper com o passado recente, representado pela monarquia centralizadora e tornar viável a federação: com isso, acreditava-se, seria promovida a interação com os anseios mais remotos, expressos no já distante tempo colonial. Paralelamente, era preciso expurgar a mancha deixada pela escravidão, ou seja: do passado colonial resgatava-se o que era compreendido como anseio federalista, já que a escravidão tinha sido imposição metropolitana e mantida sob o império, porque este, por sua vez, fora uma imposição da "realeza aventureira" como alertava o Manifesto Republicano de 1870. Um mundo novo

---

7 Ver CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas:* o imaginário da República no Brasil São Paulo. Op. cit., p.31.

8 Ver ZEA Leopoldo Zea. *El pensamiento Latinoamericano*. Op. cit., p.409-10.

9 Ver CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.43-57.

> estava sendo construído, o que implicava demarcar o sentido da mudança. Para isto, fazia-se necessário o rompimento com quase todo o passado imediato[10].

A análise da fundação do regime republicano no Brasil vista a partir da pauta de propostas do Partido Republicano, como bem sugere José Murilo de Carvalho (Linguagens e fronteiras do poder, p.19), repousa na certeza de que o regime republicano vinha na esteira da tradição monárquica, com muito poucas tintas de renovação. O autor analisa o que chama de "uso indiferenciado dos conceitos de república e democracia", além da necessidade que alguns autores republicanos apontam de integração do Brasil à América pela mudança do regime, para concluir que o manifesto Republicano de 1870, com todas as suas variáveis republicanistas, fora vencido por uma idéia de República que não contemplava o

> tripé do manifesto [Republicano de 1870] – república-democracia- federalismo... [o Manifesto] foi reduzido a duas pernas: república e federalismo, uma república sem povo, em que votavam 5% da população. Em lugar da república dos sonhos dos propagandistas, Campo Sales construiu a República brasileira (p.32)

Além disso, o liberalismo "à brasileira" alterou na sua essência a relação entre os elementos que lhe são paradigmáticos: liberdade, ordem e autoridade.

O que se quer ressaltar aqui é a importância de uma cunhagem muito particular do conceito de progresso e de civilização no período que compreende o fim do Império e a aurora do regime republicano.

É um período onde, - embora com a presença de esforços no sentido de modificar o estado de atraso do país e colocá-lo em contato com a chamada modernidade, nas suas mais diferentes expressões, - "a tradição foi suficientemente forte para manter os valores de uma sociedade rural, patriarcal, hierárquica"[11], preparando o "terreno para a modernização conservadora dos anos 30"[12] .E quais foram estes esforços empreendidos no sentido de ordenar a vida no país a fim de desfrutar o que a civilização tinha a nos oferecer, mas que em pouco ou nada abrandaram a influência desta pesada influência ibérica? O incremento da vida econômica, e tudo que dela decorria, como investimento inglês, navegação, serviços

---

10 PRADO, Maria Emília. *Os impasses da cidadania na transição da Monarquia para a República no Brasil (1870-1902)*. Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo, 1992, v.II,p.500-01.

11 CARVALHO, José Murilo de. Brasil 1870-1914; a Força da tradição. In: *Pontos e bordados:* escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.107.

12 Idem ibidem.

urbanos, comércio; a paulatina extinção do trabalho escravo, completa em 1888, e um conseqüente aumento do incentivo à imigração[13]; a ampliação um pouco desordenada dos espaços urbanos, e aqui me refiro mais especificamente a capital:

> Como a maior cidade e a capital econômica, política e cultural do país, o Rio de Janeiro não poderia deixar de sentir, em grau mais intenso do que qualquer outra cidade, as mudanças que vinham fermentando durante os últimos anos do Império e que culminaram na abolição da escravidão e na proclamação da República... Alterou-se a população da capital em termos de número de habitantes, de composição étnica, de estrutura ocupacional. A abolição lançou o restante da mão-de-obra escrava no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente de subempregados e desempregados. Além disso, provocou um êxodo para a cidade proveniente da região cafeeira do estado do Rio e um aumento na imigração estrangeira, especialmente de portugueses[14].

A falta de empregos para tantos que chegavam à cidade alterou a fronteira entre a legalidade e a ilegalidade, já que grande parte deste contingente populacional desempenhava ocupações mal remuneradas ou sem ocupação fixa[15]. Ainda no que diz respeito à cidade do Rio de Janeiro, a falta de acomodações para tanta gente que nela chegava trazia problemas de natureza sanitária, como o violento surto de epidemias de varíola e febre amarela, por exemplo[16]. Necessitávamos de regras de civilidade, ainda mais por se tratar aqui no Brasil de espaços urbanos que em muito fugiram da tipologia clássica de formação e funções da cidade[17]. A tentativa de reorganização do espaço físico se fundia com a idéia de progresso e civilização, onde a ciência e a técnica se apresentavam como fatores de transformação social[18]: Escolas Politécnicas, Institutos de Pesquisa, como Manguinhos e Butantã; uma profusão de profissionais da medicina sanitária e legal, engenharia civil e geologia; missões civilizatórias empreendidas na periferia dos centros urbanos e interior do país em nome do progresso, da civilização e da modernidade, como a de Canudos, em 1896-1897 e a contra os rebeldes do Contestado, entre 1910 e 1915[19]. Não podemos deixar de ao menos citar a talvez

---

13 CARVALHO, José Murilo de. Brasil 1870-1914; a Força da tradição. In: *Pontos e bordados*: escritos de história e política. Op. cit., p.107

14 Idem ibidem.

15 Idem ibidem, p.17.

16 Idem ibidem, p.18-9.

17 Ver estudo realizado pela Prof.ª Dra. Maria Emilia Prado, em sua tese de doutoramento já aqui citada, vol. II, cap. III.

18 CARVALHO, José Murilo. Brasil 1870-1914; a Força da tradição. In: Pontos e bordados: escritos de história e política. Op. cit., p.107.

19 Idem ibidem,p.109-11.

mais significativa intervenção no espaço urbano neste período, a realizada por Pereira Passos e Oswaldo Cruz, iniciada em 1903:

> O período Passos representa, para a história do Rio de Janeiro, uma época de grandes transformações, motivadas sobretudo pela necessidade de adequar o urbano, visto aqui em sua acepção mais abrangente, às necessidades de criação, concentração e acumulação do capital... A Reforma Passos representa o primeiro grande exemplo de intervenção direta, maciça e abrangente do Estado sobre o espaço urbano carioca, intervenção essa que teve dois eixos básicos de sustentação: o controle da circulação e o controle urbanístico...A conseqüência imediata da cirurgia comandada por Passos no início do século foi, sem dúvida, a agudização de um problema que já era crônico e que tinha um alto poder de explosividade -qual seja, o da habitação popular[20]. Isso sem falar no que a proposta de implantação da vacina obrigatória desencadeou tanto no âmbito do Congresso, quanto nas ruas[21].

É esperado que esta animação tenha se dado também no campo das idéias. Várias correntes de pensamento aportaram em terras brasileiras ainda no Império e entraram República adentro, recepcionadas de uma forma bastante particular. José Murilo de Carvalho explica:

> A República não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Mas, por um momento, houve um abrir de janelas, por onde circularam mais livremente idéias que antes se continham no recatado mundo imperial. Criou-se um ambiente que Evaristo de Moraes chamou com felicidade de porre ideológico, e que poderíamos também chamar, sob a inspiração de Sérgio Porto, de maxixe republicano doido. Nesse porre, ou nesse maxixe, misturavam-se, sem muita preocupação lógica ou substantiva, várias vertentes do pensamento europeu. Algumas delas já tinham sido incorporadas durante o Império, como o liberalismo e o positivismo: outras foram impulsionadas, como o socialismo; outras ainda foram somente então importadas, como o anarquismo. Entre os republicanos históricos, havia os que se ligavam à corrente liberal spenceriana e federalista, à moda de Alberto Sales e dos paulistas em geral, e os que se inspiravam antes na tradição da Revolução Francesa, que favorecia uma visão mais rousseaniana do pacto social, mais popular e centralista ao estilo de Silva Jardim, Lopes Trovão, Joaquim Serra. E havia ainda os positivistas, que exultaram com o advento do novo regime, julgando ter chegado a hora, a que se consideravam destinados, de exercerem a tutela intelectual sobre a nação. Mas mesmo entre eles houve divisões – entre a ortodoxia da Igreja Positivista e as variantes civil e militar, que da doutrina retiravam apenas os aspectos que mais interessavam à ação política[22].

A produção intelectual brasileira neste período caminhava rumo à normatização do “moderno” na vida do país, um desejo que chegaria como herança a Oliveira Vianna e aos outros intelectuais da sua geração. Desta forma, era a

---

[20] ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. *Revista do Rio de Janeiro*, Niterói, vol.1, n.2, 1986, p.52-3.

[21] CARVALHO, José Murilo. Brasil 1870-1914; a Força da tradição. In: Pontos e bordados: escritos de história e política. Op. cit., p.107.

[22] Idem ibidem.

crença na ciência e no poder das idéias as soluções para o atraso do Brasil o que norteavam as obras deste período:

> O pensamento dos autores que produziram seus trabalhos entre 1870 e 1914 foi dominado pelo sentido de atualização, de modernização. Roque Spencer Maciel de Barros usa o termo "ilustração" para caracterizar estes homens que queriam iluminar o país através da ciência e da cultura. Segundo eles, os problemas nacionais, provocados pela ignorância, só poderiam ser sanados por uma reação "científica". Esta geração ilustrada "guardou a crença absoluta no poder das idéias, a confiança total na ciência e a certeza de que a educação intelectual é o único caminho legítimo para melhorar os homens". Seu projeto era colocar o país ao "nível do século", superar seu "atraso cultural" e acelerar sua marcha evolutiva a fim de que o Brasil pudesse alcançar a parcela mais avançada da humanidade. Outro traço que caracterizava essa geração era um "esforço de universalização", em oposição à busca de singularidade, marca do romantismo. A elite intelectual aceitou aquelas idéias que permitiam pensar a integração do Brasil na cultura ocidental. O positivismo, o darwinismo, o spencerismo e o materialismo preencheram o mesmo papel: essas correntes veicularam uma filosofia da história que possibilitava esta integração ao moderno, ao científico, ou ao Estado positivo[23].

Se ampliarmos as fronteiras e nos remetermos ao "mundo civilizado", veremos que as transformações sociais sentidas no Brasil tinham nele o seu foco irradiador: a nova dinâmica do sistema capitalista, expressa em um desenvolvimento constante da civilização mecânica e industrial; e uma aliada estruturação da mentalidade cientificista/ determinista como fornecedora destes padrões baseados em poder e em progresso, eram os grandes elementos para as mudanças no Ocidente. Estes intelectuais intentavam construir nossa identidade, redesenhando nossa tradição, recompondo a nossa história e refundando o nosso passado, através de duas vias: a cultura e a política, dotados de uma lucidez que os permitia enxergar que uma simples adaptação de idéias implicaria em um previsível fracasso. Podia então, pensar a nação brasileira pela elaboração do pensamento político e/ou pela expressão literária. Era real a capacidade do intelectual desta época de conhecer o Brasil, num processo de autoconsciência e por isso, suas inquietações eram direcionadas à construção de um projeto nacional, cientes de seu papel social. A conquista pela nação brasileira de uma posição no mundo ocidental era urgente, e os intelectuais estavam a frente desta importante missão.

Estamos falando, vale reforçar, do período compreendido entre as últimas décadas do século XIX até a segunda década do século XX, época que começava a ser delineada em definitivo a atuação dos intelectuais brasileiros, não somente a partir da sua já estabelecida relação com o Estado, mas principalmente pela sua

---

[23] OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República.* São Paulo: Brasiliense, 1990, p.81.

constituição enquanto membro de um grupo social com status de classe. Se ampliarmos as fronteiras e nos remetermos ao “mundo civilizado”, veremos que as transformações sociais ocorridas no Brasil tinham nele o seu foco irradiador: a nova dinâmica do sistema capitalista, expressa neste chamado mundo civilizado em um desenvolvimento constante da civilização mecânica e industrial; e uma estruturação da mentalidade cientificista/ tecnológica como fornecedora destes padrões baseados em desenvolvimento e em progresso; esses eram os grandes elementos para as mudanças no Ocidente. O contexto da Primeira República (1889-1930) destaca-se como particularmente expressivo. É neste momento, em que se inicia, mesmo que em bases precárias, o processo da moderna comunicação de massa e formação de uma opinião pública.

Neste cenário, estes intelectuais tentavam construir nossa identidade, redesenhando nossa tradição, recompondo a nossa história e refundando o nosso passado, através principalmente de duas vias: a política e a cultura. Os diferentes modelos de identidade nacional que assim foram elaborados tinham no passado colonial e imperial, na excelência de nossas tradições e na ação da Igreja Católica o seu elemento básico de formação. Podia-se então, pensar a nação brasileira pela elaboração do pensamento político e/ ou pela expressão literária. Os intelectuais desta época tentavam conhecer o Brasil, num processo de autoconsciência, e por isso, suas inquietações eram direcionadas à construção de um projeto nacional. Para estes intelectuais, a conquista pela nação brasileira de uma posição no mundo ocidental era urgente, e eles estavam à frente desta importante missão, onde se destacava a persistência na busca por uma originalidade brasileira, invalidando uma transposição de valores. O Estado, para a maioria deles, se constituiria como o grande viabilizador na aplicação destes projetos: o Estado construiria a nação. Eles desejavam estabelecer, com suas análises um marco na passagem de um nacionalismo naturalista, ou romântico, para outro de temática político-social. A atmosfera na capital do país era de grande atividade intelectual, aliada ao desenvolvimento de estudos sistemáticos de literatura. Tendo estes intelectuais a imprensa como palco informal para a exposição de idéias, escolhemos como fonte privilegiada para a nossa pesquisa o mensário *Revista do Brasil* que em sua primeira fase, de circulação entre 1916 e 1925, se transformou num importante fórum de discussões a respeito das chamadas questões nacionais, no intuito de assegurar a sua sintonia com o moderno, onde o sentido do moderno no Brasil é

polissêmico; de um lado, ele é prontamente associado à mentalidade das conquistas científico-tecnológicas e ao desenvolvimento do processo urbano-industrial, de outro, marcante a sua vinculação à esfera das idéias e das representações, enfatizando-se a urgência de construir um modo de ser nacional.

A partir deste momento, busca-se uma individualização da experiência histórica brasileira, através de um olhar sobre o seu passado ao mesmo tempo em que fora feita uma tentativa de inseri-la no Ocidente, como parte de um receituário modernizador futuro para o país. Eles, os intelectuais, escrevem com uma direção determinada. O sonho era corrigir o Brasil, sonho este materializado em 1930, quando o Brasil realizou uma tentativa fundamental no sentido de entrar no ritmo da história, tornara-se contemporâneo do seu tempo, organizar-se segundo os interesses dos seus setores sociais mais avançados. Foi nesta década que se formularam as principais interpretações do Brasil Moderno, configurando uma compreensão mais exata do país. Muito do que se pensou antes é polarizado e decantado nessa época. E muito do que se pensou depois emana das interpretações formuladas até então. Os prenúncios do Brasil moderno esbarravam em pesadas heranças de escravismo, autoritarismo, coronelismo e clientelismo.

Portanto, o papel do intelectual no Brasil passou a ser bastante ativo, dando-lhe a oportunidade de vislumbrar suas propostas vertidas em práticas políticas.

Para o esboço de um estudo comparativo, nomeamos também a revista *Proa*, argentina, na década de 20 , dirigida por Jorge Luis Borges, que nos ajudará a apontar os traços dos intelectuais que aqui queremos cotejar.

Há que se faça uma distinção entre o intelectual brasileiro e o intelectual latino-americano, já que o conceito de iberismo será apreendido de diferentes prismas. Enquanto que no primeiro a formulação do pensamento não é teórica, é empírica e pragmática, formatada em diagnóstico; no segundo, ele se formula a partir de indagações quanto à força do contexto cultural latino-americano. Porem, ambos, se apresentam como organizadores e atuantes políticos e administrativamente.

O que podemos adiantar aqui é que tratamos de dois representantes de um esboço de estruturação de uma ideação política: A “América Latina” “não foi e não é um local, uma entidade preexistente, mas um projeto político”[24]

[24] BURKE, Peter. *O Historiador como colunista:* ensaios da Folha. (Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.160

Mesmo assim, o período aqui nomeado demonstra algumas importantes especificidades destes dois países, o que vai, invariavelmente, acarretar diferentes padrões intelectuais expressos nos periódicos.

Incluída aqui a análise histórica que aborda a trajetória argentina em ciclos, nos ocuparemos objetivamente do seu segundo: o período da segunda metade do século XIX até meados do XX.

1.2 **Ecos da Revolução de Mayo**

O país trava a partir dela uma busca de uma fórmula política que contemple sobretudo traços federalistas - o Tratado de Pilar e o Pacto Federal são expressões iniciais desse anseio, muitas vezes, é fato, dificultado pela relação Buenos Aires/ demais províncias: Citando Felix Luna, que resume de maneira precisa este período da história argentina:

> Entre as novidades relacionadas com a Revolução de Mayo, está a noção de igualdade... O sentimento antiespanhol, a liberalização do comércio, os conceitos de soberania popular e de igualdade são todos transformações que aparelham uma transformação tão direta, tão abrupta com a Revolução de Mayo mesma... Entre 1810 e 1820 a Revolução de Mayo significou uma transição de fundo. Ocorreram coisas que nunca antes haviam sucedido, feita uma transformação real da sociedade, cujas manifestações adquiriram um tom mais livre e desenfreado, juvenil...Neste contexto se foram perfilando alguns lideres revolucionários que na época do antigo colonial não tiveram a menor possibilidade de figurar politicamente.[25]

Avançando na história, com um esquema político em curso, o país assistiu a uma sucessão de acontecimentos que ora aproximava-o das experiências nacionais modernas, ora o fazia retornar de encontro ao seu passado que ainda era muito presente.

Mesmo assim, encontramos quase um consenso entre os autores que garantem que a Argentina, neste momento, era, dentre os países da América Latina, o que se encontrava em maior proximidade com os preceitos da modernidade. A causa, apontam, é a chamada “Revolução dos Pampas”: – a inserção do país na economia mundial através da racionalização do uso da terra:

---

[25] LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos.* 8.ed. Buenos Aires: 1995, p.72

> Os proprietários arrendavam franjas mais ou menos grandes de seus campos, geralmente a imigrantes,chacareiros que pagavam em produtos ou em dinheiro, segundo os contratos que faziam e que foram concretizando o que James Scobie, um investigador norte-americano chamou a Revolução dos Pampas [...] Estes fatores e mais a criação progressiva, mas muito rápida, de uma classe média, distinguiam a Argentina destes anos de outros países da América Latina, onde o que existia era uma classe oligárquica muito rica, geralmente assentada sobre a propriedade da terra, e uma enorme magma de povo que não vivia muito diferente da época colonial. Na Argentina, ao contrário havia uma população formada sobretudo com imigração branca, cujos filhos recebiam os benefícios de uma educação obrigatória, que se estruturou quase paralelamente à política de imigração e à pacificação[26].

A Argentina parece que já estava se construindo, enquanto que o Brasil ainda procurava o molde preciso de seu projeto de nação.

O incremento e conseqüente robustez da economia de um país é melhor percebido, se comparamos os dois países neste período, em terras argentinas; muito embora a natureza dos produtos exportados e a dependência do capital externo, seja comum a ambos:

> Os dados comparativos do crescimento do PIB na Argentina e no Brasil representam um indicador mais importante das conjunturas econômicas em cada um dos países. As tendências gerais apontam para a semelhança dos dois casos. Entretanto, a Argentina apresenta uma linha de ascensão bem mais prolongada que vai dos anos 80 do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, não obstante a ocorrência de conjunturas adversas de curto prazo, como é o caso da crise financeira de 1890. O Brasil atravessa um período complicado em toda a década de 1890 marcado pela crise que se seguiu ao Encilhamento e pelas revoltas Federalista e da Armada. A partir de 1901, retoma o crescimento que vinha de décadas anteriores, mas em ritmo bem menor do que o da Argentina, e apresentando muitas flutuações.[27]

Do ponto de vista do ordenamento institucional, é a partir de 1880 que o Estado argentino consolida seus principais pilares, através da criação de importantes institutos políticos organizacionais:

> O Estado Nacional... se afirmou através da criação de organismos importantes como o Conselho Nacional de Educação, o Banco Hipotecário Nacional e os ministérios com vigência em todo o país, como o de Obras Públicas, por exemplo, ou o de Instrução Pública. E, ademais, com a formação de um exército nacional, que depois da lei de conscripção obrigatória, teve realmente força.[28]

Falando em participação política e sistema político-partidário, é imperativo mencionar a importância da criação da Lei Sáenz Peña de 1912, que, embora não

---

[26] LUNA, Felix. Breve historia de los argentinos. Op. cit., p. 143-4.

[27] FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina:* um ensaio de história comparada. São Paulo, Ed.34, 2004, p. 157-8.

[28] LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos.* Op. cit., p. 147.

tenha tido o alcance democrático profundamente transformador, colocou o país em condições políticas experienciadas pelo Brasil somente tempos depois.

No período que aqui nos interessa, a Argentina é, para seus intelectuais, uma nação de questionamentos da sua própria formação, quando da Europa horizonte, mas que é, inegavelmente, um país de instituições claramente definidas:

> Entre 1912 e 1930, [...] a continuidade constitucional foi perfeita e o jogo dos partidos chegou a um razoável nível de pluralismo, de convivência, de formação e substituição de elencos. Ademais de ter sido o período mais brilhante do Parlamento argentino em toda a sua história.[29]

Contudo, desconsiderar os efeitos da crise de 1929 na economia argentina deixaria este breve panorama um tanto quanto incompleto, mesmo que um pouco depois do período aqui definido.

A Argentina, como qualquer país de capitalismo tardio, experimentou os amargos efeitos, principalmente no que diz respeito à atividade industrial e empregos:

> A crise provocou uma redução de valor de compra da produção agropecuária argentina, por duas vias: se exportou menos e a preços inferiores... Como conseqüência disto, se produz um desabastecimento de produtos industriais, que o país não se encontra em condições de adquirir no exterior. Deste modo, se quebra o funcionamento do sistema de divisão internacional do trabalho, ao que a Argentina havia se incorporado meio século antes e no qual havia baseado sua prosperidade.[30]

Ainda com esta referência, é um período no país onde os intelectuais serão profundamente reativos a esse panorama de consternação e tristeza:

> Assim, a década de 30 está carregada de testemunhos de angústia e desesperança, que ao mesmo tempo refletem a derrubada de valores tradicionalmente aceitos. Alguns são textos de crítica social. Outros, ao contrário, são expressões de desolação, formuladas por quem sente a crise do mesmo modo que uma catástrofe natural, resistindo a acreditar que o que sofrem seja obra humana, obra consciente e deliberada da política econômica[31].

Uma intervenção estatal mais aguda, em todos os países que sentiam os efeitos da crise, se fazia necessária, e na Argentina não fora diferente:

---

29 LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos.* Op. cit.,p.155.

30 BRAILOVSKY, Antonio Elio. *Historia de lãs crisis argentinas 1880-1982*. Um sacrifício inútil. 3.ed. Buenos Aires, 1982, p.82.

31 Idem ibidem, p.125.

> É notória a influência que a crise de 1929 teve nas economias latino-americanas, em seu comércio exterior, no fluxo de capitais para a região e em sua inserção internacional. De início ela provocou em ambos os países uma forte queda do PIB, seguida de uma recuperação mais rápida no Brasil. Na segunda metade da década de 1930, os dois países tiveram um crescimento sustentado, mas muito mais acentuado no Brasil: 25% do PIB no qüinqüênio 1935-1940, contra 14% da Argentina no mesmo período[32].

Mais que isso: a década de 30 aparece na história argentina como a introdutória da participação mais do que ativa de forças militares, no sentido da garantia da ordem e prosperidade do país: como nos explica Felix Luna, foi a década que

> significa o começo da ingerência das forças armadas na política e a descrença na democracia, uma democracia que não era perfeita, mas que havia conseguido usos políticos civilizados, pluralistas, tolerantes que, a partir deste momento, vão se esvaindo[33].

Ambos, Brasil e Argentina, vão provar de técnicas autoritárias; mas em terras argentinas, esta nova fase de sua trajetória representou uma mudança bussolar, enquanto que no Brasil, uma continuação travestida de novas feições, mas de igual essência. Repousa características que favorecem, e muito, governos de perfis centralizadores e autoritários.

Em Félix Luna, a respeito da Argentina e da traumática mudança de rumo:

> A revolução de 30foi um momento importante de nossa história contemporânea porque marcou o fim de uma etapa e o começo de outra. Significou algo que não havia ocorrido até então na história constitucional argentina: a derrocada de um governo legítimo por um golpe militar – ou, em todo caso, um golpe cívico militar. A meu juízo, foi um acontecimento catastrófico pelas conseqüências que implicou e pelas possibilidades promissórias que encerrou.[34]

Barreiras quase que intransponíveis para os dois países na difícil empreitada que é construir-se. Através de códigos de civilização modernos, os países de capitalismo tardio metamorfoseiam suas distintivas, e em algum momento, O Brasil é mais bem sucedido, a Argentina em outros.

Com esta breve exposição, intentamos reavivar alguns temas neste processo, abrindo para que no próximo capítulo possamos, com mais cuidado, pensar o intelectual na condução de seu próprio norte, através das revistas.

---

32 FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina:* um ensaio de história comparada. Op. cit., p. 253

33 LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos.* Op. cit., p.167.

34 Idem ibidem, p. 171.

1.3 **Os intelectuais e o cenário americano**

Uma amostra da produção intelectual hispano-americana é justamente o que chamamos aqui de "*circuito arielista"*; cunhamos esta expressão para que ficasse clara a pertinência da afirmação de existência de uma intensa e frutífera rede intelectual constituída por homens das mais diferentes formações, e que traziam no bojo de suas análises o desejo que este entrelaçamento se constituísse em uma interface entre eles, quer dizer, uma identidade.

Este círculo se constituiu de intelectuais integrantes de vários periódicos, que lidavam com questões próprias da fragilidade latino-americana na estruturação de suas respectivas nações: delimitações de fronteiras e integração territorial,emergência de regimes de tendências autoritárias, influência/controle norte-americano (mais especificamente vivenciado pela República Dominicana), incremento da economia baseado na exportação quase que exclusiva de bens primários, e por fim, o exercício ainda débil do direitos trabalhistas, via estruturação do movimento sindical.

Com isso, como seria a análise da produção dos intelectuais brasileiros, às voltas com a construção da identidade nacional, se comparada às abordagens dos intelectuais hispano-americanos, inseridos em sociedades em que a equação tradição/modernidade já contava com certo grau de amadurecimento?

De fato, é também a intenção deste trabalho buscar um entendimento quanto ao diferente papel desempenhado pela tradição ibérico-barroca na trajetória destes países: enquanto que no Brasil no início do século próximo passado, ela foi determinante na elaboração de propostas desconstrução da nação, nos outros países aqui determinados sua presença não foi impeditiva quanto à construção de uma institucionalidade incorporadora. O que nos permite afirmar que, no Brasil, a maioria das análises a respeito da presença da herança ibérica na formação social brasileira avançou muito mais em direção à ação política do que na América Hispânica, onde se restringiu ao campo da cultura, a uma espécie de preservação de uma *hispanidad* que poderia não estar necessariamente vinculada à ação do Estado.

Com isso, as análises dos intelectuais hispano-americanos que trabalhavam com o iberismo nesta época contavam com um pouco diferente daquele que fora

encontrado pelos brasileiros, mas que, ainda assim não estava de todo livre das dificuldades desta porção do continente americano. O intelectual hispano-americano irá se questionar, quanto à força do contexto cultural latino americano. Não fazia parte da preocupação destes intelectuais e a construção ou restauração da nação, mas sim expressar sua inquietação frente a uma tendência ao predomínio cultural norte americano[35], obrigando-o a uma defesa apaixonada de uma tradição ibérica que dava os fundamentos culturais latino americanos. Mais que isso, tentaremos mostrar que a proposta deste grupo dizia respeito à formação de uma espécie de confederação de nações de origem ibérica, buscando com isso uma identificação do Brasil com as nações de origem espanhola, elaboradores, com isso, de uma doutrina mais atenta às realidades próprias da América Latina[36]:

> Não penso em tais limites com o sentido de uma negação absoluta -Compreendo perfeitamente que se adquiram inspirações, luzes, ensinamentos no exemplo dos fortes; e não ignoro que uma atenção inteligente, fixada no exterior, para refletir de tôdas as regiões a imagem do benéfico e do útil, é singularmente fecunda quando se trata de povos que ainda estão formando e modelando sua entidade nacional. Compreendo bem que se deseje retificar, pela educação perseverante, aquêles traços do caráter de uma sociedade humana que necessitem adaptar-se às novas exigências da civilização e às novas oportunidaes da vida, equilibrando assim, por meio de uma influência inovadora, as fôrcas da herança e do costume. – Mas, não percebo glória alguma em desnaturalizar o caráter dos povos -seu gênio pessoal – para lhes impor a identificação com um modelo estranho, ao qual sacrifiquem a originalidade insubstituível de seu espírito; nem a crença ingênua de que isto possa ser obtido mediante os processos artificias e improvisados da imitação. – Estairrefletida transferência do que é natural e espontânea em uma sociedade, para outra, onde não tenharaízes, nem na natureza nem em história, equivalia para Michelet à tentativa de incorporar, por simples agregação, uma cousa morta a um organismo vivo. Na sociabilidae, como em literatura, e arte, apenas contribui para deformar as linas de modêlo. O equívoco dos que pensam haver reproduzido, no essencial, o caráter de uma coletividade humana, as fôrcas vivas de seu espírito, e com isto o segrêdo dos seus triunfos e de sua prosperidade, reproduzindo exatamente o mecanismo de suas instituições e as formas exteriores de seus costumes, faz pensar na ilusão dos ingênuos principiantes que imaginam ter adquirido o gêniodo mestre por terem copiado as formas do seu estilo e seus processos de composição.[37]

O que nos interessa aqui, dado o período histórico a ser estudado, é entender as especificidades da atuação destes intelectuais latino americanos. Sublinhamos aqui um tempo de crise da ordem liberal, o que ressalta ainda mais oseu papel missionário[38].

---

35 ZEA Leopoldo Zea. *El pensamiento Latinoamericano*. Op. cit.

36 Idem ibidem, p.413.

37 Ver RODÓ, José Enrique. *Obras completas.*2.ed. Buenos Aires: Zamora, 1956, p.90-2.

38 Ver BASTOS, Elide Rugai;REGO, Walquiria D. Leão (org.).*Intelectuais e Política.*A moralidade do compromisso. São Paulo: Olho Dágua,1999.

Como nos explica Louis Dumont, o indivíduo, na modernidade, se encontra, por completo, “dentro do mundo”, fruto de acontecimentos que o tiram da condição de subordinado em relação ao mundo: o Renascimento, a Reforma Protestante, e coroando, a Revolução Industrial. Eles libertam o homem da tutela religiosa e da rede holista, que se vê entregue agora a questionamentos derivados da sua nova condição de definidor da própria trajetória.

Buscou-se então estabelecer a sociedade ou o Estado possível a partir do isolamento do indivíduo “natural”, onde o instrumental teórico passou a ser a idéia de contrato, ou em outras palavras, o estabelecimento de regras de convivência. Louis Dumont marca a existência de dois tipos de contrato: o de associação, estruturado a partir da proteção à liberdade, e o de sujeição, cujos tipos, em maior ou em menor grau, representarão tentativas de resolver as questões surgidas com o individualismo: o direito à igualdade e o direito de proteção à propriedade.

As propostas que surgiram, cujo objetivo sempre foi o de organizar o mundo, eram dirigidas ao indivíduo, na sua qualidade mais primária: o ser, agente, motor de mudanças, cujo caminho era marcado pela presença da razão, seja o cálculo utilitário, ou na a razão derivada da ética.O indivíduo liberta-se da comunidade e lança-se à multidão; a cidade é o espaço privilegiado deste indivíduo, não importando qual é a avaliação feita a seu respeito: cidade como virtude, , como vício e para além do bem e do mal, pois em todas estas, a cidade é produtora de conhecimento, pois permite a manifestação de novos atores sociais e o estabelecimento de suas relações uns com os outros.

O papel do intelectual na modernidade se conecta primordialmente à questão da formação do espaço público; ao atuar neste espaço, ele se liberta e amplia seu público e suas trocas. A figura do intelectual é dotada de autonomia e razão crítica em relação aos poderes constituídos: Igreja, nobreza e Estados absolutistas. [39]

Somado a isso estão a constituição de espaços acadêmicos enquanto espaços de liberdade do espírito, e espaços de vivência urbana, as cidades, abertas a uma inteligência boêmia e produtiva[40].

---

[39] Ver BASTOS, Elide Rugai; REGO, Walquiria D. Leão (org.). *Intelectuais e Política.* A moralidade do compromisso. Op. cit.

[40] Ver JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais:* a cultura americana na era da academia. (Trad). São Paulo:Edusp,1990,cap.2.

Todo este processo de constituição do tipo intelectual encontra na cidade o seu lócus privilegiado; a cidade como o espaço de exercício da liberdade de formação de cidadãos.

Seja qual for a interpretação do espaço urbano, a definição do modelo de cidade para este mundo conquistado pelo indivíduo passava pela idéia de autonomia urbana, de autonomia do homem na/da cidade[41]. Ainda sob o argumento de Sérgio Rouanet, o homem experimentava a possibilidade de concretização de uma "cidade iluminista", onde ela seria socialmente aberta, porosa ao exterior, hospitaleira ao Outro, capaz de absorver a diferença; mas que insistiria numa fronteira – a que existe entre a vida urbana e a natureza[42].

No Brasil não fora bem assim; se não apenas uma extensão do mundo rural, com suas hierarquias e suas casas grande e senzalas, a formação das cidades, de fato, não pode se encaixar no que acima nos referimos:

> As povoações, vilas e cidades nasceram na América portuguesa mantendo vínculos estreitos com a grande propriedade produtora de gêneros destinados a atender a demanda metropolitana...Como indicou Ilmar R. de Mattos, era na 'cidade colonial' que os monopólios de colonizadores e colonos tinham seu ponto de interseção e isto ocorria de modo diverso da cidade clássica, que se distingue por ser núcleo político e mercado, sendo assim um local referido às noções de liberdade e igualdade.[43]

Se de fato houve uma movimentação nestes espaços urbanos, e falamos basicamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, temos que considerar dois pontos importantes neste trânsito: era reduzida a produção destas idéias (noção habbermasiana de "esfera pública literária") e a recepção destas, mais ainda.

O intelectual brasileiro de fins do século XIX e começo do XX, desencantado com a ordem liberal instituída[44], ainda que o cenário das cidades tivesse se dinamizado sensivelmente, também guardava esta singularidade: havia uma nação a ser construída, e não pelo mercado, como expressão prática do indivíduo, e sim pelo Estado, ator protagonista.

---

41 ROUANET, Sergio Paulo. A Cidade Iluminista. In: SHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme *Memória, Cidade e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997, p. 9.

42 Idem ibidem, p. 11.

43 Ver PRADO, Maria Emilia. *Memorial das desigualdades* – Os impasses das cidadanias no Brasil (1870-1902). Rio de Janeiro: Revan, 2005, p.131-2.

44 Ver PEIXOTO, Antonio Carlos Peixoto. Liberais ou Conservadores? In: PASCHOAL, Lucia Maria Guimarães; PRADO, Maria Emilia Prado (orgs.). *O Liberalismo no Brasil imperial:* origens, conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Revan:UERJ,2001.

Já o intelectual da América Hispânica se impunha outro tipo de missão, tão importante quanto a do brasileiro: ainda que a fragilidade frente ao domínio metropolitano fosse uma realidade, havia elementos culturais que para este intelectual poderiam representar uma espécie de alternativa ao mundo utilitarista que estava naquele momento em xeque[45]: a defesa destes elementos frente ao perigo que acabaria descaracterizando este "outro ocidente" era sua tarefa. Em resumo, o modernismo no Brasil, como na América Hispânica, se apresenta como uma busca pelo estabelecimento de uma "palavra nacional", pela fundação de uma determinada prática histórica e sociológica, através do iberismo entendido como uma categoria de análise, via cultural e/ou política.

1.4 **Indicações de análise: Mannheim e Miceli**

A partir da constituição do *ator* intelectual e sua participação na construção ou tentativa de, da nação, torna-se necessário a combinação de duas indicações de análise a esse respeito, já que a escolha de somente uma não daria conta desta problemática.

Forma de Pesquisa do Objeto a partir do Contexto Elaborado por Karl Mannheim[46]

Cotejar o estudo do intelectual, recriando o ambiente da época, ao colocá-lo em diálogo com seus pares que partilhavam um desejo de fazer do Brasil um país moderno é a proposta desta indicação. Ao tentarmos também entender o surgimento e a recepção de suas idéias, além da transformação das mesmas em prática corrente, ansiamos em tentar entender um pouco o Brasil, um país que experimentava nas primeiras décadas do século XX um período de ebulição, no que diz respeito à produção intelectual de seus membros, ávidos em pôr suas idéias a serviço de uma nova direção política. O pensar dividia espaço com o executar. Acompanhado por uma preocupação quanto ao que nos impede em que nos constituíssemos uma nação, o intelectual, de relação estreita com o serviço público,

---

45 Ver Richard Morse. *O Espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas.* (Trad.) São Paulo: Companhia das Letras,1988.

46 A obra de Karl Mannheim, Ideologia e Utopia, nos serve de "norte" para o tipo de escrita e abordagem aqui desenvolvida. Não necessariamente ela aparece referenciada ao longo do texto, mas sim previamente definida como guia.

combinou um poder político, conferido pelos seus cargos, com um poder ideológico, expresso pela produção e transmissão de idéias, de símbolos e de visões de mundo. Os intelectuais desciam do céu de idéias rumo à terra dos fatos e das ações.

Encontramos no contexto analítico de Karl Mannheim a direção que julgamos mais adequada a esta investigação, pois fornece os fundamentos metodológicos ao trabalho.

Após trabalhar com garantias absolutas que legitimavam situações políticas, como Deus, a Razão, e a História, o intelectual que Mannheim analisa vive um esforço cada vez mais latente em entender nosso lugar na ordem social, expresso num processo de auto-interpretação e de reconstrução, resultante de uma compreensão sociológica e histórica da realidade.A sociologia entendida como uma espécie de filtro de racionalização dos resíduos tradicionais, controlados pela interpretação sociológica do conhecimento.

Mannheim rechaça a afirmação que existe uma classe de intelectuais, ou uma *intelligentsia monolítica*, pois analisa o intelectual sob o aspecto do indivíduo, mergulhado numa multiplicidade de agrupamentos, de filiações múltiplas e motivações ambivalentes, que dá a seu grupo um leque de perspectivas que uma classe não comportaria.

O intelectual, para Mannheim, é um elemento ativo na organização social, e que conta com instrumentos de análise fornecidos pela sociologia que devem atuar como organizadores das regulações sociais, tais como o mercado, a educação, a propaganda e a família.

Como proposição de análise, Mannheim determina que o estudo do que chama “antecedentes sociais” do intelectual represente o ponto de partida, mas jamais atue como determinante na compreensão do tema, pois ao ascender à condição de componente de um grupo “exclusivo”, este intelectual tende a dissociar-se de sua antiga classe e de seus antigos valores herdados, o que faz de sua nova realidade o ponto central da análise.

E é a análise deste novo momento, em todos os seus aspectos, como a relação com outros intelectuais e suas experimentações teóricas, definido pelo autor como sendo o *habitat social* do intelectual, que constituirá a chave para a compreensão do tema.

O que Mannheim propõe, portanto, é uma análise onde constem:

1. Os antecedentes sociais do intelectual;

2. Sua ascensão, verificada se individual ou em grupo, - estes dois pontos considerados secundários em relação aos seguintes;
3. A posição de sua geração em relação a outras;
4. Seu habitat social, além do tipo de agrupamento no qual ele desenvolve suas atividades.

O tipo social “intelectual” se equipa de diferentes perspectivas para encarar os problemas de sua época.

É forçoso um afastamento de seu grupo social de origem, a partir de seu desejo de universalizar o seu pensamento.

Como não estão presentes em Mannheim anteparos institucionais remodeladores dos indivíduos, e dentro disso, o Estado-força não se apresenta como ator principal na organização de técnicas regulatórias sociais, o estudo acerca da produção dos intelectuais deve realçar destas o viés muito mais propositivo, na medida em que devem objetivar, segundo o contexto “mannheimiano”, a produção de meios de ação, do que propriamente normativo.

Forma de Pesquisa do Objeto a partir do Contexto Delineado por Sérgio Miceli

A proposta de Sérgio Miceli para o estudo dos intelectuais no Brasil gravita em torno da mediação entre a origem social e os caminhos intelectuais a serem seguidos por estes indivíduos.

A especificidade do contexto de Miceli está em fornecer um terceiro elemento no ingresso do intelectual em um cenário profissionalizado: o apadrinhamento.

Dentro disso, a noção de campo intelectual, cara ao seu contexto, mesmo que no Brasil incipiente no período aqui escolhido (décadas de 20 e 30) não faria com que o indivíduo, no caso aqui, os dois intelectuais escolhidos, se destituíssem de suas características; muito pelo contrário, a partir delas, desenhasse suas propostas, elaborando estratégias de conservação que reafirmassem padrões estéticos, no caso brasileiro, a tradição iberista.

De influência bourdieusiana, Miceli nos mostra a atividade intelectual como disputa. Aqui, suas idéias necessariamente devem ser compreendidas não como propositivas, e sim normativas, ou como parte das “estratégias que lançaram mão

para se alçarem às posições criadas nos setores público e privado do mercado de postos entre 1920 e 1945”

Aqui, neste contexto, eles devem ser vistos deve ser visto como atores imersos em um debate entre agentes e instituições para controle do campo intelectual. E os seus projetos para o Brasil como a materialização de táticas de disputa de um determinado olhar a respeito do país a ser reorganizado.

Dentro do que se entende ser a topologia da estrutura interna do campo, eles devem aparecer imersos em um contexto de instituições e hierarquias, que também devem ser apreciados.

Citando a abordagem de Miceli no estudo: “Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação... O estudo da vida intelectual brasileira em seu período de formação constitui uma ocasião privilegiada de compreender as modalidades com que a produção literária contribui para o trabalho de dominação, contribuição que assume formas mais complexas e dissimuladas num campo intelectual dotado de maior autonomia relativa. De outro lado, tal estudo permite captar alguns dos determinantes sociais da atividade intelectual que muitas vezes passam despercebidos num campo intelectual mais autônomo, dispondo de aparelhos de celebração cuja função básica consiste em encobrir as condições sociais que presidem à produção e à recepção das obras.”

Está proposta então uma análise que:

1. Congregue a noção de campo intelectual com a percepção da força de atração do Estado a este intelectual em particular, o que nos dá uma idéia de perda de autonomia deste campo, a partir da combinação de suas origens sociais (oriundo de uma família de certa decadência oligárquica) e sua trajetória intelectual e profissional (um “técnico” a serviço do governo);
2. Concomitante a isso, a dilatação de uma análise acerca de outras propostas, como por exemplo, um estudo comparativo. através do embate entre estratégias de conservação e estratégias de inovação do campo intelectual brasileiro.

Para dar conta do tema, uma reflexão só se apresentaria no mínimo satisfatória se combinasse essas duas sugestões de exame, abrindo espaço para o que está cercando o tema: o permanência de um delineio ibérico na gênese da nação, em todos os seus feitios, em todos os seus atores.

1.5 Norte de proposta de revisão historiográfica a partir da utilização da metodologia da história dos conceitos

O objeto por excelência desta abordagem é o texto, este entendido como a expressão da linguagem ou linguagens política(s) nas quais as sociedades dialogam com elas mesmas[47].

A análise do *iberismo* como conceito utilizado pelos intelectuais latino-americanos na virada do século XIX é a primeira das tarefas a serem desenvolvidas; a articulação e o desenvolvimento deste conceito em um determinado período histórico, por determinados autores em determinados veículos de divulgação. A análise da questão da intencionalidade a partir das chamadas "questões nacionais" se mostra imperativa, a partir do momento em que se determinam os autores e sua atuação no espaço social:

Partindo disso, a primeira contribuição a ser explicitada desta abordagem seria a das "mitologias da história do pensamento": a das doutrinas, da coerência, da prolepse, enfim a crítica skinnneriana "se dirige contra toda e qualquer interpretação histórica que impõe aos autores do passado problemas e linguagens que são exclusivos do presente do estudioso"[48].

A menos que se defina logo no início da análise proposta no projeto um traço anacrônico e presentista, cabe aqui uma reformulação quanto à expressão "circuito arielista" ou "abordagem arielista"; ao valorizarmos a necessidade do conhecimento do "idioma" utilizado por um autor para a produção de um ato de fala, rechaçamos qualquer possibilidade de junção de diferentes discursos, mesmo que pertencentes a uma mesma temática; o texto é um produto único, e para tal, ele merece uma espécie de análise exclusiva também; não há possibilidade de construção de uma

---

47 Ver SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo. (*Trad.). São Paulo:UNESP,1999, p.84

48 Ver JASMIN, Marcelo; FERES JÚNIOR, João. *História dos Conceitos: debates e perspectivas.* Rio de Janeiro: PUC-Rio/Edições Loyola/IUPERJ, 2006, p.15

linhagem intelectual. O que pode haver é certa semelhança na instrumentalização da linguagem, dada a contemporaneidade dos autores. O que se faz necessário, então, caso esta metodologia seja de fato aproveitada na sua plenitude, é o esboço de uma espécie de confronto entre as diferentes produções, e não a constituição de uma espécie de uniformidade na utilização do conceito.

O historiador é visto como arqueólogo: "A sugestão que quero terminar explorando é a de que um dos valores atuais do passado é como um repositório de valores que não mais endossamos, de questões que não mais propomos. Um papel correspondente para o historiador do pensamento é o de agir como um tipo de arqueólogo, trazendo de volta para a superfície tesouros intelectuais enterrados, limpando sua poeira e possibilitando-nos reconsiderar o que pensamos deles."[49]

Estes "tesouros intelectuais enterrados" nada mais são do que as proposições formuladas a partir da consciência do autor que está sendo estudado, imersas em um contexto determinado.

A linguagem nada mais é do que a expressão máxima do contexto, mas não exclusiva, para a interpretação do pensamento político. Com este instrumental, a linguagem passa a ser vista não mais como um mero espelho do mundo, e sim como produção de significado.

Ao escolher a Revista do Brasil para a análise das proposições dos intelectuais brasileiros, impõem-se a necessidade de interpretação da linguagem deste mensário. Perde-se, com esta publicação, o controle sobre a recepção das proposições dos autores, e a utilização dos conceitos se amplia, ele se torna polissêmico; da mesma forma com os intelectuais hispano-americanos.

Outro problema que acaba sendo posto é a respeito da noção de "clássico", ou melhor, da básica escolha dos autores a serem estudados: segundo Pocock, se torna "fundamental, portanto, num trabalho desta natureza, é o esforço de decifrar a gramática mais profunda que se supõe estar nos textos estudados: seus termos básicos, as ocasiões típicas em que são empregados, o modo pelo qual se complementam, e se opõe e assim por diante. Quando se adota essa perspectiva, dificilmente o historiador pode se contentar com os grandes autores, os "clássicos", pois o exame do maior número e variedade deles, supostamente situados num mesmo contexto, por diminuto que seja o fôlego intelectual de suas obras, é decisivo

---

[49] Ver SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo.* Op. cit.,p.90.

para conhecer aquela gramática. Poder-se-ia objetar que tal procedimento leva a uma descaracterização dos clássicos, ou a uma diluição deles numa infinidade de autores filosoficamente pobres ou pouco inspirados. Mas, ao contrário, o desvendamento dessa gramática acaba ajudando a entender por que esse ou aquele autor poderia ser considerado um clássico – por conta, por exemplo dos " lances" mais ousados ou consistentes que vieram a realizar no interior da trama lingüística em que estavam situados"[50].

A inclusão de autores de menos destaque no cenário historiográfico brasileiro, e se for caso também hispano-americano, seria talvez interessante, de forma a compreender a utilização das linguagens políticas em um mesmo contexto.

Faz-se necessário o aprendizado da linguagem, do idioma do período a ser estudado. Além do conceito de iberismo, trabalharei com as variáveis modernização e identidade, a partir das seguintes asserções:

1. Antes de 1850: prevalência de um modelo modernizador para a América Latina;
2. Durante a década de 60: prevalência de uma reivindicação identitária;
3. 1880 e 1890: positivismo como principal força;
4. Começo do século XX: uma nova onda identitária: arielismo, iberismo, paganismo, indigenismo e afroamericanismo.

Com isso, o contato com a linguagem política do período deve contemplar as diferentes utilizações destas variáveis, através de um contato muito próximo com a literatura da época:

> o historiador persegue sua primeira meta, lendo extensivamente a literatura da época e aguçando sua própria sensibilidade e intuição para detectar a presença dos diversos idiomas. Em certo grau, portanto, seu processo de aprendizado é um processo de familiarização, mas ele não pode permanecer meramente passivo e receptivo à linguagem (ou linguagens) que lê e, com freqüência, deve empregar certos procedimentos de detecção que lhe tornam possível a construir e validar hipóteses, no sentido de estabelecer que tais e tais linguagens estavam sendo empregadas e podiam ser empregadas de tais e tais maneiras.[51]

Chama a atenção o cuidado apontado por Pocock em não transformar a análise de um texto em um mero "problema de análise conceitual", ao invés de uma análise acerca da "reconstrução da performance discursiva do autor" , levando em

---

[50] POCOCK, J.G. A. *Linguagens do Ideário Político.(*Trad.). São Paulo: EDUSP, 2003, p.11

[51] Idem ibidem, p. 33.

conta não a conversão deste texto em prática, mas sim o processo de apreensão/ou mudança da linguagem política pelo autor estudado.

O que não fica claro com esta metodologia é a possibilidade ou não de formação mesmo que presentista de uma rede intelectual latino-americana, a partir da constatação de uma semelhante manipulação de conceitos e linguagens políticas. Os lugares sociais dos autores (relação com o Estado, campo de atuação e produção; no caso, universidades e revistas), e principalmente a sua pertinência geracional não nos comprova, a priori, esta possibilidade.

Merece atenção a questão da apropriação da linguagem do autor pelo seu público-leitor, a partir das diferenças existentes entre os dois tipos de fontes destas proposições, obras e artigos:

> A Revista do Brasil é uma publicação aberta ao público, aos que pensam, aos que desenham, aos que investigam, aos que sentem. Não se fecha ao leigo, ao principiante, ao obscuro, ao sem nome. Tanto acolhe as manifestações intelectuais do consagrado pela imortalidade acadêmica, como as de um simples curioso: não olha nunca para o nome que subscreve a contribuição e sim para esta somente. Tendo valor o trabalho, aceitá-lo com o maior prazer. Porque está no seu programa ser um reflexo da alma nacional, essa alma brasílica sufocada pelo estrangeirismo invasor e pelo snobismo infrene das grandes capitais. Abrindo-se ao público só assim ela realizará o seu programa de espelho da nação, onde se reflitam todas as manifestações da nossa mentalidade.[52]

É a questão da difusão da linguagem do autor: aos seus pares de intelligentsia, mas também a outros grupos, que a transformarão.

Inicialmente ausente no projeto, com esta metodologia, se faz relevante a inclusão de uma referência a este tema: como era a recepção de suas proposições e de que forma a linguagem era apropriada e expropriada?

> Pois as intelligentsias não se dirigem somente aos seus próprios membros, mas impõem suas linguagens esotéricas sobre uma variedade de grupos leigos e públicos leigos, algumas vezes para o desprazer em uníssono destes últimos. A criação e a difusão de linguagens, portanto, é em grande medida uma questão de autoridade das elites intelectuais, a história de como os estudiosos profissionais se envolveram na administração dos assuntos de terceiros e os obrigaram a discursar nas linguagens que eles haviam desenvolvido. Mas, ao mesmo tempo, e também a história de como os grupos se apropriaram dos de idiomas profissionais para propósitos não profissionais, de como empregaram idiomas de outras fontes, de maneira a modificar seus efeitos, ou de como desenvolveram uma retórica de hostilidade à imposição de uma linguagem sobre si...a difusão de uma linguagem pode ser uma história muito diferente da sua criação.[53]

---

52 LOBATO, Monteiro. Editorial, *Revista do Brasil*, out.1919.

53 POCOCK, J.G. A. *Linguagens do Ideário Político.* Op. cit., p.68-9.

Manipulação de conceitos; utilização de idiomas políticos; publicação e recepções de proposições; definição de textos clássicos a partir de sua performance discursiva; foram estes os pontos relevados neste breve ensaio revisionista que terão que ser devidamente percebidos ao longo da pesquisa.

Tanto por Skinner quanto por Pocock, o historiador mereceu a definição de arqueólogo, pois descobre camadas lingüísticas que de certa forma foram sendo deixadas de lado ao longo do processo histórico, não importando aqui as razões para tal. O detalhe que deve ser atentado é o posicionamento deste mesmo historiador frente ao discurso que será analisado. Ele não pode ir a ele intentando buscar respostas para as suas dúvidas presentes; ele não vai se familiarizar com o idioma para discursar, e sim para, de forma menos ativa possível, tentar dar voz a uma autor talvez calado pelo tempo e/ou pelas escolhas feitas pela feixe social no qual este analista está inserido.

A relação entre as intenções do autor e o significado do texto[54] que deve ser levada em conta na análise precisa constar como pressuposto básico para qualquer análise: que sejam definidas rígidas fronteiras entre o pensar com a história e o pensar dentro da história, e dentro da absorção de pelos menos parte desta metodologia, pender sempre para esta última opção.

[54] Ver SKINNER, Quentin. *Visions of Politics.* Cambridge: Cambridge University Press, v. 1, p.99.

2 A REVISTA DO BRASIL E A PROA: ENCONTROS E CONFRONTOS

2.1 As Revistas e as Redes Intelectuais

Revistas: Ato ou efeito de revistar, de examinar detidamente, de rever; inspeção, exame detalhado, enumeração, segunda vista ou verificação; publicação periódica jornalística, especializada, literária etc.

As revistas nada mais são além das acepções acima, do que expressões de tentativas de reflexão e de acomodação de padrões culturais e idéias. Uma tarefa de verificação e representação do real, com conseqüente sugestão de transformação ou de conservação qualificada.

Mas a revistas possuem uma temporalidade muito própria, afetiva aos seus leitores, se comparada com outros veículos de comunicação, uma temporalidade que reside entre o fugaz e o eterno: “Em contraposição ao livro, que evoca o caráter de eternidade, o artigo de uma revista jamais expressa um pensamento de forma definitiva. Situando-se na correnteza dos acontecimentos e daí extraindo seu roteiro de idéias e pontos de discussão, a revista é marcada por uma escrita dinâmica e reflexiva. É justamente por essa sua relação específica com a temporalidade que ela se distingue nitidamente do jornal. Se ambos se debruçam sobre um tempo acelerado, típico da cultura do modernismo, a revista não visa captar a atualidade imediata. Ela se esforça para torná-la objeto de reflexão.”[55]

Assim, como tarefa primeira, se impõe o recrutamento de um conjunto de colaboradores que será responsável pela determinação do perfil da revista e pelo reconhecimento da revista como veículo divulgador e representativo de suas idéias.

> No fim das contas, o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa - alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras. Meu argumento é que os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão. E essa vocação é importante na medida em que é reconhecível publicamente e envolve, ao mesmo tempo, compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade. Quando leio Jean-Paul Sartre ou Bertrand Russell, são suas vozes e presenças específicas e individuais que me causam uma impressão para além e acima dos seus argumentos, porque

[55] VELOSO, Monica. *O Modernismo em revistas. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 1997, p.55.

> eles expõem com clareza suas convicções. Não podem ser confundidos com um funcionário anônimo ou um burocrata solícito.[56]

Na arte de representar, as revistas, para os intelectuais, se apresentam como o palco por excelência: ele mobiliza um tema, fruto de seu caráter crítico permanente, esboça um projeto, elabora o texto, e finalmente, apresenta para o seu público.

> [...] a imprensa, ao invés do espelho da realidade, passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações da serem desvendadas.[57]

As intenções com a divulgação deste conjunto de texto são as mais variadas: de conformativas até violativas: com o uso da palavra, o intelectual conquista o leitor: “A imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista de corações e mentes”[58]. Aqui, esta batalha não guardava contornos quixotescos; era um duelo ordenado no sentido da construção de um remodelamento do real; em outras palavras; de exposição de um recomeço nacional.

Assim, de início, já é possível balizar uma marca comum entre as duas revistas aqui assinaladas: são periódicos inconformistas, que exortam o leitor à mudança; são manifestações de repúdio à presença de determinados traços na cultura de seus respectivos países. Os intelectuais que colaboram nestas revistas são fundamentalmente, incentivadores de mudanças, seja de cunho conservador, seja de cunho progressista. As revistas são, em larga medida, intercâmbios de idéias, e esboços de grandes projetos de nação, empreendimentos compartilhados entre os que compunham o grupo.

Soma-se a isso a noção de “rede intelectual”, o lócus geográfico, mas também o espaço sentimental para a maturação de conceitos, realizada no contato com as suas matrizes ideológicas, e a troca de idéias entre os pares, a chamada “sociabilidade”: Instrumento analítico e/ou categoria histórica,a sociabilidade será aqui tratada também em sentido mais estrito:como um conjunto de formas de

---

56 SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005, p.24.

57 CAPELATO, Maria H. *Imprensa e História no Brasil*. São Paul: Edusp,1998, p. 24-5.

58 Idem ibidem, p.13.

conviver com seus pares, como um "domínio intermediário" entre a família e a comunidade cívica obrigatória. As redes de sociabilidade são entendidas assim como um "grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar".[59]

Seguindo ainda as pistas apresentadas por Angela Castro Gomes, as redes de sociabilidade, ou pequenos mundos, são ecossistemas, microclimas, que conjugam todo tipo de sentimento, aguçando sensibilidades e, como já dissemos, tornando o espaço, que já é geográfico, também sentimental.

Recorrendo novamente à semântica, do termo "par", selecionamos as que particularmente nos interessam: *par* como idéia de igualdade semelhança, parceria, simetria; e *a par*, denotando participação, informação, para compreender que a revista é um espaço de discussões, construído a partir de relações engendradas por indivíduos de um mesmo lócus social, mas que não necessariamente de comunhão ideológica. Que de forma interdependente, eles participam uns aos outros de suas impressões do real, apreendidas nos mais diversos espaços, e já em processo de elaboração de propostas, submetem aos seus parceiros um prévio exame. A publicação nas revistas representaria o corolário deste processo, e os efeitos que suas indicações provocarão no público leitor representariam o objeto de outro estudo, já ou ainda por ser escrito.

Os ares que sopram nos espaços urbanos onde se concentram os intelectuais podem ser considerados determinantes na gestão de suas idéias. A Revista do Brasil com São Paulo, a revista Proa com Buenos Aires. São cidades de "modernidades periféricas", que tentam reproduzir, no processo de urbanização, valores civilizatórios, cosmopolitas e europeus, mas que acabam, na verdade, operando uma espécie de hibridismo de padrões existentes: combinam o iberismo e a modernidade como elementos, e que, lado a lado, vão forjando uma identidade mutidimensional, bastante particular, em ambos os casos, em diferentes graus.

A cidade, na sua mais pura concepção, tem sempre ares de inovação. No Brasil, o olhar sempre voltado para as cidades européias, e o "Modernismo, estilo então nascente, fez visíveis as interferências desse cenário transfigurado nas artes, cujo enfoque passou a destoar da configuração urbana solidificada nos romances

---

[59] GOMES, Angela Castro. Essa gente do Rio. Intelectuais cariocas e o Modernismo. *Revista Estudos Históricos,* Os anos 20. FGV/Cpdoc, vol. 6, n. 11, 1993.

românticos de costumes que, usando a terminologia de Antonio Candido, apresentavam a visão pura da cidade"[60].

> A cidade moderna tornou-se o lócus privilegiado das tensões e conflitos entre o novo e o antigo que constituem a base dialética, por assim dizer, da nova consciência coletiva característica, segundo Walter Benjamin, da " modernidade", como produto social da própria experiência humana: "o novo impregnado do antigo e que já contém em princípio da obsolência, o novo que começa a revelar o seu verdadeiro rosto quando se torna antiquado". O tema cidade, está assim, tanto histórica quanto ontologicamente, relacionado ao da modernidade. A cidade, numa palavra, tornou-se cultura da modernidade, ao mesmo tempo centro da ordem social existente e fronteira criadora da sua transformação. Noutros termos, como sugeriu Eric Hobsbawm," as idéias sobre a cidade (na medida em que esta não seja um mero palco para exibição de poder e glória de um monarca) são as idéias nas quais os homens – a partir do Livro do Apocalipse – tentaram expressar suas aspirações em torno das comunidades humanas[61].

Lembremos as preocupações de George Simmel com os feitos da modernidade, a definição dos papéis a serem desempenhados pelos indivíduos, a fugacidade e a melancolia, que tinham no espaço urbano seu lócus privilegiado de exercício:

> A cidade, a grande cidade, é seu ponto de apoio na visualização dos fenômenos modernos. Um elemento, entre muitos que o mesmo analisou, condensa o dinamismo e a força transformadora e inovadora do mundo, de seus meios, de seus produtos e de suas tendências, é a exposição, principalmente aquela com características universais que no período já se faziam acontecer. As mesmas socializam espaços, usos, tendências e culturas objetivas, reúnem o máximo de quantidade de mercadorias, expressão da quantidade da especialização e da divisão do trabalho, das trocas de emoções, de diferenciações, de desejos, de simulação e diversão de vontade de consumo (olhar e não comprar), da presença do fugidio (substituição), do transitório que transmite a ilusão da atração e do permanente, da diversão do olhar, da excitação, da diversidade, da incapacidade da memória em não guardar tudo pela variabilidade, pela condensação, pela vitrine das coisas. Além de seu lado estético, as exposições demonstram a capacidade inventiva dos sujeitos, a realização das especializações, o mundo que o dinheiro e o consumo globaliza.[62]

Chamemos a atenção aqui para as especificidades da relação, em ambos os casos, dos conceitos de cidade e nação: os modelos definidos não seriam suficientes para dar conta das particularidades latino-americanas. Construir a identidade nacional, como queria os intelectuais brasileiros da Revista do Brasil, ou restaurá-la, desejo dos intelectuais em torno da revista Proa, passava, obrigatoriamente, pela escolha dos padrões de seus principais espaços urbanos e

---

60 Ver SAMPAIO, Aila Maria Leite. Circuito Fechado, de Ricardo Ramos: a cidade como cenário de automação e incompletude do ser. *Revista de Letras*, Universidade Federal do Ceará,v.2.1978,9.92.

61 BOTELHO, André. *Cidade como unidade de cultura.* Cidade como unidade da cultura. Synesis, Petrópolis, v. 1, 2003, p.77

62 TEDESCO, João Carlos. George Simmel e as ambigüidades da modernidade. UPF Editora, 2006.

suas respectivas proposições de feições reformadoras. A escolha seria no equilíbrio pretendido entre o peso do localismo e o peso do cosmopolitismo.

Que tipo de cidade uma nação deveria e/ou poderia produzir:

> se a cidade é uma questão para as vanguardas européias, o debate latino-americano a privilegiará, indagando se ela poderia marcar a identidade nacional, frente ao cosmopolitismo ligado às noções de utopia e progresso – o que levará nossos escritores modernistas a reivindicar uma literatura urbana, em oposição à literatura regional, que explorava, desde o romantismo, a cor local, enquanto marca de nossa identidade. As tensões entre localismo e cosmopolitismo, repetimos, constituem-se linha de força que se intensifica com os modernismos latino-americanos, principalmente com as manifestações das vanguardas, que trazem a cidade para o cerne dos debates, quando a realidade urbana e a imaginação política renderam-se ao imperativo do progresso e da integração da América Latina a um Ocidente transformado pelo fenômeno do industrialismo e pela emergência das sociedades de massa, quando os símbolos originais são inadequados às novas exigências de uma sociedade transformada.[63]

Sendo assim, referenciar conceitualmente a cidade para efeito expositivo em nosso estudo tem sim sua validade; mas a cidade latino-americana, em sua amplitude de apresentações, deve, necessariamente, ser entendida como uma "construção cultural", engendrada em diferentes contextos nacionais, onde, na "massa bruta", listam vários ingredientes estranhos à sua essência, mas que a farão crescer e desenvolver a gosto próprio, adquirindo uma moldura (ou a ausência dela) própria.

Esses contornos que nos são próprios repousam em nossa essência, que fora determinada pela nossa peculiar formação: onde nosso lugar no mundo está determinado na pertinência, não absoluta, em um grupo de sociedades que não tem no Indivíduo o valor supremo, e sim na sociedade como um todo.[64] Trataremos disso no capítulo seguinte.

2.2 **A Revista do Brasil e São Paulo – A Babel Invertida**

> São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem a de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem européia; nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um

---

63 GOMES, Renato Cordeiro. Cidade e Nação na narrativa brasileira. *Revista de Estudos Lusitanistas Veredas*, v.3.

64 Ver DUMONT, Louis. *Ensaios sobre o individualismo.* Portugal: Edições Dom Quixote, 1999, p.35

> enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados.[65]

Intensos fluxos imigratórios, incremento da economia cafeeira, aumento da malha ferroviária, certo crescimento da atividade industrial, e remodelamento no espaço urbano: Uma cidade que nascera

> em um plateau triangular natural em cujos vértices se instalaram, em diferentes épocas, edifícios religiosos – Mosteiro de São Bento, Convento do Carmo e Convento de São Francisco – e permaneceu durante muitos anos com as principais funções urbanas realizadas neste polígono[66],

a São Paulo dos anos 20 assume, ou ao menos tenta,a posição de "cidade-vanguarda": é a cidade do movimento, do tempo corrido, que intenta injetar à vida cotidiana uma dinâmica pela primeira vez experimentada:

> Tratava-se de um momento crucial de transformações na cidade de São Paulo, em que se podia notar a intensificação bem como as tensões do seu processo de urbanização. As transformações espaciais, econômicas, demográficas, sociais,políticas e culturais que ocorriam na Capital paulista estavam nitidamente relacionadas à expansão e à aceleração do ritmo do sistema capitalista em escala mundial... São Paulo crescia e experimentava modificações que tendiam a transformar sua feição de provinciana vila colonial no arremedo especular de uma frenética e cosmopolita metrópole, cujos modelos de urbanização procuravam refletir os valores da modernidade e civilização que predominavam nas sociedades burguesas d'além mar.[67]

Pensar a cidade de São Paulo dos anos 20 como palco gerador da Revista do Brasil é resgatar á luz dos nossos dias a reconstrução de seu fenômeno urbano entendido como um acúmulo de bens culturais, onde a cultura é considerada uma rede de significados socialmente estabelecidos, nos interessando nela as imagens metafóricas, alcançadas aqui nos artigos.[68]

Ainda na senda da obra de Sandra Pesavento, desregionalizando a análise, mas apreendendo sua forma básica de abordagem, talvez nos seja relevante aqui advertir quanto à conformidade do uso do conceito de metrópole para a cidade de São Paulo, no período aqui definido. Além de dados concretos, como "padrão de

---

65 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole.* São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras,1992, p.31.

66 STUDART, Sabrina. Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX. *Revista de pesquisa em arquitetura e urbananismo Risco,* Departamento de Arquitetura, USP, vol. 2, 2009, p.15

67 KOGORUMA, Paulo. A metrópole do café: urbanização tumultuaria e cosmopolitismo sócio cultural, 1890-1920. *História Revista*, UFG, vol.3, n.1/2, p.94

68 Ver PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural.* São Paulo, Autêntica, 2005.

edificação, número de população, sistema de serviços urbanos implementados, rede viária, infra-estrutura de lazer e comercial", ainda é preciso que a "sensibilidade da cidade e de seus habitantes seja trabalhada de modo que a representação imaginária de metrópole ganhe força de realidade". São Paulo operava sim deste modo; a leitura das representações de viver na metrópole fez o indivíduo incorporar à sua arte cotidiana o signo da celeridade: o tempo é o agora, para o futuro; o tempo é de mudanças, do progresso. Metaforicamente, o processo de verticalização das habitações na cidade pode representar o rumo aspirado: os céus. E esta sensibilidade perpassava as análises dos "leitores privilegiados da cidade", onde suas ansiedades transpareciam sob forma de propostas para o país: São Paulo era a expressão do moderno, e deveria ser o modelo para o país:

> O mundo novo, representado por São Paulo, onde o primeiro branco se fundia com o índio, depois os descendentes destes se cruzaram com os negros, e agora as novas gerações se consorciam com os fugitivos da Europa convulsionada, é a nova terra da promissão, onde se vão erguer as torres sólidas das novas arquiteturas da sociedade futura, a Babel invertida, a babel que une e, portanto, leva ao clímax, a consumação da missão mística que a sua antecessora frustrara.[69]

São vários os exemplos de modificação no cenário urbano paulistano nesta época, sob administração dos prefeitos Moraes Pinto (1920-26) e José Pires do Rio (1926-30): a reforma modernizante do antigo Largo do Rosário, a demolição da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a reforma no Vale do Anhangabaú, além da destruição de alguns dos chafarizes para ampliação das praças[70]; ações que estavam sempre na focada intenção de apagar qualquer traço que remetesse aos fluxos sociais de uma época provincial, das "trevas e do atraso" que tinha que ficar para trás, mas que de todo modo insistia em se fazer presente. O "Plano de Avenidas", projeto apresentado na década de 20 pelo engenheiro Prestes Maia, objetivava fazer de São Paulo uma cidade de fluxo livre, a partir da

> abertura de novas e o alargamento de antigas avenidas. Sua publicação apresentava além dos diagramas de fluxo e deslocamento, aquarelas de novos espaços – conjuntos arquitetônicos, pontes, praças – que se relacionariam

---

69 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole.* São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. Op. cit. ,p.38.

70 KOGORUMA, Paulo. A metrópole do café: urbanização tumultuaria e cosmopolitismo sócio cultural, 1890-1920. Op. cit.

> diretamente com as grandes avenidas e dariam um aspecto mais moderno a São Paulo.[71]

A autora ainda destaca na fala de Prestes Maia, as mudanças pelas quais a cidade estava passando e outras que deveria passar, tornando-a contemporânea de outros centros urbanos. O discurso dos "leitores privilegiados" da cidade ganhava mais e mais força:

> Estamos sob todos os pontos de vista, em um momento decisivo da nossa existência urbana. No centro os arranha-céus se multiplicam; no taboleiro alem do Anhangabaú os primeiros grandes prédios começam a emergir no meio do casario térreo; a Light prevê a renovação do contracto e intenta importantes transformações; a São Paulo Railway vê igualmente o termo de sua concessão. A várzea do Tietê, que por si só será uma cidade nova, acha-se em vias de completa metamorphose. Outras grandes obras se executam: calçamento, exgotto, abastecimento, grandes parques e edifícios públicos. A situação geral do Estado é promissora. A época é, assim, muito própria para o início dos melhoramentos[72].

Lado a lado destas reformulações "físicas", executa-se na cidade um treinamento no sentido de preparar o indivíduo para viver na cidade, lançando mão de instrumentos educativos que estavam em conformidade com as classes a que eles pertenceriam: campanhas de educação e saúde, promoção de higiene e destaque às viagens como adoção de hábitos de civilização. A cidade, para ser civilizada, precisava ser limpa:

> Com a expansão física da cidade, foi possível estabelecer instituições novas: Instituto Pasteur, Instituto Vacinogênico, Instituto Bacteriológico, Faculdade de Medicina e Cirurgia, Escola Normal, para citar algumas. Essas instituições promoveram o ideário cientificista e passaram atuar no sentido de estabelecer práticas ligadas aos ideiais higiênicos da época, como também estimularam as discussões sobre o brasileiro, sobre os indivíduos e instilaram idéias nacionalistas através de intensa propaganda, como vimos. Também permitiram um campo de atuação para a elite educada na cidade, fechando, de certa maneira, o circuito fazendeiro – educação- atividades urbanas... O trabalho, a moral, a higiene, as habitações, o nacionalismo, a educação, passam a ser temas dessa elite cientificista. Nesse sentido, a cidade é vista como um ser biológico em dois aspectos: no seu consumo pela própria transformação e nos ideais higienistas[73].

A cidade de São Paulo precisa ser superlativa, precisa tornar a multidão o ator predominante na construção de sua identidade moderna; uma multidão

---

71 STUDART, Sabrina. Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX. Op. cit.,p.16.

72 STUDART, Sabrina. Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX. Op. cit., p. 7.

73 JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. A enunciação da cidade: práticas discursivas sobre a São Paulo do início do século XX. *RUA 2010*, no. 16. Volume 1, p.112-3.

composta, na sua maioria, de indivíduos educados, limpos, civilizados, no trato e cosmopolitização dos hábitos cotidianos e também da política. Mas a modernidade parecia não chegar para todos.

O passado é, assim, "deslocado", abrindo espaço para uma audaciosa transformação urbana que tentaria modificar São Paulo física e mentalmente. Fundava-se, com isso, uma tendência "futurista" da cidade, com a exploração e disseminação de símbolos que chamam à modernidade: um aumento significativo da frota de automóveis na cidade, inaugurando uma vocação rodoviária – automobilismo como um "culto"; uma universalização da indústria fonográfica – do gramofone para a vitrola -; um aumento na produção da indústria editorial paulista a partir do início dos anos 20; inauguração de espaços de exposição;além também de um incremento das chamadas "técnicas de lazer",- fotografia, cartazes e cinema- expresso no aperfeiçoamento e proliferação de salas de cinema, tornando-o um dos principais passatempos consumidos pelas famílias paulistanas: "Nesse contexto, já não mais satisfazia os circos de cavalinhos e nem as peças encenadas no Teatro: eram consideradas artes morosas, sem o glamour do moderno, do novo, enfim, sem movimento; além do que, na visão dos modernistas, eram relacionadas diretamente aos costumes atrasados e a um passado não-moderno, não- urbano. Ao contrário, o movimento – desvendado pelo maquinismo e suas engrenagens, - era lembrado pelas máquinas incessantes nas linhas de produção, pelos transeuntes apressados frente aos apitos das fábricas que os lembravam o dever, pelos poucos automóveis que circulavam nas ruas estreitas do centro, pelo tic-tac do relógio; enfim, tudo era movimento". Dessa forma se pode entender melhor o sucesso que fazia a projeção de uma película de cena muda: era a arte do movimento, era pois desprovida da retórica que amargava as peças teatrais para, ao invés disso, fiar-se no movimento dos corpos, e tratar de temas que povoavam o cotidiano, de uma forma ficcional".[74] Forjar um "novo homem" era mister nas reformas urbanas e de hábitos, e o papel do cinema tem amplo destaque:

> Rival do trem, do automóvel, do aeroplano na elaboração de um novo olhar a ser lançado sobre o mundo, herdeiro da fotografia, filho da eletricidade, irmão do jornal e do teatro de variedades, pela junção de realidades distantes entre si, o cinema vinha subverter a noção de tempo e de espaço. O cinematógrafo – visto como súmula de várias invenções, capaz de sobrepujar outras formas de comunicação de massa na elaboração e na propagação de novos comportamentos – passou a ser considerado

[74] MIUCCI, Carla. O nascimento de uma cidade: cinema hollywoodiano no processo de cosmopolitização paulista. *Revista Vir-a-Ser*, São Paulo, Humanitas, n° 01, 1996, p.3

> um dos grandes símbolos da sociedade contemporânea, pela simultaneidade, pela voracidade e pelo novo ritmo que trazia as artes e à vida [...].[75]

O cinema era, portanto, um instrumento de padronização de um comportamento moderno considerado ideal para o indivíduo na cidade, “utilizado sobretudo como um precioso instrumento de intervenção social na elaboração do novo homem, do homem moderno e civilizado, consentâneo com o ritmo de vida urbana e industrial, de uma nação homogênea, higiênica, moralizada e disciplinada”: ao cinema deve-se importante contribuição, como atesta o manifesto de apresentação da revista *Klaxon,* lançada pouco tempo antes da Semana de Arte Moderna,e sua grande embasadora. Maria Eugenia Boaventura explica:

> O surto de progresso, que se alastrou pelo Estado, ao meu ver tem ligação direta com aquela aliança entre empresários, políticos, escritores e artistas, iniciada por ocasião da Semana ou pouco antes. Basta conferir a imponência social, financeira e econômica dos patrocinadores do evento e a simpatia discreta dos seus dirigentes políticos (prefeitos e governadores). Acionados pelos líderes modernistas, os chefes políticos locais apadrinharam novos artistas em dificuldades financeiras com bolsas de estudos no exterior (através do Pensionato Artístico de São Paulo Anita Malfatti, Victor Brecheret,Sousa Lima, Francisco Mignone, entre outros, estudaram na Europa) e com a aquisição de suas obras. Praças e parques foram enfeitados com esculturas modernas.
> Teatros públicos abriram espaço para peças e recitais de vanguarda. Debates sobre o impacto da arquitetura moderna, em especial a de Warchavchik movimentaram a cidade e resultaram mais tarde em construções modernas.
> Ciclos de conferências de nomes famosos com entrada paga foram montados, a fim de revelar as novas idéias.
> Lembro as conferências do filósofo alemão Hermann Keyserling (autor de O mundo que nasce, um dos livros de cabeceira dos primeiros antropófagos); as palestras em homenagem a Blaise Cendrars; as do surrealista BenjaminPéret; as exibições da cantora de jazz Josephine Baker e da lírica Elsie Houston. Todos eles foram recompor-se do ritmo frenético da vida social paulistana nas fazendas Santa Teresa do Alto (de propriedade do casal ícone do Modernismo), Santo Antônio (de D. Olívia Penteado), São Martinho (de Paulo Prado), pontos de encontro da moda e oportunidades para os estrangeiros conhecerem in locum a produção do "ouro negro".
> Da mesma forma que a elite política e social, os principais jornais da cidade, de forma generosa, deram guarida aos primeiros textos irreverentes dos nossos modernistas anunciadores de mudanças na arte e por tabela nos hábitos da então pacata cidade. Merecem destaque a acolhida e a contribuição dos redatores do Correio Paulistano (órgão do Partido Republicano Paulista) do Jornal do Comércio e de A Gazeta. O Estado de S. Paulo, de modo discreto, não deixou de acompanhar “os futurismos de atividade”, como se referiam os modernistas a respeito das transformações da paisagem trazidas pela indústria e pela nova arte.[76]

Porém, para o grupo, o cinema, como qualquer outra manifestação artística, não poderia renegar o passado. O porvir estaria em permanente relação com o passado: o movimento e o progresso deveriam estar somados a um olhar sempre

---

75 MELEIRO, Alessandra. *O cinema no mundo:* América Latina. São Paulo, Escrituas Editora, 2007, p.4

76 Ver BOAVENTURA, Maria Eugenia. *Movimento brasileiro:* uma contribuição ao estudo do Modernismo, São Paulo Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

atento ao passado. A “mágica” da terceira arte repousava justamente neste encontro.

A impressão de um novo ritmo para as atividades do cotidiano, aliada a um discurso de intelectuais entusiasmados com novos tempos, enfim, uma atmosfera favorecida por ares modernistas, teve, entretanto, que dar conta desta coexistência de diferentes padrões: traços de arcaísmos, com tentativas de mudanças.; um sentimento de novidade, de aventura, somado a uma caminho constante de idas e permanências do passado. “Deslocamos” o passado, mas não para tão longe assim. Fisionomicamente, São Paulo compôs um modelo urbano dual, a

> [...] especificidade de um processo de urbanização tumultuário em que a São Paulo guardava características peculiares da cidade anteriormente existente e, ao mesmo tempo, que ganhava novos matizes. Se as estéticas das novas residências de luxo, das belas avenidas recém-abertas, dos elegantes jardins públicos, das linhas de bondes e das chaminés das novas fábricas era salpicada aqui e acolá pelas arruinadas fachadas das antigas casas de taipa, pelas tortuosidades incontornáveis de certas paisagens e pelos espaços de grandes áreas rurais que abrigavam matagais, vales e florestas, de maneira que deixava transparecer o antigo aspecto provinciano... naquele momento em que a cidade de São Paulo vivia um processo de urbanização tumultuário, a presença dos múltiplos ritmos e temporalidades, bem como a existência de múltiplas sociabilidades no seu solo permitem que interpretemos a urbe como uma imensa e contraditória floresta de símbolos, cujo emaranhado elementos sócio-culturais possibilita-nos uma reflexão sobre os meandros da constituição de nossa sociedade e da configuração histórica de nossas cidadanias”[77]

Os anos 20 foram determinantes para forjar aquilo que, mais tarde, pinçariam da cidade: Uma mentalidade própria, ou nas palavras de Morse, “um temperamento de metrópole”. São Paulo se modificava, reinventava e sugava padrões com filtros próprios, mas abria espaço para tempos futuros com uma difícil conformidade com a modernidade:

> O que se aprende com esta História? Que São Paulo possui uma densidade histórica muito especial, com uma tradição de contatos comunitários que vem de longe. Em verdade, possui uma capacidade de absorver e manter traços das culturas que recebe de modo a preservá-las em suas especificidades. Um certo pragmatismo, ou seja, o sentido agudo de práticas concretas criou um *ethos* próprio, que diferencia a cidade e a constelação a que pertence. Talvez esse o motivo que levou Richard Morse a falar de um “temperamento da metrópole”, de uma mentalidade própria.[78]

---

77 KOGORUMA, Paulo. A metrópole do café: urbanização tumultuaria e cosmopolitismo sócio cultural, 1890-1920. Op. cit., p.107.

78 MOTA, Carlos Guilherme. São Paulo: exercício de memória. *Estudos Avançados*. vol.17 n.48 São Paulo Maio/Agosto. 2003, p.260.

São Paulo guardava suas especificidades, principalmente se posta em posição comparativa a outros centros urbanos brasileiros; mas como o país que integra, se vê de forma única, como quem guarda a mais bem acabada possibilidade de futuro: o melhor está aqui, e só aqui. Uma “Babel invertida”, onde encontros se dão de forma construtiva e sempre transformadora, ou , como nos explica Maria Emilia Prado, em *Memorial das desigualdades*, transportando para o cenário paulistano, um “ Coliseu das ilusões”, onde o espaço é palco de disputas, onde o resultado é sempre de perdas e eternos recomeços, engessando os “ vitoriosos” nas suas então eternas posições?

Conseguimos nos distanciar do nosso padrão formativo. Mas, afinal, o que nos tornamos? Essa dúvida é mais atormentadora quando pensamos na produção intelectual paulistana, que obrigatoriamente tinha que dar conta desta questão.

Acima disso, está a problemática latino-americana, ponto de incidência entre os dois grupos: o encontro e o distanciamento entre dois mundos, o antigo e o moderno, e nessa época, o descompasso entre as técnicas modernas encontradas no espaço das grandes cidades, e a recusa dos intelectuais aos símbolos “burgueses”, de conformidade com tempos modernos, que representavam uma absorção de valores que não nos pertenciam:

“No Manifesto Antropofágico”, Oswald de Andrade também alertava para a urgência desse trabalho de assimilação crítica. Outro tema que mereceu a atenção especial foi a crítica à sociedade burguesa capitalista, sobretudo, no que se referia à situação das artes. A revista Mural de Buenos Aires (1922), que tinha entre os seus colaboradores Jorge Luis Borges, declarava-se

> [...]farta daqueles que não contentes com vender, chegaram a alugar a sua emoção e a sua arte, prestamistas da beleza dos que espremem a mísera idéia caçada por causalidade, talvez roubada. Tais idéias possibilitam ver aproximações entre os intelectuais modernistas brasileiros e latino-americanos. Havia várias questões culturais de fundo comum, entre elas, a busca de equilíbrio entre os elementos da mudança e os da tradição. Alguns manifestos literários latinos alertavam contra as mudanças radicais e ilusórias. [...] não mudar de cor, não deixar-se cegar pelas coisas fulgurantes, desconfiar do “supramaravilhamento” que pode levar ao inverossímil.[79]

[79] VELOSO, Monica. *O Modernismo em revistas. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Op. cit., p.33.

2.3 **A Revista Proa e Buenos Aires – Uma "Fusão Cosmopolita"**

Falar de uma cidade como a Buenos Aires do início do século passado nos impele a adquirir um tom de deslumbramento: ela era a expressão mais bem acabada da possibilidade destinada às cidades latino-americanas de ser uma metrópole, nos moldes europeus.

É imperativo recuperar aqui a análise, para nós, definitiva, de Sérgio Buarque de Holanda quanto às diferenças nas colonizações lusitana e castelhana e de que forma este início será determinante na organização da vida em sociedade nas cidades. As "raízes" foram fincadas e jamais arrancadas. O empreendimento da colonização realizado pelas duas nações que "se comunicavam com o mundo" teve, como nos explica *Raízes do Brasil*, um caráter de aventura exploradora, predatória, mas nítidas diferenciações quanto às intenções posteriores; a principal, a quem nos interessa aqui, diz respeito à idéia de planejamento versus a idéia de improviso, expressa, entre outros, na fundação das cidades, que, no caso castelhano, ao contrário do lusitano, nada mais foi do que " um ato definido pela vontade humana":

> Em nosso próprio continente a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas, mediante a criação de grandes núcleos de povoação estáveis e bem ordenados. Um zelo minucioso e previdente dirigiu a fundação das cidades espanholas na América. Se, no primeiro momento, ficou ampla liberdade ao esforço individual, a fim de que, por façanhas memoráveis, tratasse de incorporar a mão forte do Estado fez sentir seu peso, impondo uma disciplina entre os novos e velhos habitadores dos países americanos apaziguando suas rivalidades e dissensões e canalizando a rude energia dos colonos para maior proveito da metrópole.[80]

Fazer das novas terras um "prolongamento orgânico" do seu próprio país tornou obrigatoriamente aos espanhóis o empreendimento da colonização em um primeiro momento, um projeto militar, de dominação e defesa, e posteriormente, mais que o estabelecimento da consciência de que ali era um mero "lugar de passagem": a "vontade criadora" castelhana era no sentido de construir a Nova Espanha.

Do ponto de vista da construção da cidade, Sérgio Buarque nos chama atenção para a preocupação espanhola com o projeto, com o traçado a ser executado, em um ato de domínio sobre o solo, sobre a natureza:

---

[80] HOLANDA, Sergio Buarque. *Raízes do Brasil.*26.ed. São Paulo: Companhia da letras, 1995, p.95-6.

> Já à primeira vista, o próprio traçado dos centros urbanos na América espanhola denuncia o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo; impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta... A construção da cidade começaria sempre pela chamada praça maior. Quando em costa de mar, essa praça ficaria no lugar de desembarque do porto; quando em zona mediterrânea, ao centro da povoação. A forma da praça seria a de um quadrilátero, ...servia de base para o traçado das ruas: as quatro principais sairiam do centro de cada face da praça. De cada ângulo sairiam mais duas, havendo o cuidado de que os quatro ângulos olhassem para os quatro ventos. Nos lugares frios, as ruas deveria ser largas; estreitas nos lugares quentes.no entanto, onde houvesse cavalos, o melhor seria que fossem largas.[81]

Ele nos explica a colonização espanhol como resultado de uma certeza da viabilidade de uma tomada e controle do espaço, a partir da idéia de que "a história não somente acontece, mas também pode ser dirigida e até fabricada". Sendo assim, a América espanhola fora fabricada, e a portuguesa, um acontecimento.

A etapa conclusiva da política de ocupação metropolitana fundou-se na criação de cidades, a partir de necessidades impostas pela perduração do controle português:"[...] a formação das vilas e cidades é sempre um ato da iniciativa oficial, das autoridades da Metrópole, governadores de Capitanias, governadores-gerais ou vice-reis - e não da iniciativa do povo"[82].O projeto colonizador português, dotado muito mais de um espírito aventureiro, imediatista, não continha uma preocupação em criar núcleos urbanos, ou possibilitar o aparecimento de vínculos entre os indivíduos. A transmissão de valores portugueses se efetivou na estruturação da nobreza territorial como grupo social; a cidade, representa, nesta propagação, o local para o exercício de poder desta nobreza. Não foi uma construção natural, advinda de necessidades de trocas e liberdades:

> Nas pequenas vilas espalhadas pelo vasto território da colônia Brasil, predominavam os interesses dos chamados homens bons, que detinham sob seu controle enormes parcelas de terras que lhes permitiam exercer poder sobre corpos e almas: da massa de cativos aos pobres moradores, sitiantes, vendeiros e agregados ",contrapondo-se, à cidade clássica, que "fora construída como espaço remetido à noção de liberdade e à medida em que os homens se desvencilhavam dos laços de subordinação personalistas, viam-se sós e entregues às suas próprias forças.[83]

De que jeito a Buenos Aires dos anos 20 lidará com estas permanências, de modo a diferenciar-se das demais experiências urbanas da América Latina? Em

---

81 HOLANDA, Sergio Buarque. *Raízes do Brasil*. Op. cit., p. 92.

82 OLIVEIRA VIANNA, F. J. de *Populações Meridionais do Brasil.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, p.110

83 PRADO, Maria Emília. *Os impasses da cidadania na transição da Monarquia para a República no Brasil (1870-1902)*. Op. cit., p. 325-9.

poucas palavras, e atropelando o restante da análise, a operação reside justamente no ajuste destas continuidades com o que há de novo na arquitetura, na literatura e nas artes. Buenos Aires dos anos 20 se renova, ao abrir-se para o moderno, mas suas raízes, trabalho realizado graças e muito dos intelectuais da Proa, entre outras, não são renunciadas; muito ao contrário, são enaltecidas, a cada conto,a cada artigo, a cada canção, a cada pequena renúncia a uma filiação desmedida, ao que para boa parte do continente, constituir-se-á em um " fardo moderno".

Como não podia deixar de ser, o país estava à procura de sua identidade, de um começo. Já apresentado o contexto dos anos 20, podemos aqui recuperar alguns dados que certamente nos apontariam um norte explicativo a respeito da construção da identidade argentina: economia, imigração e literatura.

> Até o início da Primeira Guerra Mundial a Argentina tinha experimentado quase vinte anos de expansão pródigo. Renda per capita equivalia, na Alemanha e nos Países Baixos, e foi maior do que em Espanha, Itália, Suécia e Suíça. Tendo crescido a uma média anual taxa de 6,5 por cento desde 1869, Buenos Aires se tornou a segunda cidade do litoral Atlântico, depois de Nova York, e de longe a maior cidade da América Latina.... Exceto entrepostos como a Holanda ea Bélgica, nenhum país no mundo mais importados bens per capita do que a Argentina. Em 1911, o comércio exterior da Argentina foi maior do que a do Canadá e um quarto do dos Estados Unidos.[84]

No início do século, a Argentina vivia uma situação econômica bastante favorável, um intenso fluxo migratório e um movimento intelectual que tentava dar conta de todo este cenário:eram ares modernistas, sentidos intensamente pela Buenos Aires dos anos 20: Maria Helena Capelato, em citação longa, mas fundamental, nos explica o panorama:

> Os movimentos modernistas latino-americanos dessa época foram tributários das experiências artísticas européias que, a partir da Primeira Guerra, introduziram elementos novos no campo das artes. O conflito mundial provocou uma crise de consciência entre intelectuais e artistas europeus que sentiram necessidade de expressar suas idéias e sentimentos. Os movimentos denominados vanguarda se ampliaram e se fizeram acompanhar de uma profusão de escritos sobre a natureza da arte, sua finalidade e função social do artista.
> Esse debate também ocorreu na América Latina. Segundo Jorge Schwartz, a crescente politização da cultura latino-americana no final dos anos 1920, reintroduziu a discussão sobre o uso da palavra "vanguarda", através da clássica oposição entre "arte pela arte" e "arte engajada", relacionada a uma controvérsia em torno do próprio estatuto da arte. Como mostra o autor, inicialmente restrito ao vocabulário militar do século XIX, o termo "vanguarda" acabou adquirindo na França um sentido figurado na área política. A maioria dos modernistas dos anos 1920 criticava a cópia ou a imitação de padrões estrangeiros, comprometendo-se a produzir uma obra totalmente autêntica e original. No entanto, como observam

[84] HORNBERGER, Jacob. *Classical Liberalism in Argentina:* A Lesson for the World. Disponível em: <http://www.fff.org>.

> alguns autores como Angel Rama, o "novo" significava, acima de tudo, uma vontade de ser diferente dos antecessores e nada dever ao passado.
> O decantado produto novo era, na verdade, fruto de releituras do passado e a originalidade nacional resultava, muitas vezes, de uma inspiração européia. O contato dos modernistas latino-americanos com os europeus era intenso e ambos demonstraram interesse pelos mitos indígenas ou pelos ritos afro-antilhanos. Cabe lembrar que, desde o final do século XIX, artistas europeus lançaram os olhos para fora da "velha Europa" com o intuito de encontrar novos estímulos para a criatividade.
> O processo de circulação entre o nacional e o internacional que caracterizou os movimentos modernistas latino-americanos foi permeado por uma tensão existente entre o prestígio dos modelos externos e a procura de uma identidade nacional. O cubano Alejo Carpentier, autor de *O século das luzes e O recurso do método,* dentre outros, afirmou: "Temos que tomar nossas coisas, nossos homens e projetá-los nos acontecimentos universais para que o cenário americano deixe de ser uma coisa exótica". O modernismo tentou por em prática essa idéia e por isto se pode dizer que, muitos deles foram, ao mesmo tempo, nacionalistas e cosmopolitas.
> Foi com os representantes das vanguardas do "velho mundo" que artistas do "novo mundo" discutiram e compartilharam idéias, aperfeiçoaram suas técnicas e inventaram novas formas de expressão.[85]

Estamos falando de um país onde podíamos contar com certa disseminação de produtos culturais, graças a um bem-sucedido plano educacional, que ampliou a presença do argentino nas escolas, caindo sensivelmente a taxa de analfabetismo. A cidade de Buenos Aires, palco privilegiado desta vivência, experimentava fenômenos onde tradição e novidade eram testadas.

Além disso, Buenos Aires não se constituiria tal como a conhecemos sem a imigração; fenômeno que ajudou a delinear a representação urbana argentina. A participação do estrangeiro na economia do país fora fundamental para a consolidação de índices tão favoráveis, mas também no incremento da cultura local a incorporação dos hábitos culturais “exóticos”, de suas festas no calendário oficial da cidade enriqueceu o cenário portenho: o comércio, por exemplo, local maior de atuação do imigrante, moldava seu funcionamento a partir destes hábitos; a rivalidade destes festejos em relação às festas nacionais foi um problema enfrentado pelo Estado argentino, pois enquanto no calendário das festas “oficiais”, a participação popular era ainda reduzida (estamos falando de fins do século XIX, início do XX), as festas dos imigrantes, principalmente da “coletividade italiana”, era atraente, pois segundo cronistas da época, eram “calorosas”.[86]

Ao contrário do que profetizara Domingos Sarmiento, em artigo célebre no periódico *El Nacional,* Buenos Aires não “corria perigo de converter-se em uma terra

---

[85] CAPELATO, Maria Helena Rolim. Modernismo latino-americano e a construção de identidade através da pintura. *Revista de História* 153 (2º - 2005), São Paulo, p.251-3.

[86] BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas: La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX.* (Sección de obras de historia.) Mexico City: Fondo de Cultura Económica. 2001, p.88.

cosmopolita, sem caráter próprio [...]". A Argentina absorveu as diferentes correntes culturais que lá aportaram, fortaleceu seus traços nacionais (o que Lilia Ana chama de "o despertar estudantil do sentimento de nacionalidade") e embasou a esfera crítica e literária para análises a seu respeito.

Todas as interpretações que focam neste período agem em concordância no que diz respeito à prevalência de uma postura protetora da tradição argentina sobre as propostas inovadoras características pertencentes não só do país, mas de todo o período. Tal como São Paulo nesta época, Buenos Aires fora palco também de incontáveis experimentos e melhorias urbanísticas: um novo tipo de iluminação, incremento da frota de transportes, abertura de vias, dinamização do mercado editorial, enfim, a velocidade com variável preponderante nos ares do novo século que acabara de nascer. Porém, ao contrário da capital paulistana, plainava no âmbito da cultura intelectual argentina um desconforto quanto à uma filiação irrestrita aos hábitos e posturas " modernas" que colocassem em risco a cultura *rio-platense.* Adotou-se, com isso, certa dose de saudosismo nostálgico, uma tentativa de revivenciar um tempo que era predominantemente rural, fazendo do campo um lugar seguro, guardião nobre da história da nação.

> A Argentina era um país novo, com uma história em construção. A tradição, portanto, tinha de ser imaginada e, em muitos sentidos, recuperada do passado. Em um presente turbulento, afetado pelo influxo de estrangeiros e por um rápido e caótico crescimento das cidades, a Buenos Aires cosmopolita não era, na opinião dos escritores nacionalistas, o lugar certo para se procurar novos símbolos de nacionalidade. Esses símbolos foram encontrados no passado, no campo, no solo dos pampas e na reconstrução imaginária de uma cultura rural, na literatura gauchesca, com suas figuras masculinas épicas. Borges observou em 1926: Buenos Aires, apesar dos dois milhões de destinos individuais que a abarrotam, permanecerá deserta e sem voz, até que um símbolo a habite. A província, sim, está povoada: lá estão Santos Veja e Martín Fierro, possibilidades dos deuses. A cidade continua à espera de uma poetização.[87]

Assemelha-se à relação que o inglês, em tempos anteriores a este, trava com estes dois pólos de vivência, campo e cidade, representativos de sensações e valores de, por um lado, segurança, acolhimento, nobreza, e por outro, medo, incerteza e solidão.

Nas palavras de Lewis Mumford, que retrata a realidade européia, mas que neste momento, casa com as impressões portenhas. "Aqueles que encabeçaram a marcha da civilização, a partir do século XVII, inclinavam-se a mostrar certo desdém

---

[87] ACHETTI, Eduardo. O "GAUCHO", O TANGO, O PRIMITIVISMO E PODER NA FORMAÇÃO da identidade nacional argentina. *MANA*9(1):9-29, 2003.

para com o campo, morada de agricultores atrasados, rústicos, sem maneiras ou aristocratas que procuravam o prazer à custa de suas rendas e não dos lucros obtidos no comércio e na indústria. Contudo, mesmo entre os líderes e beneficiários utilitaristas, o impulso no sentido de escapar ao ambiente industrial era comum; na verdade, possuir riqueza bastante para fugir a ela marca de êxito... Sem esperar que Rousseau provasse que a maior parte dos males da vida derivava dos áridos rituais de uma civilização ultra-requintada, muitos europeus já tinham começado a agir segundo essas idéias.[88]

O campo é o refúgio do real para o presente e material de excelência para que o intelectual conclamasse seus leitores a resistir a padrões de modernidade estranhos á experiência argentina:

> "Campo" e "cidade" são palavras muito poderosas, e isso não é de estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas. O termo inglês country pode significar tanto "país" quanto "campo";the country pode ser toda a sociedade ou só sua parte rural. Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente essa ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização.[89]

Mudanças transformadoras na sociedade acarretam também certo temor com relação ao porvir: era preciso reconstruir o passado, no intuito de se resguardar, nostalgicamente, do novo: Nas palavras de Beatriz Sarlo

> Mudança tecnológica, mudança ecológica, mudanças na forma do trabalho rural; prováveis choques culturais contribuem para uma aceleração traumática que influi em todos os setores da sociedade – não apenas nos sofrem suas conseqüências negativas, mas também nos velhos membros da classe rural. As transformações são importantes porque implicam a passagem de um mundo fechado para um espaço mais moderno, que é economicamente bem-sucedido, mas que, talvez por isso mesmo, gera incertezas.[90]

A década de 20 se apresenta então como marco fundador de um novo tempo para o país (tempos de vanguarda também no Brasil).

Jorge Schwartz, autor fundamental na compreensão das "vanguardas argentinas" nos apresenta assim a década de 20: um país que vivenciava uma explosão cultural:

---

88 MUMFORD, LEWIS. *A cidade na história.* Rio de Janeiro: Martins Fontes,1961, p.521.

89 WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade na história e na literatura.* São Paulo: companhia das letras, 1995, p.11.

90 SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica.* Buenos Aires, 1920 e 1930, Rio de Janeiro: Cosac Naify, p.72-3.

> A partir de 1922, toda essa efervescência intelectual provoca uma explosão de manifestos, editoriais, folhetos e, principalmente, revistas – ou seja, de todos aqueles instrumentos cuja conclusão e facilidade de produção e difusão adequavam-se com maior eficácia ao espírito de ruptura dos grupos vanguardistas. Na década de 20, a Argentina viu o surgimento de nada menos que 83 revistas novas! Essa extraordinária variedade refletia diretamente as polarizações e tendências que não tardaram a se manifestar.[91]

É mister fazermos referência ao movimento literário ultraísta, nosso equivalente ao modernismo, que nasce na Espanha, e que tem, nesta época, na Argentina, questionamentos fundamentais para a composição do cenário de então.

Madri é o campo de atuação dos intelectuais ultraístas; é o paradigma, e, ao mesmo tempo, contraponto, dos argentinos: a ambigüidade na relação com a "pátria-mãe" é questão presente na agenda da intelectualidade argentina no período, na obra de Borges, mas muito mais como dado resolvido do que no Brasil, na questão da sua formação: a Argentina já havia escolhido seu caminho; o Brasil estava por escolher.

O movimento ultraísta era um movimento cuja percepção a respeito da cidade se fazia primordialmente via sentidos: a audição e a visão: os sons, a arquitetura, os automóveis, a música das bandas de jazz, os aviões, as luzes, e é claro, as máquinas, características da cidade moderna, eram a sua matéria-prima de trabalho.Onomatopéias na intenção de imitar sons urbanos eram costuradas nos poemas juntamente com o olhar sobre a cidade e sobre o homem moderno, que aos poucos iam se tornando reféns deste novo tempo, vinculado em toda a sua plenitude, ao movimento.

> A aparição em novembro de 1920 do artigo de Guilhermo de Torre (1900-1971) *El movimiento ultraísta español",* capítulo central mais tarde *de Literaturas europeas de vanguardia (1925),* constitui o intento mais minuciosos para conferir ao ultraísmo identidade teórica e prática. Este movimento poético de vanguarda surge das tertúlias que promove Rafael Cansinos-Asséns (1883- 1964) no Café Colonial de Madriao final de 1918 e como reação contra o maneirismo do modernismo já agonizante de Rubén Darío [...].[92]

Borges, mais tarde, reavalia esta sua filiação, considerando-a um tanto quanto desnecessária na sua trajetória de escritor; um movimento, segundo ele, dos exageros, de um excessivo apreço à modernidade, na sua vertente técnica, que em nada contribuíra para o aperfeiçoamento da sua prosa:

---

91 SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas argentinas.* Anos 20. São Paulo, Iluminuras, 1946,p. 11

92 SAKATA; SACHIKO. Ultraísmo. Movimiento literario vanguardista de Madrid. *Revista de estudios culturales sobre la Gran Guerra y el mundo hispânico*, 2010.

> Quando voltei da Europa em 1921, cheguei carregando as bandeiras do ultraísmo. Até hoje sou reconhecido pelos historiadores da literatura como o "pai do ultraísmo argentino"...agora só me resta lamentar meus primeiros excessos ultraístas. Depois de quase meio século, ainda continuo me esforçando para esquecer esse canhesto período de minha vida.[93]

Beatriz Sarlo faz uma análise, entendemos, definitiva, para a cidade de Buenos Aires dos anos 20, palco de recriação do movimento ultraísta aqui na América Latina. Ela apresenta a agenda de alguns dos intelectuais mais proeminentes da cultura argentina, de ação baseada em um sentimento único de preservação da "argentinidade", aliada ao novo, às descobertas que vão tornar a vanguarda argentina a mais interessante, para muitos, da América Latina.

A questão dilemática que se impunha aos intelectuais deste período, capitaneados por Borges, segundo essa autora, era a seguinte: *como escrever uma literatura moderna, num país periférico*? O localismo *criollo* versus o cosmopolitismo, onde este dilema dos intelectuais é o dilema da cidade de Buenos Aires, e é, em última instância, o dilema de toda a América.

De qualquer forma, e talvez seja este o ponto diferenciador da problemática imposta pela intelectualidade argentina que compunha a revista Proa, e o da intelectualidade brasileira integrante da *Revista do Brasil*; o tema que inquietava remontava fundamentalmente às origens, e ao sentido que deveria dar-se a elas; à relação com a Espanha, nação fundadora, e à necessidade de criação de uma expressão lingüística realmente própria, quebrando os ainda remanescentes grilhões da colonização.

A discussão, ao contrário, que perpassava a produção intelectual da Revista do Brasil, era muito mais no sentido da filiação (ou não) a um determinado modelo de sociedade (França, Inglaterra, Estados Unidos, e até Alemanha, na idéia bismarckeana de "revolução vinda de cima de cima"),e não tanto de realocação de nossas origens num cenário de diálogo/ confronto entre o moderno e a tradição, além de uma definitiva tomada de sentido dos papéis sociais, principalmente, do intelectual.

A proposta da revista *Proa*, a proposta borgeana, caminhava neste sentido: emancipar a Argentina, a partir de Buenos Aires, mas recriar o seu passado, tornando-o um local seguro:

---

93 BORGES, Jorge Luis. *Ensaio autobiográfico.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.41.

> Na Argentina, a relação com o passado tem sua forma específica na recuperação imaginária de uma cultura supostamente ameaçada pela imigração e pela urbanização. No caso de Borges e de outros vanguardistas portenhos, observa-se claramente o ímpeto de outorgar ao passado uma nova função.E começa assim o debate sobre o passado: é preciso fazer uma nova leitura da tradição. Borges sugere: é preciso retomá-la e pervertê-la.[94]

Deste modo, inserir as experiências a um universo muito mais vasto, o Ocidente, implica, obrigatoriamente, à adoção de um padrão próprio que leve em conta as diferenças em relação á matrizes: este foi o caminho escolhido pelo grupo, a partir de suas interações internas cuja Buenos Aires ilustrou sua escolha. José Mauricio Domingues explica:

> O Ocidente é corretamente encarado como fenômeno interno, constitutivo de nossa personalidade. A princípio em sua vertente ibérica, e depois como resultado de uma contraditória dinâmica de ocidentalização que se relaciona com a inclusão do continente, de forma dependente, na dinâmica do mundo capitalista. Ou seja, o Ocidente nos afeta hoje de duas maneiras interligadas: como um movimento interno, em virtude de sua reiterada incorporação ao longo do processo histórico; e como influência exógena que se torna endógena, em proporções desiguais e de acordo com as preferências de cada período e as pressões que no decorrer deles se fazem sentir. Deriva-se dessas reflexões a referência à América sem o emprego de adjetivação que acentue um ou outrodesses elementos.[95]

2.4 **Florida e Boedo: riquezas culturais e visões de mundo em disputas literárias**

A consistência na construção do perfil cultural desta cidade argentina neste período poder ser perfeitamente exemplificada pela essência da “contenda” entre estes grupos literários representativos de mais do que diferentes estilos literários; foi um confronto de diferentes visões de mundo; diferentes desejos para seu país. Adolfo Prieto explica:

> *Florida* e *Boedo*, designações topográficas precisamente transferidas ao campo em que o meramente estético se separa dos conteúdos ideológicos ou, melhor dito, da propaganda ideológica, representam em nossa literatura o velho dilema que a fórmula horaciana, *dulce et utile*, pretendeu resolver no mais difícil dos equilíbrios imagináveis.*Florida*, rua do ócio distraído, era um bom nome para alcunhar a variante local do conceito de gratuidade na arte;*Boedo*, rua de trânsito fabril em um bairro fabril, uma excelente bandeira para agitar as consciências com adequadas formas de subversão. *Florida* mirava a Europa e as novidades estéticas do pós-guerra; *Boedo* mirava a Rússia e se inflamava com o sonho da revolução universal. As origens de ambas as designações são difíceis de serem verificadas e foram aventados

---

94 SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia.* São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 43-4.

95 DOMINGUES, Jose Mauricio. *Do Ocidente à Modernidade.* Intelectuais e Mudança Social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.28

> vários nomes e intenções para explicá-la. De qualquer modo, deve-se notar o modo eficaz com que tais nomes destacam a polarização desse processo literário[96].

Lembremos a efervescência do mercado editorial argentino da época: tiragens bastante significativas (variadas entre 10 e 40 mil exemplares) das inúmeras revistas que eram editadas (oitenta e duas mais precisamente); lembremos também do projeto educacional engendrado por governos anteriores que formou um público-leitor consistente.

Sem nos ater a essa contenda, o fato de existir um debate dos mais consistentes entre dois grupos de intelectuais, que, no fim das contas, representa o embate de dois projetos nacionais e de questionamentos a respeito do papel do intelectual na sociedade, um, de proposições de atuação, e outro, de proposições um pouco mais contemplativas, nos mostra o grau de maturidade intelectual argentina, sentida, é claro, a partir de características de sua formação.

Em sua revisão autobiográfica, Borges minimiza esta disputa, qualificando-a com “truque publicitário”, mas reforçando a idéia de incremento da vida cultural da capital:

> O resultado foi a invenção de uma falsa rivalidade entre Florida e Boedo. Florida representava o centro, e Boedo, o proletariado. Eu teria preferido pertencer ao grupo de Boedo, considerando que escrevia sobre o velho Bairro Norte e os cortiços, sobre a tristeza e os ocasos... Tudo aquilo era arranjado. Algu s escritores – por exemplo, Roberto Arlt e Nicolás Olivari – pertenciam aos dois grupos. Atualmente algumas universidades crédulas levam a sério essa farsa. Mas era em parte um truque publicitário e em parte uma brincadeira juvenil.”[97]

2.5 **Jorge Luis Borges: o Ariel no labirinto babélico**

No centro não só deste debate, como de toda a vida cultural argentina, está este escritor. A decisão em trazer o escritor para integrar este debate deveu-se, primeiro, ao fato de sua participação no cenário editorial argentino no período definido; mas, além disso, a sua importância não se restringe a isso. Ele é, inclusive, na sua trajetória pessoal, a concretização da possibilidade de realização de um padrão próprio da experiência original de nosso continente, que chamamos atenção

---

96 Ver QUINTELA, Hugo. *Boedo e Florida.* Antologia de Vanguardias argentnas. 2006, p.3

97 Ver BORGES, Jorge Luis. *Ensaio autobiográfico*. Op. cit., p.52

no início deste capítulo; no caso, no campo da literatura, mas que facilmente poderia estender-se às artes em geral, economia, política, e demais áreas.

POESIA

Fervor de Buenos Aires (1923)
Luna de enfrente (1925)
Cuaderno San Martín (1929)
Poemas (1923-1943)
El hacedor (1960)
Para las seis cuerdas (1967)
El otro, el mismo (1969)
Elogio de la sombra (1969)
El oro de los tigres (1972)
La rosa profunda (1975)
Obra poética (1923-1976)
La moneda de hierro (1976)
Historia de la noche (1976)
La cifra (1981)
Los conjurados (1985)

ENSAIOS

Inquisiciones (1925)
El tamaño de mi esperanza (1926)
El idioma de los argentinos (1928)
Evaristo Carriego (1930)
Discusión (1932)
Historia de la eternidad (1936)
Aspectos de la poesía gauchesca (1950)
Otras inquisiciones (1952)
El congreso (1971)
Libro de sueños (1976)

CONTOS

El jardín de senderos que se bifurcan (1941)
Ficciones (1944)
El Aleph (1949)
La muerte y la brújula (1951)
El informe Brodie (1970)
El libro de arena (1975)

No clasificados

Historia universal de la infamia (1935)
El libro de los seres imaginarios (1968)
Atlas (1985)

COLABORAÇÃO COM ADOLFO BIOY CASARES

Seis problemas para don Isidro Parodi (1942)
Un modelo para la muerte (1946)
Dos fantasías memorables (1946)
Los orilleros (1955). Guión cinematográfico.
El paraíso de los creyentes (1955). Guión cinematográfico.
Nuevos cuentos de Bustos Domecq (1977).

COM OUTROS AUTORES

Antiguas literaturas germánicas (México, 1951)
El "Martín Fierro"(1953)
Leopoldo Lugones (1955)
La hermana Eloísa (1955)
Manual de zoología fantástica (México, 1957)
Antología de la literatura fantástica (1940)
Obras escogidas (1948)
Obras completas (1953)
Nueva antología personal (1968)
Obras completas (1972)
Prólogos (1975)
Obras completas en colaboración (1979)
Textos cautivos (1986), textos publicados en la revista El hogar
Borges en revista multicolor (1995): notas, traducciones y reseñas bibliográficas en el diario Crítica.

Resgatando ilustrativamente parte de sua biografia, percebemos a riqueza e o modo com o qual o autor mesclou as experiências pessoais formativas de sua personalidade vividas em boa parte na Europa, e seu retorno a Buenos Aires. Este retorno fora fundamental para a reorganização da sua carreira, seu reencontro com Buenos Aires:

> Retornamos a Buenos Aires no vapor Reina Victoria Eugenia, por volta de fins de março de 1921. Para mim foi uma surpresa, depois de tantas cidades européias – depois de tantas lembranças de Genebra, Zurique, Nîmes, Córdoba e Lisboa -, descobrir que o lugar onde nasci havia se transformado numa cidade muito grande e extensa, quase infinita, povoada de prédios baixos com terraços e que se estendia a oeste na direção do que os geógrafos e literatos chamam o pampa. Aquilo foi mais que uma volta ao lar; foi uma redescoberta. Eu podia ver Buenos Aires de perto e com entusiasmo, porque estivera afastado dela por longo tempo. Se nunca tivesse ido ao estrangeiro, duvido que tivesse podido vê-la com essa peculiar mistura de surpresa e afeto daquele momento. A cidade – não toda a cidade, claro, mas alguns lugares que para mim eram emocionalmente importantes – inspirou os poemas de meu primeiro livro publicado, *Fervor de Buenos Aires.*[98]

Este reencontro, no contexto argentino dos anos 20, fez com que Borges percebesse a necessidade de uma reaparelhamento das ferramentas de sua prosa no sentido de reconstruir a identidade nacional sob dois pilares mitológicos: o mito do gaucho e a língua portenha; em outros termos, um criollismo moderno, assentado na recriação da nação argentina.

> As ruas de Buenos Aires já são minhas entranhas. Não as ávidas ruas, incômodas de turba e de agitação, mas as ruas entediadas do bairro, quase invisíveis de tão habituais, enternecidas de penumbra e de ocaso e aquelas mais longínquas privadas de árvores piedosas onde austeras casinhas apenas se aventuram abrumadas por imortais distâncias, a perder-se na profunda visão de céu e de planura.
> São para o solitário uma promessa porque milhares de almas singulares as povoam, únicas ante Deus e no tempo e sem dúvida preciosas. Para o Oeste, o Norte e o Sul se desfraldaram - e são também a pátria as ruas; oxalá nos versos que traço estejam essas bandeiras (Fervor de Buenos Aires).

Ele destrincha, nesta obra, vários aspectos da cidade que remetem às suas tradições criollas (como as Feiras, p. 58), e que podem ser perfeitamente utilizadas para esta recriação: Borges está fascinado com as mudanças (“ Buenos Aires não é mais a cidade que conheci”), mas ao mesmo tempo apreensivo com o distanciamento com a essência que aparentemente Buenos Aires parece tomar.

Qual o plano? Recriar o Ser nacional. O meio para esta recriação? A literatura, sejam os livros, sejam as revistas, que ocupam e inventam a cidade, e por fim, a nação. Dar uma

[98] BORGES, Jorge Luis. *Ensaio autobiográfico*. Op. cit.

função ao passado – algo que Borges, com sua literatura e participação no mercado editorial como um todo o fez; como nos explica Beatriz Sarlo, Borges volta ao seu país, periférico no Ocidente, retorna á sua capital, e nela, busca suas margens, suas bordas (*orillas)* que ainda não estão de todos tomadas pela civilização moderna – Borges quer a fronteira.

Fervor de Buenos Aires, Luna de Enfrente e Cuadernos de San Martin: estas três obras, produzidas na década de 20, expõem toda a vontade de Borges em "perverter" a tradição (ver Beatriz Sarlo), e fazer da Argentina uma nação com passado e presente no mesmo plano.

> Só se pode sentir nostalgia por alguma coisa que se perdeu. Numa Buenos Aires transformada pelos processos de modernização urbana, em que a cidade criolla se refugiava numas poucas ruas de bairro, que por sua vez também se transformavam em seu perfil físico e demográfico, Borges inventou um passado. Fabricou-o com elementos descobertos ou imaginados na cultura argentina do século XIX, que tinha para ele uma densidade proveniente não apenas dos livros, mas também de uma espécie de tradição familiar.[99]

2.6 **Monteiro Lobato e as Velhas Tintas Lusitanas**

Temos como objeto de análise a fase deste periódico dirigida por Monteiro Lobato, que compreende o período iniciado em 1918 e encerrado em 1925.Dentro disso, selecionamos alguns autores e seus respectivos artigos reunidos no conjunto *Projetos para a Nação,* que apresentaremos ao longo deste capítulo.

Monteiro Lobato, personagem central desta empreitada, já fora artefato de análise de vários estudos, e que de maneira precisa encontramos referência em um esboço genealógico realizado pelo Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp. (em anexo)

O que de fato no interessa a seu respeito é uma breve apresentação de suas sugestões de transformação para o país no ofício de autor; mas, sobretudo, de maior relevância para este trabalho, o seu entendimento do que seria o mais extraordinário corpo de contribuições para o país: a escalação do time de intelectuais como colaboradores da Revista do Brasil na sua gestão.

Como estudos nos mostram, Monteiro Lobato foi um autor irrequieto nas suas percepções e implicações surgidas: o país precisa mudar.

---

[99] SARLO, Beatriz. Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. Op. cit., p.69

Enquanto esse “milagre” se operava ao norte do continente, “um país ao sul, de igual extensão territorial e povoado com os mesmos tipos de elementos humanos, europeu, negro e índio, permanecia em profundo estado de dormência. Um pântano com quarenta milhões de rãs coaxantes, uma a botar a culpa na outra do mal estar que todas sentiam. Procuram soluções políticas, mudam a forma de governo, derrubam um imperador vitalício para experimentar imperantes quadrienais; fazem revoluções, entrematam-se, insultam-se, acusam-se de mil crimes, inventam que o pântano permanece pântano porque há uma crise moral crônica. O mal nas rãs é julgar que sons resolvem problemas econômicos. Trocam o som “monarquia” pelo som “república”. Depois inventam sons inéditos – “reajustamento”, “congelados”, “integralismo”. O próprio das rãs é esses excessivo pendor musical. Querem sonoridades apenas”.[100]

O seu diagnóstico a respeito do Brasil não diferia em nada do elaborado por exemplo, por Oliveira Vianna, integrante do corpo de contribuintes da revista; são temas recorrentes na sua produção, seja como jornalista, seja como publicista: a construção da nacionalidade brasileira, a situação do campo e a discussão sobre a real vocação agrária do Brasil, e é claro, a presença do caboclo, ou do seu “Jeca Tatu” na formação do povo brasileiro, em todas as suas especificidades. Ele é um dos proponentes de uma transformação radical nas interpretações da vida brasileira; sua crítica é direcionada aos românticos e ufanistas, desde Bernardo Guimarães até Affonso Celso, que não falavam de um Brasil tal como ele se constituíra através de uma colonização predatória, cujo produto direto foi, segundo Monteiro Lobato, a constituição de um povo de mentalidade parasitária e atrasada[101].

Monteiro Lobato visava, portanto, denunciar o que acreditava ser a realidade brasileira, rechaçando o Brasil literário herdado do Romantismo e de sua vertente poética, o Parnasianismo.Monteiro Lobato apela para a urgência de se empreender um levantamento sociológico do Brasil, encerrando a continuidade de práticas políticas que denunciavam um desconhecimento do Brasil real; como exemplo, ele faz constantes referências ao funcionamento do Ministério da Agricultura, que, para ele, é o retrato exato de quão errado está a execução de políticas públicas no país.

---

[100] CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do pica pau amarelo:* uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

[101] Idem ibidem.

Como exemplo de eficiência, Monteiro Lobato se espelha em muito na experiência norte-americana de organização da sociedade; deposita sua crença na industrialização como móvel de progresso, e em uma não intervenção agressiva do governo na produção do país. Ele aponta uma resistência do Brasil em trilhar este caminho do progresso e a credita, em um primeiro momento, ao povo, ao "conjunto de Jeca Tatus", o mais bem acabado produto da colonização empreendida aqui: o nosso caipira é o grande mal a ser corrigido, já que se mostrava incapaz de evoluir e impenetrável ao progresso, muito em função da noção de trabalho que aqui, mais uma vez graças à colonização, foi deformada em relação ao mundo liberal. A trajetória intelectual de Monteiro Lobato, entretanto, permitiu certas revisões de conceitos e afirmações: é inegável não importando a denominação empregada, Jeca Tatu , a atenção aplicada ao tema é soberana; mas, além disso, a abordagem varia quando o tema é retomado, após repensar a aplicação de teorias racistas oriundas da Europa; para ele, a raça deixa de ser determinante na formação da nacionalidade: de objeto de crítica, o "mestiço Jeca Tatu" passa a objeto de correção protetora, uma espécie de vítima não apenas da formação do país, mas também de uma errada condução exercida por uma elite nada familiarizada com as coisas nacionais; uma visão, em princípio, crítica a respeito do povo, dada a sua caracterização racial, e que posteriormente,se torna paternalista, já que a responsabilidade pelo atraso brasileiro passa a ser creditada à essa "gente civilizada".

Feito o diagnóstico, as proposições para mudanças de Monteiro Lobato se convergem para a formação de uma elite-guia: Monteiro Lobato trabalha, para isso, com paradigmas ora alemães, ora norte-americanos: a solidez da nação alemã, expressa no conhecimento da matéria-prima do seu povo, buscada na sua história, e não importada, além da dinâmica nas relações regidas pelo capitalismo presente na experiência norte-americana. Ele nos faz perceber a urgência do abandono deste estágio de atraso, cuja responsabilidade está nas mãos, para ele, dos intelectuais formadores de uma elite que detém os mais preciosos valores morais e mentais, e que está a espera, aguardando o chamado para a ação: "os intelectuais são os verdadeiros guias, que dirigem os dirigentes"[102] . E para ele, naquele momento, não existia melhor direção do que aquela apontada por Oliveira Vianna, colaborador

[102] Correspondências enviadas à Oliveira Vianna, entre as décadas de 20 e 30. Casa de Oliveira Vianna, Niterói, reg. 105032/105033.

assíduo da Revista do Brasil: “Você é o grande mentor de que o país precisava. Não há nenhuma visão hoje mais precisa que a tua... Você é uma espécie de Messias, um homem que traz a luz nova”[103].

Monteiro Lobato encontrara nas obras de Oliveira Vianna a expressão daquele “olhar sociológico” que tanto o inspirava a construir um outro Brasil: o elogio às suas obras, cujo contato era sempre imediato à sua conclusão, já que era seu editor, era uma constante. Eram verdadeiros guias, recomendados para leitura aos representantes da elite que desejava reformar; entre eles, despontavam figuras como Arthur Bernardes e Washington Luís. Monteiro Lobato acreditava na força das idéias de Oliveira Vianna, como realizadoras de uma nova etapa da trajetória brasileira. Para expressar esta crença, ele faz referência em algumas correspondências às “práticas civilizatórias” aplicadas em tempos coloniais no Brasil: me refiro à atuação dos jesuítas: a influência das idéias de Oliveira Vianna, para Monteiro Lobato, deveria ser de tamanha amplitude como fora a presença desta ordem religiosa na estruturação do “povo” brasileiro.[104]

Para Monteiro Lobato, padecemos de uma crise moral, expressa em práticas corruptas e em um utilitarismo imediatista; crise esta agravada com a República, cujas elites só se preocupam em atender interesses pessoais, abrindo um abismo entre o Estado e a massa. Não temos definidas diretrizes sociais, já que os intelectuais brasileiros se abstém de suas responsabilidades sociais. O editor, pensador, escritor, Monteiro Lobato aponta os problemas, e os vê solucionados com a aplicação do que Oliveira Vianna organizara em suas obras. Portanto, reformas políticas que visassem a construção de um novo Brasil, para Monteiro Lobato, passaria obrigatoriamente pelas idéias de Oliveira Vianna.

Acreditava Monteiro Lobato que por o Brasil não estar em conformidade com o mundo civilizado a partir de noções liberais para o exercício das liberdades políticas na sua plenitude, uma intervenção executada por uma elite preparada era necessária. Monteiro Lobato marca, com isso, as diferenças entre o mercado editorial brasileiro e os demais, sobretudo o argentino, nos incentivos dados ao governo vizinho para publicações:

---

[103] Correspondências enviadas à Oliveira Vianna, entre as décadas de 20 e 30. Casa de Oliveira Vianna, Niterói, reg. 105032/105033.

[104] Correspondência. Casa de Oliveira Vianna. Niterói. reg. 105023.

> En el campo editorial, Argentina goza de dos grandes ventajas sobre Brasil: 1) el papel para libros entra libre de derechos de aduana; 2) existe un mercado exterior para la producción. El año pasado la producción de libros fue de diez mil toneladas, de las cuales cinco mil fueron exportadas. Fíjate que maravilla. Ahí no exportamos libro alguno y sobre el papel importado tenemos una tasa equivalente al 100% del precio de costo. Solamente existe exención para el papel de periódicos y revistas. Esto explica el tremendo desarrollo de la industria editorial argentina"[105].

Em contraste com seu colega Borges, Monteiro Lobato pontilha suas análises com tintas descrentes, e transfere para o Estado brasileiro, na figura de uma classe intelectual ilustrada, a árdua missão de redirecionar a trajetória nacional; a literatura é formadora; ela é capaz de realçar o que temos de melhor, uma paisagem, que nos remete a um tempo de boas relações com a natureza; um empreendedorismo, na figura do bandeirante, que faz de São Paulo centro modernizador do país.

Já Borges imprime à literatura a força da mudança: o povo argentino se redescobre a partir da recriação dos seus mitos de origem. A missão nacional é dele e de seus pares; para Monteiro Lobato, a missão é dos outros, a quem a literatura formou; a missão está fora; Borges é a missão.

[105] LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro **Lobato*** – literatura comentada. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

3 **UM CORO A DUAS VOZES – A REVISTA DO BRASIL E REVISTA PROA**

Contamos com uma definição corrente de coro: agrupamento de várias vozes para o exercício de **interpretação** musical.

Pensamos, nesta etapa do trabalho, que o contexto aqui realçado espelha um grande leque de vozes, na maioria das vezes, dissonantes, na recuperação do nosso passado, ou de parte dele, e na conseqüente proposição de alternativas de rumo para seus determinados países.

Em seus diferentes grupos, ou naipes, se nos apropriarmos da linguagem musical, a consonância tem que ser prevalente: a idéia de redefinição do papel da América Latina era o tom: a partir daí, as vozes se pronunciavam a partir de suas formações de contexto e anseios.

O papel das publicações na formação de uma esfera crítica literária de robustez se mostra parte estruturante da modernidade:nas palavras de Beatriz Sarlo,em obra aqui já citada:

> La historia del público describe la progresiva escisión de esta unidad personalizada y estrecha hasta la relación anónima y abstracta que caracteriza al público moderno. La existencia de élites culturales constituye el prerrequisito de un auditorio o de un conjunto de lectores interesados en la literatura. Cómo los poetas italianos del siglo XIV encontraron esa *élite* del *cor gentil* de la que habla Auerbach (1969); como en la alta Edad Media las señoras castellanas y sus cortejos fueron destinatarios de los *romans* que el público masculino, más ocupado en otros oficios, no leía ni apreciaba; cómo se van creando núcleos de aficionados al arte en las ciudades europeas: tales son las cuestiones que debe abordar una historia de la conformación del público. Cuando el desarrollo de la vida política y mercantil en las ciudades italianas amplió el circulo de la comunidad urbana y requirió de un número mayor de personas para la administración de la cosa pública o de los negocios privados, surgió un patriciado ciudadano (con su respectiva clientela) distinto de la nobleza feudal de otras regiones de Italia y de Europa. Se estaban dando entonces los primeros pasos en la constitución de un público de nuevo tipo: los humanistas fueron quienes, en primer lugar, se beneficiaron con este contacto ampliado y mediado con los lectores, a quienes ya entonces empezaron a no conocer personalmente.
> Luego, la Inglaterra de Isabel I fue escenario de un desarrollo más profundo, que se revelaría decisivo para el destino de las modernas relaciones entre autor y lectores. El teatro se emancipó de las tutelas cortesanas al conquistar, por el pago de entradas, la independencia económica que permitió al drarna shakespereano no ser una literatura de corte. El príncipe Hamlet, que enseña a avezados actores cómo deben representar sus papeles, ya no hubiera podido operar así en los teatros donde se representat)an las obras de Shakespeare. Sin embargo, éste y los dernás poetas contemporáneos suyos mantuvieron aún lazos de dependencia: rastros del viejo sistema de patronazgo (véase mecenas) perduran en sus obras poéticas, en sus dedicatorias y, cristalizados, en algunos rincones de la escena isabelina.

Relacionado a isso, as revistas, no século XX, ganham força e tornam-se estrado de discussões e declarações de padrões culturais, e nos casos aqui inventariados, modelos de nacionalidade:

> [...] a revista literária é, a princípio, não hierárquica: ela oferece, horizontalmente, múltiplos enunciados, nem sempre passíveis de unificação ou convergência, porém, certamente rearticuláveis, em redes aleatórias, numa leitura de conjunto realizada *a posteriori*. Sua multiplicidade em conseqüência é anômala e estriada.[106]

De comum, relembramos aqui a experiência de um incremento do mercado editorial dos dois países: Brasil e Argentina viveram um *boom* editorial nos anos 20, com a publicação de inúmeros periódicos. A variável está, na composição, e substancialmente, na extensão do público-leitor: Na Argentina, nos anos 20, a taxa de analfabetismo era perto do zero; no Brasil, os dados mostram:

a) População de 5 anos e mais

1872	8.854.774	7.290.293	82,3
1890	12.212.125	10.091.566	82,6
1920	26.042.442	18.549.085	71,2
1940	34.796.665	21.295.490	61,2
1950	43.573.517	24.907.696	57,2
1960	58.997.981	27.578.971	46,7
1970	79.327.231	30.718.597	38,7
1980	102.579.006	32.731.347	31,9
1991	130.283.402	31.580.488	24,2
2000	153.423.442	25.665.393	16,7

[106] ANTELO, Raul. *Literatura em Revista.* São Paulo: Atica, 1984, p.33

b) População de 10 anos ou mais

1940	29.037.849	16.452.832	56,7
1950	36.557.990	18.812.419	51,5
1960	48.839.558	19.378.801	39,7
1970	65.867.723	21.638.913	32,9
1980	87.805.265	22.393.295	25,5
1991	112.860.254	21.330.966	18,9
2000	136.881.115	17.552.762	12,8

c) População de 15 anos ou mais

1920	17.557.282	11.401.715	64,9
1940	23.709.769	13.242.172	55,9
1950	30.249.423	15.272.632	50,5
1960	40.278.602	15.964.852	39,6
1970	54.008.604	18.146.977	33,6
1980	73.542.003	18.716.847	25,5
1991	95.810.615	18.587.446	19,4

Fonte: Censo do IBGE - !920.

Temos, na década de 20, um expressivo aumento no número de publicações nos dois países; Na Argentina, incomparavelmente mais expressivo este aumento do queno Brasil, em virtude, como mostram os dados, de um público-leitor mais consistente.Mais que isso; veremos em breve que a diversidade de temas abordados pelos intelectuais argentinos, ao menos nos periódicos aqui escolhidos, é muito maior que no Brasil; a presença de escritoras na Argentina também, embora esbarre em grandes dificuldades ao se apresentar no espaço público.

De qualquer modo, trabalharemos com o contato interpretativo que sustenta a produção intelectual destes dois países, e da América ibérica como um todo, representada aqui pelas duas revistas, como exposições de propostas de (re)construção da identidade nacional, nas suas diferentes matizes.

Aqui, vale ser citado de forma a relembrar o que já foi dito nos capítulos anteriores, o eficiente retrospecto realizado por Cláudia Wasserman no que diz respeito ao cenário das primeiras décadas do século XX, e de que forma a temática discursiva dos intelectuais fora moldada a partir daí:

> O que se modificou substancialmente a partir de 1910 foi a intensidade dos debates acerca da questão nacional. Essa problemática apresenta-se reiteradamente no curso da história sub-continental, mas revela-se mais importante do ponto de vista prático e teórico em conjunturas críticas como aquela vivida pelos estudiosos latino-americanos do século XX. Essa conjuntura crítica foi determinada pelo impacto causado pela Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Revolução Mexicana e a crise das oligarquias primário-exportadoras em toda a América Latina. Conjugados, esses processos históricos resultaram em efeitos de longa duração e grande intensidade no sentido da transformação do pensamento político e social em relação aos países da América Latina. Historiadores, cientistas sociais e políticos militantes foram tomados por duas sensações contraditórias e complementares: o desencanto e a esperança.[107]

Os acontecimentos, continua a nos explicar C. Wasserman,de certa forma, apresentavam ao mundo , e à América Latina também, porque não?, novas possibilidades, novos caminhos, onde se fazia necessário o abandono de velhas práticas para elaboração de novos paradigmas.

Os intelectuais, podemos afirmar, a frente destas mudanças, estão empenhados em forjar novas premissas, reagindo no resgate de uma cultura que nos é própria, transformando este momento no que se cunhara posteriormente, como a “Hora Americana”.

Como já dito, neste trabalho selecionamos duas revistas para análise comparativa, a Revista do Brasil e a revista Proa, onde seu escopo intelectual nos sinalizará quanto á estruturação colaborativa aos seus projetos de nação.

Ao conclamarmos, para efeito ilustrativo, a movimentação latino-americana no sentido de reorganização do seu lugar no mundo, trazemos o sinal de um sentido de defesa da nossa trajetória, não importando, neste momento, qual fosse: dois grupos de autores que saem em busca da marca latino americana, grupos esses que denominamos “circuito arielista e círculo iberista”, em função primordialmente do seu comprometimento com a proteção das linhas de delineio latinoamericanas.

Além do próprio Monteiro Lobato, os colaboradores da Revista do Brasil pinçados que direcionam seus trabalhos a partir deste propósito são:

1. Oliveira Vianna;
2. Eduardo Prado;
3. Sérgio Buarque de Holanda

E no caso argentino, além de Borges,

1. Oliverio Girondo

---

[107] WASSERMAN, Claudia. Percurso Intelectual e Historiográfico da Questão Nacional e Identitária na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico. Anos 90.*Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, p.11-2.

2. Adolfo Bioy Casares.

Todos são, de alguma forma, comprometidos com a construção ou o restauro da identidade nacional dos seus países.

3.1 **Arielismo e Iberismo**

O Circuito Arielista

Rodó, em sua obra mais conhecida e um dos pilares deste trabalho, nos apresenta a América Latina como a terra de maior prosperidade e possibilidades de realizações políticas: se cuidadas suas características culturais, que para ele, são “ mágicas”, ao Ocidente se imporia uma transformação no seu eixo-padrão de costumes, tornando a América Latina berço destas mudanças: Nossa maior mazela não reside no tipo de colonização aqui engendrada; tampouco nas suas permanências dificultosas do estabelecimento de sociedades menos desiguais: nosso maior erro foi a imposição, exógena ou não, de um modelo de sociedade que feriu, quase que mortalmente, nossa essência social mais pura..

Ao que denominamos “circuito arielista” infere-se o apelo destes dois grupos de intelectuais, acolhidos no espaço das suas respectivas publicações, em relação á urgência no debate acerca da questão nacional; o modelo norte-americano de sociedade nos engessava. Das variáveis modernização e identidade, repousamos na quarta etapa este momento de estudo:

Começo do século XX: uma nova onda identitária: arielismo, iberismo, paganismo, indigenismo e afroamericanismo.

O caminho aberto por Rodó, mesmo que não diretamente, facilitou o conclame destes intelectuais: a América Latina, tão fragilizada pelo seu predatório início, urgia em mudanças:

> CALIBÃ — Está na hora do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-ma; adulavas-me, quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam. Naquele tempo, tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito! Que em cima de vós caia quanto tinha de encantos Sicorax: besouros, sapos e morcegos. Eu, todos os vassalos de que dispondes, era

> nesse tempo meu próprio soberano. Mas agora me enchiqueirastes nesta dura rocha e me proibes de andar pela ilha toda.[108]

Caliban acordou de um sono inebriante: retomar a sua ilha, tendo Ariel como guia, era a chave para as modificações necessárias para a sua sobrevivência digna e livre.

> CALIBÃ — Ora, como eu te disse, ele tem o hábito de dormir toda tarde. Aí, te fora possível asfixiá-lo, após o teres privado de seus livros; ou, munido de um pau, lhe partirás em dois o crânio; se não, o estriparás com qualquer vara, ou a garganta com faca lhe seccionas. Mas, primeiro, é preciso que te lembres de lhe tomar os livros, pois, sem eles, é um palerma como eu, já não dispondo de espírito nenhum sobre que mande. Todos, como eu, lhe têm ódio entranhado. Basta queimar-lhe os livros. Utensílios valiosos também tem — assim lhes chama — para enfeitar sua futura casa. Mas o que é sobretudo de estimar-se é a beleza da filha, que ele próprio considera sem par. Mulher nenhuma jamais eu vi, tirante Sicorax, minha mãe, e ela mesma. Mas tão longe deixa ela Sicorax como o que é grande ao que é muito pequeno[109].

Esta é a chave motor que faz de Rodó o detonador do processo de esperançosa emancipação real; um continente jovem, ainda possível de experenciar novos tempos, sem vícios, sem uma tecnicidade utilitarista opressora e uma igualdade mutiladora e tirânica, que não enxerga as diferenças. Neste caso, integram-se ao circuito, Eduardo Prado, Oliverio Girondo e Borges, de uma foram bem específica, e Adolfo Casares.

O Circulo Iberista

Por outro lado, a alusão ao nosso modo de formação e estruturação da sociedade é uma outra forma de exercício intelectual, que tem em alguns autores preocupados com a questão nacional sua marca indelével.

O ponto de partida é o mesmo: “somos assim por conta da nossa herança ibérica”. A partir dessa assertiva, os caminhos se abrem e os atores se apresentam: O Estado e a sociedade. Esta era uma preocupação presente nas obras de dois autores aqui relacionados: Sergio B. de Holanda e Oliveira Vianna, e de forma bem específica, Monteiro Lobato. Os demais não se encaixariam neste “grupo”, por terem

---

[108] JOSÉ Enrique Rodó y su tiempo. Cien años de Ariel. Madrid: Iberoamericana, 2000.

[109] RODÓ, José Enrique. *Obras completas.* 2.ed. Buenos Aires: Zamora, 1956.

subsumido a questão formativa social á valorização dos traços nacionais, ou até mesmo, latino-americanos.

Borges e a Proa evocavam as origens criollas da sociedade argentina; Monteiro Lobato e a Revista do Brasil, as nossas possibilidades de fundação de uma civilização endógena, a partir de um desnudamento da nossa própria história.

Aproximações e distanciamentos são variáveis da relação destes dois grupos de intelectuais: união no sentido da necessidade de uma tomada de consciência em relação à mudança de trajetória dos países; e distanciamento na escolha de qual trajetória seria essa. Pensar na problemática latino-americana no que diz respeito à sua formação, ou aos traços que dela permaneceram em nossas entranhas, a partir de alguns números de duas publicações, A Revista do Brasil e a Revista Proa, é tarefa que ao mesmo tempo é global, no sentido a conformidade de algumas características, e singular, pois as especificidades são determinantes justamente nesta escolha.

Na figura de dois dos seus principais editores, Monteiro Lobato e Jorge Luis Borges, teremos estas aproximações e distanciamentos bastante definidos.

3.2 **A Revista do Brasil ea “Hora Americana”**

CONTRIBUINTES:

- Oliveira Vianna
- Eduardo Prado
- Sérgio Buarque de Holanda.

DIAGNÓSTICO –EUROPEÍSMO VS.IBERISMO . Oliveira Vianna como ator em destaque.

O seu projeto de Estado corporativo, esboçado como uma espécie de proposta contra-revolucionária, já que suas sugestões rejeitam qualquer proposição transformadora da sociedade, limitando-se a apresentar sugestões reformadoras que não alterem a ordem social, é produto direto de uma espécie de diagnóstico, realizado a partir de uma análise da estruturação da sociedade brasileira.

Da sua condição de colônia, o Brasil se torna refém da concepção portuguesa de mundo, expressa na permanência de suas tradições. Portugal é reconhecido como uma nação pouco dotada de “europeísmo”, que se traduz num

questionamento das tradições européias, fixando um conceito que se tornará emblemático na afirmação da Europa: Civilização. Portugal não estava entre as nações européias que cumpriam esta "receita civilizatória", por preservar tradições que esta ordem reformista insistia em questionar. Era uma sociedade pouco definida no que diz respeito à divisão de classes, o que provocava um reconhecimento muito mais pessoal do que de classe, e no todo, nacional:

> O mundo português, à época dos descobrimentos, talvez não fosse medieval em toda a sua extensão, mas a alma portuguesa encontrava-se impregnada desta herança. Como resultado, pode-se constatar o seguinte: enquanto os outros reinos estavam perdendo a crença nas hierarquias e na validade de coisas como tradição e obediência, os portugueses mantinham-se fiéis a tais concepções[110].

Portugal, que havia conquistado a unidade política em torno do rei, permitindo-lhe aventurar-se na conquista de novos mercados, não participou da confecção do que seria a "bandeira "européia na afirmação de sua hegemonia e de seu próprio reconhecimento, como missionária: a idéia de civilização. Por civilização, através da elaboração francesa, podemos interpretar, num primeiro momento, como a ampliação dos hábitos de Corte para o restante de sociedade:

> [...] já no século XVIII, não havia mais qualquer grande diferença em costumes entre os principais grupos burgueses e a aristocracia. E mesmo que, com a ascensão mais forte da classe média a partir de meados do século XVIII—ou, em outras palavras, com a ampliação da sociedade aristocrática através da maior assimilação de grupos importantes da classe média—comportamento e costumes mudassem devagar, isto aconteceu sem ruptura, como continuação direta da tradição aristocrática de corte do século XVII. Tanto a burguesia de corte como a aristocracia de corte falavam a mesma língua, liam os mesmos livros e observavam, com gradações particulares, as mesmas maneiras. E quando as disparidades sociais e econômicas explodiram o contexto institucional do ancien régime, quando a burguesia tornou-se uma nação, muito do que originariamente fora caráter social específico e distintivo da aristocracia de corte, tornou-se, em um movimento mais amplo, e sem dúvida com alguma modificação, caráter nacional.[111]

O conceito de civilização, posteriormente, confunde-se com a idéia de unidade nacional, a partir da existência de classes sociais definidas, que se encontram no espaço de ações políticas, e no universo de hábitos e costumes, postas do mesmo lado ou em combate. E é este conceito que vai permear as relações entre as nações européias e destas com outras ainda em processo de estruturação. A proposta de civilização é um constante aprimoramento das

---

[110] Ver BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e Artifício:* iberismo e barroco na formação americana. Op. cit.

[111] OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições Políticas Brasileiras.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, v. 2.

instituições, dentro de uma ordem reformista, preservando a “unidade dos costumes tradicionais”[112],distanciando a nação cada vez mais da barbárie. Porém, a pertinência a uma determinada classe social é bastante definido, pois é esta separação que permite uma unidade de costumes: estes não se atém à apenas uma classe, eles partem de uma e se tornam nacionais, e mais ainda, no caso da França, universais. O indivíduo se reconhece e se comporta como parte de uma classe, e posteriormente, como parte de uma nação. Entende-se, portanto, “europeísmo”, como civilização, expresso em diferentes graus, a partir de diferentes formas de apreensão. Portugal, portanto, não estava entre as nações européias que cumpriam esta “receita civilizatória”, por preservar tradições que esta ordem reformista insistia em questionar. Era uma sociedade pouco definida no que diz respeito à divisão de classes, o que provocava um reconhecimento muito mais pessoal do que de classe, e no todo, nacional.

> Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pirineus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe da partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais [...]. Para eles, o índice do valor de um homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes[113].

Essa cultura do personalismo se materializa na escolha da competição ,em detrimento à cooperação, onde o sentido de coletividade não se faz presente: ”Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável,a não ser por uma força exterior respeitável e temida.”[1]O indivíduo não se une a outro, buscando a construção de uma unidade com características comuns; ele não se reconhece no outro, embora trave “relações de intimidade”, numa organização de não iguais,de hierarquia; presente aí uma concepção aristotélica de mundo.A partir desta “cultura do personalismo”, é possível esboçar o perfil da sociedade portuguesa que aceita o domínio deste traço nas suas manifestações sociais: pleno reconhecimento do mérito e responsabilidade individuais, repulsa pela moral fundada no culto ao trabalho, admiração pela vida do grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de

---

112 ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* (Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v.1,p.51-2.

113 HOLANDA, Sérgio B*. Raízes do Brasil.*26.ed. São Paulo: Companhia das Letras,1995,p.32.

qualquer preocupação, reduzida capacidade de organização social, onde a solidariedade aparece apenas em âmbito doméstico, subordinação da razão .

É este traço que constitui o que há de mais marcante no legado português, responsável pela estruturação da sociedade brasileira, e representa o ponto de partida da análise do problema brasileiro em constituir-se uma nação, elaborada por Oliveira Vianna.

Oliveira Vianna recorre a uma retrospectiva histórica, assim como a comparações com outras experiências de organização social para explicitar a singularidade da experiência brasileira, cuja raiz está no iberismo, que se faz presente até mesmo depois da advento da República. Seu objetivo é estudar a maneira pela qual o homem se comporta socialmente, comportamento este que, no Brasil, dará origem ao que ele denomina “espírito insolidarista”[114]. Oliveira Vianna centra sua análise na classe por ele caracterizada como “nobreza territorial”; é ela que desenvolve a herança ibérica, direcionando o comportamento de outros atores sociais e liderando a estruturação do Estado. A execução da política de ocupação territorial “não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora e enérgica: fez-se antes com desleixo e certo abandono”[1]; o espírito aventureiro foi determinante na busca de uma riqueza fácil e imediata, privado de uma preocupação em tornar a colônia um prolongamento orgânico de Portugal, ao mesmo tempo que se constituía uma nobreza dotada de um individualismo desmedido. “Nosso processo de povoamento e de colonização repelia a vivência em comunidade, o aglomerado de residências...O trabalho agrícola, em nosso país- ao contrário do que aconteceu no mundo europeu- sempre foi essencialmente particularista e individualista, onde cada família é uma república”[1]Com esta configuração, Oliveira Vianna aceita a impossibilidade de criação espontânea de laços de solidariedade, que visem o bem comum: “o homem socializado, o homem solidarista, o homem dependente do grupo não teve, aqui, clima para surgir, nem temperatura para desenvolver-se”.“Despreocupação do interesse coletivo, ausência de espírito público, de espírito do bem comum, de sentimento de solidariedade comunal e coletiva, carência da instituições corporativas em prol do interesse do “lugar”, da “vila”, da “cidade”[115]. É

[114] OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições Políticas Brasileiras*. Op. cit.

[115] Idem ibidem.

desta forma que Oliveira Vianna caracteriza a nossa formação social, dentro do mais extremado ïndividualismo familiar.

A etapa conclusiva da política de ocupação metropolitana fundou-se na criação de cidades, a partir de necessidades impostas pela perduração do controle português:"... a formação das vilas e cidades é sempre um ato da iniciativa oficial, das autoridades da Metrópole, governadores de Capitanias, governadores-gerais ou vice-reis - e não da iniciativa do povo"[1].O projeto colonizador português, dotado muito mais de um espírito aventureiro, imediatista, não continha uma preocupação em criar núcleos urbanos, ou possibilitar o aparecimento de vínculos entre os indivíduos. A transmissão de valores portugueses se efetivou na estruturação da nobreza territorial como grupo social; a cidade, representa, nesta propagação, o local para o exercício de poder desta nobreza. Não foi uma construção natural, advinda de necessidades de trocas e liberdades:

> Nas pequenas vilas espalhadas pelo vasto território da colônia Brasil, predominavam os interesses dos chamados homens bons, que detinham sob seu controle enormes parcelas de terras que lhes permitiam exercer poder sobre corpos e almas: da massa de cativos aos pobres moradores, sitiantes, vendeiros e agregados ",contrapondo-se, acidade clássica, que "fora construída como espaço remetido à noção de liberdade e à medida em que os homens se desvencilhavam dos laços de subordinação personalistas, viam-se sós e entregues às suas próprias forças[116].

Esses laços personalistas, para Oliveira Vianna, mesmo com a urbanização crescente, fruto de um incremento na economia, e de impulso progressivo das ações políticas, vão estar sempre presentes. Como afirma que "cada família é uma república", é pertinente conhecermos o funcionamento destas:

> O clã do feudo é um grupo complexo, de estruturas hierarquizadas, de que fazem parte os elementos seguintes: [...] o senhor do feudo e a sua família, [...] o administrador, [...] o capitão da fazenda [...] depois, vem a população subordinada, que é muita gente...é a massa de dependentes; ou porque vivam presos ao senhor pelo direito de propriedade pessoal; ...ou porque sejam subordinados ao seu poder hierárquico, embora livres; ou porque lhe sejam dependentes do seu poder dominical[117].

Do proprietário, duas características aparecem como relevantes, na estruturação de seus clãs: defensor do seu domínio em relação a outros domínios (no início da ocupação do território) e à administração metropolitana; e por

---

116 PRADO, Maria Emília. *Os impasses da cidadania na transição da Monarquia para a República no Brasil (1870-1902)*. Op. cit., p. 325-9.

117 OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições Políticas Brasileiras*. Op. cit., p. 163.

conseqüência, detentor de um enorme prestígio frente a outros componentes sociais, onde o seu clã aparece numa "evolução militar", dotada de uma fase inicial, a defensiva, e uma posterior, a guerreira e imperialista, fase esta que adentra o espaço de ações políticas. Posto assim, este clã se apresenta como uma "instituição" que está acima de qualquer controle que possa se instaurar em nome da preservação da ordem: aqui,

> Esta imunidade dos grandes domínios fazendeiros não é, aliás, uma criação nossa. É, ao contrário, sobrevivência de uma velha tradição feudal portuguesa. O "direito de imunidade" das suas terras à intervenção das **autoridades** do Rei era considerado em Portugal o privilégio por excelência de nobreza territorial e de que gozaram durante muito tempo os grandes senhores feudais lusitanos[118].

Novamente, Oliveira Vianna faz referência à herança ibérica na formação social brasileira.

A respeito destes "clãs", Oliveira Vianna não atenua sua influência com mudanças ocorridas na sociedade; pelo contrário, é esta organização que vai estar presente, a partir da Independência e do regime democrático, intitulada como "clã eleitoral". É no clã rural que se instala a única possibilidade de existência de laços de solidariedade travada pela nobreza territorial, que engloba uma parcela caracterizada por Oliveira Vianna como "povo-massa". A relação encadeada entre esta nobreza e os outros integrantes do clã é marcada por um misto de dominação e proteção, facilitando a condução dos rumos políticos brasileiros. Oliveira Vianna destrinça esta organização clânica em seus vários tipos de solidariedade social, e na última destas, a eleitoral, aponta-a como sendo a gênese da organização partidária do país. A base desta organização está na família senhorial, cujas relações abrangiam "apenas o grupo que vivia dentro da fazenda"[1], subordinado ao grande senhor:

> Neste nosso grupo doméstico, tanto ao sul como ao norte, eram incluídos também os que, na velha família portuguesa, eram chamados "criados de senhor", no sentido do antigo direito feudal. Estes "criados", realmente, também apareciam na nossa família senhorial e isto era mesmo freqüente, senão a regra geral; mas, incorporavam-se a ela não como criados - o que lhes seria diminuição; mas, sob o nome de "crias" ou "protegidos". Nesta classe é que estavam os "afilhados" do senhor ou da senhora, educados pelo padrinho ou pela madrinha "como filhos" – e com eles residindo.[119]

---

[118] OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. Instituições Políticas Brasileiras. Op. cit., p. 167

[119] Idem ibidem.

A forma como se empreendeu o processo colonizador, que favorecia a dispersão e as dificuldades geográficas se convertem, para Oliveira Vianna, em fatores possibilitadores do surgimento deste modelo aglutinador que é a organização clânica:

> [...] é sobre esta sociedade -assim dispersa, incoesa e de estrutura aristocrática- que vamos realizar, entretanto, em 1822, uma das maiores e mais radicais experiências de democratização, porventura realizadas na história da América Latina: - a do sufrágio universal, instituído com uma latitude, uma generalidade, que nem mesmo hoje conhecemos. E nada mais curioso do que acompanharmos, nas suas conseqüências, essa democratização feita por decreto, de modo quase mágico- eque não correspondia a nenhuma transformação de fundo da estrutura desta sociedade, nem às condições reais de sua cultura política[120]

E desta forma, Oliveira Vianna discorre sobre um novo aspecto desta estrutura clânica, relacionado com o que caracteriza como sendo a renúncia da independência e da insolidariedade dos séculos coloniais: a união de senhores rurais sob uma legenda, a emergência de clãs eleitorais; os partidos políticos. A ampliação do espaço de ações políticas, com o Império, surge como fator principal nesta abdicação da autonomia, unindo os senhores rurais, lado a lado, sob duas legendas: Conservadores e Liberais. A natureza desta união, segundo Oliveira Vianna, não é de ordem social, religiosa ou econômica, e sim política: “Esta solidarização, este entendimento, esta associação, este sincretismo, que se processara entre eles, era puramente político- porque tinha fins exclusivamente eleitorais...Por isso mesmo é que chamamos...de clãs eleitorais. A reorganização municipal, sob a lei de 1828, surge com determinante na participação da aristocracia rural sob os dois partidos políticos. A ocupação de cargos ratifica ainda mais a influência do senhor rural, com possibilidades de ampliação de caráter nacional. E esta influência, que até então era fortalecida de uma forma intimidatória, muitas vezes, agora adquiria contornos legais. A partir daí, “... toda a composição e funcionamento dos poderes públicos no município passava a depender da vontade deste chefe local...”. Oliveira Vianna, porém, ultrapassa as fronteiras municipais, e dimensiona a influência dos chefes locais em proporções nacionais: o homem público brasileiro sempre agirá de acordo com uma mentalidade regional, buscando reconhecimento pessoal, perpetuando a influência ibérica, a nossa herança. Abordando ainda o problema social brasileiro, que se caracteriza pela perduração da

[120] OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições Políticas Brasileiras*. Op. cit., p. 163.

chamada “cultura do personalismo”, Oliveira Vianna busca no plano econômico uma ratificação para as suas afirmações referentes ao plano político. Para tal , ele mantém como ator principal o senhor rural, herdeiro direto do legado português, que lidera a estruturação da ordem econômica sob o signo do status e da ostentação. Traços assim se fazem presentes:

> [...] a despreocupação do lucro, a produção realizada com o espírito de consumo, de manutenção ou de prestígio social; a carência de hábitos de poupança e a tendência `a dissipação; o gosto do luxo e das mundanidades; a fortuna aplicada para fins da ascensão social- e não de ganho monetário; a vida despreocupada, aristocraticamente vivida; o espírito patriarcal e paternal dominante nas relações com a população inferior, bem como o espírito de “serviço social”- das benemerências, das obras públicas, das obras pias, etc[121].

A preocupação central não estava no lucro, e sim na nobreza e na fartura ; a terra e a influência pelo emprego público eram dignificantes. Em outras palavras, não se estabeleceu em terras brasileiras, o espírito capitalista, aceito em outras partes. Caracteriza-se, então, fazendo uso de um conceito elaborado por Werner Sombart, a economia brasileira como sendo pré- capitalista. Embora crítico em relação à situação brasileira, Oliveira Vianna vê nesta nossa singularidade, já que tanto a Europa quanto os Estados Unidos (este principalmente) vivem realidades onde o signo do supercapitalismo, senão dominante, já se faz presente, a ausência de conflitos de classe, de sinais de convulsões sociais, pois a relação de solidariedade clânica, travada nos séculos coloniais ainda está presente. O excesso de terras, os quatro séculos de escravidão, a organização patriarcal do grande domínio rural e o sentimento de responsabilidade social do grande proprietário, em relação às camadas subalternas, oriundo do espírito pré capitalista que presidira a administração da sua fazenda, teriam feito com que a nossa sociedade rural praticamente desconhecesse o conflito social. No plano econômico, a aceitação da nossa condição de herdeiros do legado português também se efetiva, na medida em que Oliveira Vianna, apesar de descrever a experiência norte americana e seu supercapitalismo, não propõe a importação de modelos econômicos. Sua análise é direcionada para o reconhecimento de uma hierarquia social, já que a nossa vivência não comporta convulsões sociais.

---

[121] OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições Políticas Brasileiras*. Op. cit., p.210

Sua preocupação está em considerar o nosso passado, na medida em que é nele que se encontram as respostas, que apontarão nossos próprios caminhos. Apostando na singularidade da organização social brasileira, refutando com isso uma lógica que coloca a sociedade brasileira em trajetória semelhante a das sociedades da Europa ocidental, Oliveira Vianna desenvolve sua análise a partir da estruturação da nobreza territorial, grupo que se posiciona a frente de qualquer manifestação social. Daí, a afirmação de que no seu texto o elitismo é o traço central. Pensando a sociedade brasileira a partir de uma só peculiaridade, a existência de agrupamentos clânicos, Oliveira Vianna vê o poder distribuído entre essas organizações, que caracteriza como “mini- repúblicas”. Somente nessas, foi possível o estabelecimento de laços de solidariedade entre o grande senhor e o resto dos habitantes da propriedade: eram seus dependentes diretos, mesmo com a ampliação do espaço de ações políticas. É de interesse deste texto aborda rcomo Oliveira Vianna analisava a inserção dos outros componentes dessa estrutura clânica, o povo-massa, desde o momento onde se fez necessário a ratificação do domínio dessa nobreza, expressa na criação dos partidos políticos, e posto isso, apontar suas propostas de reformulação do quadro social.Com a “operação política” que objetivava a criação de partidos políticos já consumada, onde esses nada mais eram do que a representação dos “clãs feudais’, era preciso, a partir de então, assegurar a sua manutenção, e mais ainda, a sua legitimação. Essa legitimação se expressava no seu poder de atuação, que atingia todos os presentes no espaço clânico, dentre esses os componentes do grupo caracterizado por Oliveira Vianna como “povo - massa”:

A tutela do grande senhor, agora uma autoridade política, era a segurança que a plebe necessitava, em um quadro político descrito como uma disputa entre clãs rivais. Contra as arbitrariedades praticadas por autoridades locais do clã dominante, o povo - massa contava com a proteção do clã concorrente. Oliveira Vianna aponta esta “participação” popular, na medida que está contido em uma das forças políticas presentes na disputa pelo poder, como marco inicial da presença popular na vida pública: “O povo - massa sem nenhuma expressão eleitoral e fora de toda vida pública até então – passou daí por diante a participar da vida pública e a valer como força numérica. Era preciso, pois, organizá-lo para este fim - isto é, para fins eleitorais”. Esta participação popular, expressa por meio do sufrágio universal, não representou uma vontade endógena, própria destes componentes. A presença

desta plebe no processo de escolha eleitoral surge como um arranjo que intenta perpetuar o domínio da nobreza territorial no jogo político, que faz uso deste povo - massa, numericamente relevante, na medida que lhe oferece, em contrapartida, um estreitamento dos laços de solidariedade, o que quer dizer, proteção. Oliveira Vianna, passa a contar, então, com um tópico importante na montagem de sua análise: a pouca, ou nenhuma, familiaridade do povo - massa com o processo eleitoral, o que faz do sufrágio universal um instrumento não democrático, pois não há uma "educação política" que prepare esta escolha, por isso, perfeitamente dispensável. A eleição que conta com a participação popular se torna, então, um instrumento de legitimação da presença desses clãs eleitorais, que controlam a cena política, ao mesmo tempo que diluem o poder em suas disputas, agora sob "bandeiras partidárias". Para Oliveira Vianna, a participação popular, via voto, não representa uma mudança no quadro político brasileiro, pois não rompe com nossas raízes ibéricas; as ações continuam sendo direcionadas não ao todo, e sim ao engrandecimento pessoal, estendido agora também aos cargos públicos. O indivíduo não se une a outro, buscando a construção de uma unidade com características comuns, embora trave "relações de intimidade". O projeto colonizador português, dotado muito mais de um espírito aventureiro, imediatista, não continha uma preocupação em criar núcleos urbanos, no sentido de promover a troca de idéias, ou possibilitar o aparecimento de vínculos entre os indivíduos: "Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes".Essa cultura do personalismo se materializa na escolha da competição, em detrimento à cooperação, onde o sentido de coletividade não se faz presente: "Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida".A partir desta "cultura do personalismo", é possível esboçar o perfil da sociedade portuguesa: pleno reconhecimento do mérito e responsabilidade individuais, repulsa pela moral fundada no culto ao trabalho, admiração pela vida do grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação, reduzida capacidade de organização social, onde a solidariedade aparece apenas em âmbito doméstico, subordinação da razão.[1]"Herdado o iberismo, Oliveira Vianna constata a impossibilidade de criação espontânea de laços de solidariedade, que visem o bem comum. Em um tipo de colonização onde é determinada como ocupação deste extenso espaço geográfico o latifúndio, a possibilidade de intercomunicação é quase nula. É em cada uma destas

propriedades, ou na conceituação de Oliveira Vianna, nos clãs rurais, que se instala a única possibilidade de existência de laços de solidariedade entre seus habitantes, cuja relação travada é marcada por um misto de dominação e proteção. Oliveira Vianna percebe a sintonia entre estas organizações clânicas e a ampliação do espaço político no Brasil: elas se tornam clãs eleitorais, agora sob legendas partidárias, agindo em âmbito municipal, mas ambicionando vôos mais altos: o parlamento e o controle do frágil Estado brasileiro. O homem público brasileiro sempre agirá de acordo com uma mentalidade limitada, buscando reconhecimento pessoal.

> É nessa insolidariedade, nascida do latifúndio, que Oliveira Vianna vai buscar a razão mais profunda da ausência no Brasil de classes sociais... No interior desses clãs, que se constituem um dos traços predominantes da nossa história, a solidariedade que se cria é tão apenas uma solidariedade parental e gentílica... de proteção contra outros poderosos e contra o próprio Estado. Essa presença unilateral e parcial do Estado acaba por promover o desmando e a prepotência de seus agentes locais, possibilitando ação dos mandões locais. A isso Oliveira Vianna dá o nome de anarquia branca.[122]

Direcionar as ações em um único sentido: neutralizar a influência destes clãs, destas “mini-repúblicas”, que fragmentam o poder, e impedem a construção da nação:

> O problema fundamental de uma reforma política em nosso povo, fundada em bases realísticas – dizia eu em 1922 – será organizar um conjunto de instituições específicas, um sistema de freios e contrafreios, que – além dos fins essenciais a toda organização política – tenha também por objeto: neutralizar a ação nociva das toxinas do espírito de clã do nosso organismo político-administrativo; quando não seja possível neutralizá-las, reduzir ao mínimo a sua influência e nocividade.[123]

Oliveira Vianna reconhece que para tal tarefa, dois caminhos se apresentam como possíveis: o constituído de técnicas liberais, “quando o Estado deixa ao povo a liberdade de executar ele mesmo,espontaneamente, a inovação pretendida pela política que, ele, Estado, adotou ou planejou”[1]; e o constituído de técnicas autoritárias, quando o “Estado obriga o povo a praticar a inovação, usando da força coercitiva.“Naturalmente”, Oliveira Vianna descarta a primeira possibilidade, já que o povo-massa aqui formado jamais teria condições de, por ele mesmo, executar qualquer reforma, se por toda a história ele se mostrou amparado nestes clãs, e sem

---

122 Ver ODALIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Unesp, 1997, p.135-6.

123 OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições Políticas Brasileiras*. Op. cit., p. 210.

qualquer familiaridade com o processo político. A segunda possibilidade dá ao Estado plenos poderes de ação reformadora. Ela se mostrará eficiente, se levar em conta o que Oliveira Vianna chama de “ nossa estrutura tradicional”, ou em última análise, a nossa trajetória histórica, a nossa “condição de brasileiros”: “ Oliveira Vianna, como tantos outros historiadores e cientistas sociais antes dele, e mesmo depois, fez da análise histórica fundante uma razão a mais para demonstrara necessidade de convocar a figura mítica do Estado – acima de todos e infeso aos interesses particularistas, como instrumento privilegiado, para a realização de seu sonho político: a existência de uma Nação brasileira solidária”.

Compondo o grupo de pensadores que viam em um Estado centralizado a possibilidade de inserção no mundo moderno, de portanto, constituição da nação, Oliveira Vianna ,porém, inova no que diz respeito à natureza deste Estado: ele deve estar de acordo com doutrinas corporativas, parecendo uma criação decorrente da nossa trajetória. Embora suas críticas recaiam sobre o comportamento das elites, comportamento esse expresso num descompromisso com o todo, Oliveira Vianna não ignora a sua importância como agentes sociais. Sua capacidade de mobilizar e de reunir os outros componentes em torno de seus interesses, que ultrapassou as fronteiras municipais, será a base da relação travada entre o Estado e o povo-massa. Para este Estado legitimar-se, ela carece amalgamar essa necessidade em tornar-se uma Nação, partilhando um ideal civilizatório, com ideais de quem cunhou o traço mais característico de nossa sociedade: as diferentes elites. Tornar o Brasil uma Nação moderna é o objetivo, e a participação das elites na estruturação do Estado é o único caminho viável, nada subversivo, ao não romper com as hierarquias. O Estado, dotado de um Poder Executivo forte, se apresenta como um mediador dos interesses desses vários grupos associativos, as elites.

Eduardo Prado e a Repulsa Ianque

Eduardo Prado não fora um colaborador assíduo da Revista; de todo modo, suas relações com outros intelectuais e sua obra, “ A ilusão americana”,1893, apresentada aos leitores da Revista sob a forma de trechos após a publicação, já morto, valem o seu ingresso.

Um ponto a ser notado é a percepção das qualidades do individualismo utilitarista norte-americano, atreladas á impossibilidade de tornar-se padrão para os demais países. Não serve para o resto do mundo, não serve também para o Brasil.

Há aqui certa discordância com análises, de certa forma, simplistas, que filiam Monteiro Lobato a um perfil de completa e irrestrita admiração pelo padrão norte-americano de sociedade. Sua admiração é limitada; ela não chega a nós, ao menos como simples adoção; e se caso vier, que venha em um outro cenário, que está por se construir.

Sobre a obra, assim nos explica Carmen Felgueiras"A ilusão americana constitui um violento ataque à política externa dos Estados Unidos, principalmente em relação aos países latino-americanos, que seu autor acompanha com detalhe e riqueza de informações, de 1823 a 1892, durante o período de vigência da "doutrina Monroe".Com esse livro, Eduardo Prado seguramente visava a produzir efeitos bastante abrangentes. Investindo contra a diplomacia americana, ele julgava, por um lado, golpear a República brasileira em seu flanco mais débil: a política externa que, necessitando de apoio, procurava cada vez mais uma aproximação com os Estados Unidos. Entretanto, é provável que ele também quisesse criar, por outro lado, antipatia de setores da sociedade brasileira contra aquele país, no intuito de provocar uma definição mais precisa da própria idéia de nação brasileira. A ilusão americana acabou tendo, na época, um grande impacto no Brasil; o livro foi proibido, e sua circulação, impedida, mal acabara de ser impresso. Para Eduardo Prado, no entanto, essa reação do governo brasileiro era prova do acerto de suas idéias. Acreditava também que a perseguição que passaram a lhe fazer e o exílio que se seguiu favoreceriam a sua causa, que era, através do fortalecimento do movimento pela restauração da monarquia, contribuir para implantar uma nação com identidade própria.[124]

Eduardo Prado, que nem chegou a manusear a Revista do Brasil, mas teve por ela seu nome lembrado, nos deixa com uma frase que é mais um apelo desconcertante: “Sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, só assim seremos alguma coisa”. (A ilusão americana)

---

[124] FELGUEIRAS, Carmen Lucia Tavares. *O futuro e suas ilusões: os Estados Unidos de Monteiro Lobato e Eduardo Prado*. Rio de Janeiro:Luperj, 1999, p.15.

Deve-se a inclusão aqui de sua obra pela compreensão de que Eduardo Prado exorta o coro com sua voz aguda, sua percepção aguçada e sua esperança pouco ou nada abalada.

Sérgio Buarque na Revista do Brasil

> É caso digno de nota que quando uma nação, atraída pela grandeza ou pelos progressos de outra pertencente a raça diversa da sua, é levada a imitar sem peias seus traços característicos e nacionais, procura especialmente as qualidades nocivas e as menos compatíveis com a sua índole.[125]

A Revista do Brasil, na gestão lobatiana, era uma grande palco convocatório de mudanças aos seus leitores; foi uma revista de média para baixa tiragem, condizente com o mercado editorial brasileiro, mas que desempenhava com muito cuidado a tarefa que convém a uma revista: a exposição de um sem número de temas articuláveis entre si.

A inscrição dos colaboradores deve ser contribuir para a identidade do periódico, sem, contudo, arranhar sua subjetividade.

O tema aqui, nos parece ser comum a todos estes autores: a identidade nacional posta em revisão por uma espécie de *pedagogia intelectual cívica construída*. Com Sergio Buarque, não foi diferente: A Revista do Brasil serviu de" laboratório" para muitas de suas obras, e o tema iberismo aparece principalmente neste artigo citado, "Ariel". O embate com Oliveira Vianna, se dá, não pelo diagnóstico, que é comum a ambos, mas nas propostas que daí decorrem: a ação via Estado versus a ação via sociedade.

O sentido do iberismo, se coaduna com o tipo "homem cordial" a partir do ponto de inserção da pessoalidade nas relações sociais:' Compreende-se o espanto do negociante da Filadélfia, citado pelo Sr. André Siegfried em seu livro sobre a América Latina, ao verificar que no Brasil e na Argentina é preciso, para conquistar um cliente, começar por fazer dele um amigo".

A não adequação aos preceitos utilitaristas se deu a partir de um desconhecimento por nossa parte de outra modalidade de convívio. Sérgio Buarque,

---

[125] HOLANDA, Sérgio Buarque de. Corpo e Alma do Brasil. Ensaio de psicologia social (1978). Psicologia do homem cordial. IN: MONTEIRO, Pedro Meira, EUGENIO, João Kennedy (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas.* Campinas: Unicamp / Eduerj, 2008, p. 42.

ao rascunhar na Revista do Brasil o que seria o embrião do “Psicologia do nosso homem cordial” sedimenta a idéia que na América Ibérica está vetada qualquer possibilidade de fundação de uma sucursal norte-americana. As fundações do *homem cordial* estão por demais estruturadas:

> No homem cordial, a vida em sociedade é de certo modo uma libertação do verdadeiro pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os demais reduz o indivíduo à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – é precisamente a que mais importa... Nosso temperamento admite as fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas somente enquanto não vetem a possibilidade de um convívio mais familiar.[126]

A solução, exposta em outro artigo, não está na ação do Estado sobrepujando a ação dos demais atores: a solução está na tomada de consciência de uma classe suficientemente ilustrada que reunirá todas as condições de mudança:

> A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal importou-a e tratou de acomodar-se como pôde aos seus preceitos, que tinham sido justamente a bandeira de combate da burguesia européia..o pecado original dessa atitude livresca nunca mais se apagou de nossa vida pública. Pusemo-nos a viver fervorosamente contra nós mesmos a vida pelo espírito e não pelo sangue. Perdemos a capacidade de experiência real[...][127].

Nos artigos de Sérgio Buarque presentes na Revista do Brasil, o chamamento se apresenta de outra forma: a responsabilidade está na sociedade, que não delega ao Estado a capacidade de reordenamento; reformamos a nós mesmos, este é o caminho.

3.3 **A Revista Proa – O iberismo como particularismo por excelência.**

CONTRIBUINTES:

- ADOLFO BIOYOS
- OLIVERIO GIRONDO

E assim a revista Proa se apresenta:

---

126 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Corpo e Alma do Brasil. Ensaio de psicologia social (1978). Psicologia do homem cordial. IN: MONTEIRO, Pedro Meira, EUGENIO, João Kennedy (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas.* Op. cit., p. 584.

127 Idem ibidem, p. 585.

> Logo veio o florescimento dos jovens que fatigavam a imaginação em buscas venturosas. E vieram à luz cenáculos e revistas cuja força pletórica irrompeu na impaciência, com incompreensões e ódios. Pretendeu-se malograr o movimento com um silêncio excessivamente glacial para ser sincero, mas pouco a pouco as classes cultas compreenderam a magnitude do fenômeno e, depois de observar-nos de longe com curiosidade mesclada com dúvida, deram-nos sua sanção mais ampla com a esplêndida convivência que acaba de se iniciar entre elas e os artistas, sem distinção de bandeiras.[128]

Na esteira da Reforma Universitária de 1918 e da condução da missão em atualizar a cultura argentina, recriando sua identidade, a Proa, de curta duração, foi significativa, pois materializou esta busca incessante do seu principal colaborador , por uma recriação da tradição argentina; a Proa, como suas demais colegas, se insere no contexto de reafirmação de um novo acervo de idéias, aludido sob o termo nova sensibilidade, que aparece em ocasiões associado à atribuição desta geração[129]

A reafirmação das particularidades é o ponto nevrálgico presente nos artigos da Proa, mas ao contrário de suas colegas, como talvez, a mais relevante delas, a *Martin Fierro*, na Proa, o mergulho às cores locais, aos traços fundadores da personalidade gaucha, ao espaço da natureza e seus pampas é imperativo. Esta nova sensibilidade passa por uma renovação estética e lingüística e deságua na Proa, como um coro de uma só voz: um novo criollismo, numa tentativa paradigmática de fundar uma síntese entre o particular e o universal moderno. – o cosmopolitismo e o nacionalismo.

Para a Proa, a Argentina reformula a sua inserção na modernidade trazendo das profundezas de sua estrutura formativa os traços que mais se contrapõe aos europeus: parece que “hoje chegou a nossa vez, a dos americanos do sul, os da indolência e da serena incredulidade”

Segundo Borges, os americanos são quase ser: quase ser norte-americano; quase ser europeu. O papel da Proa está em justamente reativar mecanismos então adormecidos da memória argentina e cutucar esta nova sensibilidade que deveria ressugir.

De conjunto, alguns exemplos de poemas e prosas publicadas por estes dois autores, que caminham nesta direção: (formatação original)

---

128 Ver BORGES, Jorge Luis. *Ensaio autobiográfico*. Op. cit., p.52

129 VASQUEZ, Karina.*De la modernidad y sus mapas - Revista de Occidente y la nueva generación en la Argentina de los años veinte*. Bueno Aires: Universidad Nacional de Quilmes I Universidad de Buenos Aires, p.56.

La gente fuerte se abre camino sola. De joven yo no me sentía solidario con los jóvenes; la juventud no era una categoría que me interesara (sí la inteligencia, la iniciativa, la belleza). Los otros días vi en el cine a una chica rubia y linda que besaba cariñosamente a un viejo y pensé: Qué simpática (ojalá yo tuviera una así). Lo que pasa es que ahora hago causa común con los viejos. Los débiles necesitan agremiarse.

Vuelo Sin Orillas– Oliverio Girondo

Abandoné las sombras,
las espesas paredes,
los ruidos familiares,
la amistad de los libros,
el tabaco, las plumas,
los secos cielorrasos;
para salir volando,
desesperadamente.

Abajo: en la penumbra,
las amargas cornisas,
las calles desoladas,
los faroles sonámbulos,
las muertas chimeneas
los rumores cansados,
desesperadamente.

Ya todo era silencio,
simuladas catástrofes,
grandes charcos de sombra,
aguaceros, relámpagos,
vagabundos islotes
de inestable riberas;
pero seguí volando,
desesperadamente.

Un resplandor desnudo,
una luz calcinante
se interpuso en mi ruta,
me fascinó de muerte,
pero logré evadirme
de su letal influjo,
para seguir volando,
desesperadamente.

Todavía el destino
de mundos fenecidos,
desorientó mi vuelo
-de sideral constancia-

con sus vanas parábolas
y sus aureolas falsas;
pero seguí volando,
desesperadamente.

Me oprimía lo flúido,
la limpidez maciza,
el vacío escarchado,
la inaudible distancia,
la oquedad insonora,
el reposo asfixiante;
pero seguía volando,
desesperadamente.

Ya no existía nada,
la nada estaba ausente;
ni oscuridad, ni lumbre,
-ni unas manos celestes-
ni vida, ni destino,
ni misterio, ni muerte;
pero seguía volando,
desesperadamente.

Sob o paraíso de um quintal, num rancho, os compadres sabiam se reunir para dançar. Nenhum curral os sujeitava. Aos quatro pontos cardeais, os pampas gritavam sua liberdade. Proa é o quintal hospitaleiro no qual praticamos nossa alegria, dizemos nossas verdades e escovamos nossas mudanças.

A Proa vive em contato direto com a vida. Já deu seus primeiros solavancos na onda e se refresca de otimismo por sua vontade de vencer distâncias.

Campo nuestro

En lo alto de esas cumbres agobiantes
hallaremos laderas y peñascos,
donde yacen metales, momias de alga,
peces cristalizados;
pero jamás la extensa certidumbre
de que antes de humillarnos para siempre,
has preferido, campo, el ascetismo
de negarte a ti mismo.
Fuiste viva presencia o fiel memoria
desde mis más remota prehistoria.
Mucho antes de intimar con los palotes
mi amistad te abrazaba en cada poste.
Chapaleando en el cielo de tus charcos
me rocé con tus ranas y tus astros.
Junto con tu recuerdo se aproxima
el relente a distancia y pasto herido
con que impregnas las botas... la fatiga.
Galopar. Galopar. ¿Ritmo perdido?
hasta encontrarlo dentro de uno mismo.
Siempre volvemos, campo, de tus tardes
con un lucero humeante...
entre los labios.
Una tarde, en el mar, tú me llamaste,
pero en vez de tu escueta reciedumbre
pasaba ante la borda un campo equívoco
de andares voluptuosos y evasivos.
Me llamaste, otra vez, con voz de madre
Y en tu silencio sólo halló una vaca
junto a un charco de luna arrodillada;

arrodillada, campo, ante tu nada.
Cuando me acerco, pampa, a tu recuerdo,
te me vas, despacio, para adentro...
al trote corto, campo, al trotecito.
Aunque me ignores, campo, soy tu amigo.
Entra y descansa, campo. Desensilla.
Deja de ser eterna lejanía.
Cuanto más te repito y te repito
quisiera repetirte al infinito.
Nunca permitas, campo, que se agote
nuestra sed de horizonte y de galope.
Templa mis nervios, campo ilimitado,
al recio diapasón del alambrado.
Aquí mi soledad. Esta mi mano.
Dondequiera que vayas te acompaño.
Si no hubieras andado siempre solo
¿todavía tendrías voz de toro?
Tu soledad, tu soledad... ¡la mía!
Un sorbo tras el otro, noche y día,
como si fuera, campo, mate amargo.
A veces soledad, otras silencio,
pero ante todo, campo: padre-nuestro

Visita

No estoy.
No la conozco.
No quiero conocerla.
Me repugna lo hueco,
la afición al misterio,
el culto a la ceniza,
a cuanto se disgrega.
Jamás he mantenido contacto con lo inerte.
Si de algo he renegado es de la indiferencia.
No aspiro a transmutarme,
ni me tienta el reposo.
Todavía me intrigan el absurdo, la gracia.
No estoy para lo inmóvil,
para lo inhabitado.
Cuando venga a buscarme,
díganle:"se ha mudado".

Yo no sé nada

Yo no sé nada
Tú no sabes nada
Ud. no sabe nada
El no sabe nada
Ellos no saben nada
Ellas no saben nada
Uds. no saben nada
Nosotros no sabemos nada
La desorientación de mi generación tiene su explicación en la dirección de nuestra educación,cuya idealización de la acción, era - ¡sin discusión!-
una mistificación, en contradicción
con nuestra propensión a la meditación, a la contemplación y
a la masturbación. (Gutural,
lo más guturalmente que
se pueda.) Creo que
creo en lo que creo
que no creo. Y creo
que no creo en lo
que creo que creo
«C a n t a r d e l a s r a n as»
¡Y¡Y¿A¿A¡Y¡Y
suballíllásuba
bojoesesbojo
laslastá?tá?laslas
eses¡A¡Aeses
cacaquícácaca
lelenonolele
rasrasesesrasras
arriabatátáarriaba
ba!...jo!...!...!...ba!...jo!...

Estas são algumas das manifestações literárias que formavam o escopo da Proa, que por menos tempo do que deveria, ajudou a incrementar o debate de idéias.

O que intentamos fazer aqui foi trazer à luz os diferentes olhares e sensibilidades exercitadas pelos intelectuais brasileiros e argentinos, alocados dentre outros lócus, nestas duas publicações.

Borges e a Proa evocavam as origens criollas da sociedade argentina; Monteiro Lobato e a Revista do Brasil, as nossas possibilidades de fundação de uma civilização endógena, a partir de um desnudamento da nossa própria história.

Reféns que somos de nossa formação, e principalmente das nossas escolhas, temos neste conjunto de trabalhos uma gama sortida de vozes, entoando variações de um mesmo tom: a América Latina ainda busca seu caminho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta fase do trabalho, que acreditamos não se encerra por aqui, devemos resgatar a proposta primeira de trabalho; o resgate dos seguintes pontos, como na introdução:

> • A exposição das conseqüências diretas dos processos de desligamento de suas respectivas metrópoles e o seqüente ancoramento de correntes de pensamento:
> • O apontamento das diferenças no processo de organização do espaço, ainda em tempos coloniais, que marcou a estruturação de tipos distintos de espaços urbanos:
> • As revistas como espaço de proposições para a nação:
> • E por fim, a relação dos intelectuais com a alocação em tempos progressos dos formativos traços ibéricos”

O objetivo do trabalho era apresentar as diferenças entre os dois grupos de intelectuais, a partir, em primeiro lugar, das diferentes trajetórias dos seus respectivos países que conformaram com as suas próprias.

Em segundo lugar, trazer à luz o espaço das revistas como espaço privilegiado da exposição de projetos para a nação; com isso, a comparação entre os países, a partir da estruturação do seu público-leitor fora inevitável. Neste aspecto, entendemos que a Argentina conta com uma proposta capitaneada por Borges de maior espectro que a nossa. Explica-se: A Argentina contava com uma esfera crítica literária mais consistente, dada, sobretudo, às políticas de incentivo á freqüência escolar, tornando os índices de analfabetismo irrisórios; as propostas de remodelamento nacional alcançavam um maior número de ouvintes, se comparado ao Brasil.

O mercado editorial argentino contava com mais que o triplo de publicações que o Brasil, no período, fazendo com que as idéias se difundissem com mais rapidez e conseqüências.

Sobre as propostas, coloquemos da seguinte forma: na Argentina, era de busca às origens, aos particularismos que os diferenciassem do resto do Ocidente;

resgatando a força da argumentação borgeana, “a refundação da língua”, o resgate do que a Argentina tem de melhor,e que foi deixado de lado, paulatinamente, ao longo da história:seu traço diferenciador, ibérico, totalmente equacionadas questões de filiação.

No Brasil, o drama se apresentava de forma mais cruel, pois nos deparamos com algumas propostas, aqui salientadas as contidas na Revista do Brasil, e não conseguíamos transpassar a fase de adoção ou recusa de nossas origens.

Monteiro Lobato e seus pares nos apresentaram a necessidade de (re) fundação da nossa identidade nacional, do abandono aos modelos sociais por nós constantemente importados. Mas nossas origens, nossos traços ibéricos não seriam, segundo eles, esquecidos, afinal de contas, não temos como fugir de nossas origens; mas tampouco enaltecidos, como traço diferenciador. A página ibérica forçosamente teria que ser virada.

Esta seria a diferença maior que intentávamos marcar ao longo do trabalho: a marca da origem argentina é incentivada, pelos intelectuais da Proa, a continuar como traço diferenciador; já para os intelectuais da Revista do Brasil, ela existe , mas não devemos realçar sua presença em nossas práticas.

Considerando que este trabalho não se esgotou nele mesmo, o resultado aqui apresentado sugere que um mesmo ímpeto motivacional não produzira projetos semelhantes; a diferenças muitas vezes, apenas nuançadas, remetem à escolha do iberismo como fato presente e diferenciador, em uma chave positiva; e como fato presente, mas urgente de superação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. *Revista do Rio de Janeiro*, Niterói, v.1, n.2, 1986.

ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder.* O bacharelismo liberal na política brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo.* Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.

ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu:* a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

ATHANÁZIO, Enéas. *3 Dimensões de Lobato.* São Paulo: Editora do Escritor, 1975.

_____. *As antecipações de Lobato:* e outros escritos. [S.l.]: Minarete, 2002.

_____. *Meu amigo Hélio Bruma.* São Paulo: Editora do Escritor, 1987.

AZEVEDO, Alfonso Ilambas. *El Modernismo literario y otros estudios.* Publicação da Comissão Nacional de Homenagem do sesquincentenário dos fatos históricos de 1825. Montevidéo, 1976.

BAQUERO, Marcelo. *Desafios da democratização na América Latina.* Porto Alegre:UFRGS,1999.

BARBOSA, Alaor. *Monteiro Lobato das crianças.* 3.ed. Goiânia: Oriente, 1975.

_____. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Um cenáculo na paulicéia:* um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo. Brasília: Projecto Editorial, 2002.

BARBOZA Filho, Rubem. *Tradição e artifício:* iberismo e barroco na formação americana. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

BARROSO, Haydée M. Jofre. *Monteiro Lobato:* un escritor, un país. Buenos Aires: Galerna, 2000.

BASTOS, Élide Rugai. *Brasil:* um outro Ocidente? Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. [S/ref].

BARROSO, Haydée M. MORAES,João Quartim de. (org.).*O pensamento de Oliveira Vianna* .Campinas: Unicamp, 1993.

_____; REGO, Walquiria D. Leão. (org). *Intelectuais e política.* A moralidade do compromisso. São Paulo: Olho Dágua,1999.

BEIRED, José Luis Beired. *Sob o signo da nova ordem.* Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina 1914-1945*.* São Paulo:Loyola, 1999.

BENDIX, Reinhard.*Ciudadanía y Estado nacional.* Trad. Amorrotu, 1974.

BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas:* la construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Mexico City: Fondo de Cultura Económica, 2001. (Sección de obras de historia).

BOAVENTURA, Maria Eugenia. Movimento brasileiro: uma contribuição ao estudo do Modernismo. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1978.

BOBBIO, Norberto.*Estado, governo, sociedade:* por uma teoria geral da política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Igualdade e liberdade.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. *Liberalismo e democracia.* São Paulo: Difel, 1988.

_____. *Os intelectuais e o poder. São Paulo*: *Unesp, 1997.*

BRASIL, Padre Sales. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. Bahia: Aguiar & Souza, 1957.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história.* São Paulo, Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. *A revolução francesa na historiografia:* a escola dos annales (1929 - *1989)*. 3.ed. São Paulo: Unesp, 1991.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O saber impotente*. Estudo da noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo:* uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, Antonio *Literatura e sociedade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CAPELATO, Maria H. *Imprensa e história no Brasil.* São Paulo: Edusp,1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem:* a elite política imperial*.* Rio de Janeiro: UFRJ ,1996.

_____. *A formação das almas:* o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a república que não foi*.* 3.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

_____. *Pontos e bordados:* escritos de história e política*.* Belo Horizonte:UFMG, 1988.

_____. *Teatro de sombras:* a política imperial*.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. *República e cidadanias.* Rio de Janeiro: IUPERJ.

CASARES, Adolfo. Bioy: Prólogo, 1929.(Série estudo, n.26).

_____.17 disparos contra lo porvenir, 1933.

_____. La estatua casera, 1936.

_____. Luis Greve, muerto, 1937.

_____. La trama celeste,1948.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos:* quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CASTELLO BRANCO, Carlos Heitor. *Monteiro lobato & a Parapsicologia*. São Paulo: Quatro Artes, 1982.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A vida e centenário de Monteiro Lobato*. Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, Coordenação de Bibliotecas, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

CHACON, Vamireh. *Da escola de Recife ao código civil.* Rio de Janeiro: Simões, 1969.

CHIARELLI, Domingos Tadeu. *Um jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.

COSSE, Gustavo. *Democracia e autoritarismo no Uruguai. Crise e recuperação da ordem política 1971-1988.* Universidade de Montevidéo,1981.

COSTA, Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república:* momentos decisivos*.* São Paulo:Grijalbo,1977.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua.* 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DANTAS, Paulo (org). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

_____. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí / Florianópolis: UFSC, 2004.

DOMINGUES, José Maurício. *A América. Intelectuais, Interpretações e Identidades.* Dados, Rio de Janeiro, v.35, n.2,1992.

DUMONT, Louis. *Ensaios sobre o individualismo.* Portugal: Edições Dom Quixote, 1999.

_____. *O individualismo:* uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*.* Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKEIM, Émile. *Lecciones de sociologia*. Buenos Aires: Schapire,1996.

ELIAS. Norbert. *O processo civilizador:* uma história dos costumes*.* Rio de Janeiro: Zahar, 1990. 2 v.

FAORO, Raimundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Os donos do poder.* Rio de Janeiro, Globo.

FAUSTO, Bóris. *O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940).* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina:* um ensaio de história comparada. São Paulo: Ed.34, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder.* 3.ed.Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRIAS FILHO, Otávio; CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos, 1999.

GARCEZ, Neusa Cidade. *O início da modernização no Uruguai:* implicações político econômicas com o Rio Grande de Sul e o império. Erechim: Edifapes,2001.

GIORDANO, Cláudio. *Monteiro Lobato.* São Paulo: Giordano, 1996.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIRONDO, Oliverio. Campo Nuestro. *En la masmédula compuesta*.

GOMES, Angela Maria de Castro. Essa gente do Rio. Intelectuais cariocas e o Modernismo. *Revista estudos históricos,* Os Anos 20. FGV,v.6, n. 11, 1993.

_____. *História e historiadores: a política cultural do estado*. Rio de Janeiro: FGV,1999.

GOMES, Renato Cordeiro. Cidade e nação na narrativa brasileira. *Revista de estudos lusitanistas Veredas*, v.3.

GRAMSCI, Antonio.*Os intelectuais e a organização da cultura.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUIMARÃES, Wladimir. *Monteiro Lobato na Bahia*. Bahia: Imprensa Glória, 1948.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública:* investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HELENA, Raimundo Santa. *Monteiro Lobato*. Literatura de cordel. Folheto 40ZN94-193 – Rio, Brasil, 18 de abril de 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque. De. r*aízes do Brasil.* 26.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil moderno.* São Paulo, 1996.

JASMIN, Marcelo; FERES JÚNIOR, João. *História dos conceitos:* debates e perspectivas*.* Rio de Janeiro: IUPERJ,2006.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. A enunciação da cidade: práticas discursivas sobre a São Paulo do início do século XX. *RUA2010*, no. 16. Volume 1.

JOSÉ Enrique. Rodó y su tiempo. Cien años de Ariel. Madrid: Iberoamericana, 2000.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato*: intelectual, empresário, editor. São Paulo: Queiroz, 1982.

LAJOLO, Marisa (org.) *Monteiro Lobato:* literatura comentada. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma*: Monteiro Lobato e o Modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro.* São Paulo: Pioneira, 1983.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas.* São Paulo: Brasiliense, 1948.

_____. *Prefácios e entrevistas.* São Paulo, Brasiliense, 1949.

LOPES, Eliane Maria Teixeira. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOYOLA, Leônidas de. *Urupês e o sertanejo brasileiro*. Paraná: República, 1919.

LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil*: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. *A revista do Brasil:* um diagnóstico para a (N)ação*.* São Paulo: Unesp, 1999.

LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos.*8.ed. Buenos Aires,1995

MACHADO NETO, A .L. *Estrutura social da república das letras.* São Paulo:Grijalbo,1970.

MANNHEIM, Karl; FORACCHI, Marialice M. (org.). São Paulo: Ática,1996. (Coleção grandes cientistas sociais).

MARCHIORI, Maria Emília Prado. *Os impasses da cidadania na transição da monarquia para a república no Brasil (1870 - 1902).* Tese (Doutorado) – Universidade do Estado de São Paulo, 1992.

_____. Alberto Torres e o projeto do estado organizador da nação*. Revista Diálogos*, ano II.

MARCHIORI, Maria Emília Prado. *O iberismo nas reflexões sobre o Brasil feitas por Oliveira Vianna.* Synthesis,1996, Uerj,1996.

MARINHO, João Carlos. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1978.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status.* Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista:* imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo, 1890-1922.* São Paulo: Edusp, 2001.

MATTOS, Ilmar R.*O tempo Saquarema.* Rio de Janeiro: Access , 1994.

MELEIRO, Alessandra. *O cinema no mundo:* América Latina*. São Paulo:* Escrituas Editora, 2007.

MELLONI, Rosa Maria. *Monteiro Lobato*: a saga imaginária de uma vida. São Paulo: Plêiade, 1998.

MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil.* Rio de Janeiro: Saga, 1965.

MERZ, Hilda Junqueira Villela *et al*. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Lobatiana*: Monteiro Lobato – meio ambiente. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Lobateana*: idéias, pensamentos e fotos de Monteiro Lobato. Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, Prefeitura do Município de São Paulo, 1985.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945).* São Paulo: Difel, 1979.

MITRE, Antonio. Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despontar da modernidade em Ariel de Rodó*. Cadernos DCP*, Belo Horizonte, set.1985.

MIUCCI, Carla. O nascimento de uma cidade: cinema hollywoodiano no processo de cosmopolitização paulista. *Revista Vir-a-Ser*. São Paulo, Humanitas, n.1, 1996, p.3.

MONTEIRO LOBATO 1882-1918: CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO, organizado pela Seção de Promoções Culturais. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1982.

MOORE JR., Barrington. *As origens da ditadura e da democracia* .São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MOREIRA, José Carlos Barbosa (org). 2.ed. *Monteiro Lobato*: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

MORSE, Richard M. *O espelho do próspero:* culturas e idéias nas Américas*.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. *1822 Dimensões.* São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. *Ideologia da Cultura Brasileira.* São Paulo.

_____. São Paulo: exercício de memória. *Estudos Avançados,* São Paulo, vol.17 n.48 Mai./Ago. 2003.

MUMFORD, Lewis.*The city In History, Its Origins, Its Transformations, Its Prospects.*New York: Harcourt Brace and World, Inc.,1961.

NISBET, R. *História da idéia de progresso.* Brasília: UnB, 1985.

NOVAIS, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777 - 1808 .* São Paulo: Hucitec, 1989.

NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira*: o sonho da educação no Brasil. São Paulo: s/ed., 1986.

_____ (org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1985.

_____. *A correspondência de Monteiro Lobato*. Brasília: Roberval, 1998.

_____. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: s.n., 1982.

_____. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: s/ed., 1983.

_____. *Monteiro Lobato*: o editor do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRÁS, 2000.

_____. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: UNB, 1998.

_____. *O "sonho americano" de Monteiro Lobato*. S/l.: s/ed., 1984?

_____. *O patriotismo difícil*: a correspondência entre Monteiro Lobato e Artur Neiva. São Paulo: Copidart, 1981.

NUNES, Cassiano (org.). *O sonho brasileiro de Lobato*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979.

_____. *O último sonho de Monteiro Lobato*: o georgismo. São Paulo: Copidart, 1983.

OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. *Instituições políticas brasileiras.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. 2 v.

_____. *Evolução do povo brasileiro.* 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *História social da economia capitalista no Brasil.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. 2 v.

_____. *O Idealismo da constituição.* 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. *O Ocaso do império.* 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, [s/d].

_____. *Pequenos estudos de psicologia social.* São Paulo: Monteiro Lobato & C. Editores, 1923.

_____. *Populações meridionais do Brasil.* Belo Horizonte, Itatiaia, 1987, 2 volumes.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (coord.) *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

_____. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

PASSIANI, Ênio. *Na trilha do Jeca*: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru, SP: EDUSC , 2003.

PEIRANO, Mariza. *Documentos e identidade social:* reflexões sobre a cidadania no Brasil*.* Série Antropologia Social, n. 30, Brasília, Universidade de Brasília.

PEIXOTO, Antonio Carlos. *Estado e legitimidade na América Latina no século XIX. O projeto conservador.* Disponível em: <http://www.site4shared.com>.

PENTEADO, José Roberto Whitaker.*Os filhos de Lobato*: o imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.

PEREIRA, Gulnara Lobato. *O menino Juca*. Aquarela de Rui de Oliveira. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1982.

PIRES, Mário. *Monteiro Lobato* – ainda e sempre atual. [S.l.]: Edição Letras da Província, [1983?]

POCOCK, J.G. A. *Linguagens do ideário político.*(trad.). São Paulo: EDUSP, 2003.

PRADO JR., Caio. *Evolução política do Brasil.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933.

PRADO, Eduardo. *A ilusão americana.* 2.ed. São Paulo. Brasiliense, 1958.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

PRADO. Maria Emília (org.) *O Estado como vocação.* Rio de Janeiro: Access, 1999.

QUEIRÓS, Maria Isaura P. de. *O mandonismo local na vida política brasileira.* São Paulo:Anhembi, 1956.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

REVISTA DO BRASIL. 1917-1925.

RIBAS, Maria José Sette. *Monteiro lobato e o espiritismo*: as sessões de Monteiro Lobato.São Paulo: Nova Luz, 1997.

RIBEIRO, José Antonio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Associação Cão Guia de Cego, s/d.

RICKZLEGEL, Ana Luisa Gobbi Sette. *A diplomacia marginal:* vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai 1893-1904*.* Passo Fundo: UPF, 1999.

RODÓ, José Enrique. *Obras completas*. 2.ed. Buenos Aires: Zamora, 1956.

ROUANET, Sergio Paulo. *A cidade Iluminista.* In: SHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme. A memória, cidade e cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

RUSSELL JACOBY. *Os últimos intelectuais:* a cultura americana na era da academia. (Trad). São Paulo:Edusp,1990

SAID, Edward. *Representações do intelectual.* São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SALINAS, Julio A. *Autoritarismo e decadência política:* em estudo de caso*.* Dados, Rio de Janeiro, n.18, 1978.

SANDRONI, Laura C. *Austragésilo de Athayde. De Lobato a Bojunga*: as reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

_____. *Minhas memórias de Monteiro Lobato*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SANTOS, Newton Nebel. *Dois amigos:* composto e Impresso na Mimeografia Cerqueira, Santos, 1974.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Décadas de espanto e uma apologia democrática.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Ordem burguesa e liberalismo político.* São Paulo: Duas Cidades,1978.

SCHIAVO, Cléia. *O processo de consolidação do estado uruguaio 1830-1890.* Dissertação de mestrado, UFF,1978.

SCHWARTZ, Simon. *Bases do autoritarismo brasileiro.*Rio de Janeiro: Campus, 1982.

SERRA, Tania Rebelo. *1870-1880. Divisão de águas do romance brasileiro.* Brasília: UnB, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole.São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.* São Paulo: Companhia das Letras,1992.

SILVA, Júlio César da. *Monteiro Lobato*: panorama da obra e análise semiológica dos contos. Taubaté, SP: Prefeitura Municipal de Taubaté; Nova Iguaçu, RJ: Editora Cronos, 1980.

SILVA, Maria Leonor Alvarez. *Monografia sobre Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo.* (trad.). São Paulo:UNESP,1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A ideologia do colonialismo:* seus reflexos no pensamento brasileiro*.* Rio de janeiro:Vozes,1984.

SOMBART, Werner -*El burguesContribuicion a la historia moral e intelectual del hombre economico moderno.* Trad. Buenos AiresOresme, 1953.

STIRLING, José Henrique Etcheverry. *Temas literários.* Publicação da Comissão Nacional de Homenagem do sesquincentenário dos fatos históricos de 1825. Montevidéo, 1975.

STUDART, Sabrina.Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX. *Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo risco*, Departamento de Arquitetura – USP, v.2,2009,p.15.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits (org.) *Breve inventário de temas do sul.* Porto Alegre:UFRGS,1998.

TONDELLA, Gabriel. *Sangue da terra*: evocação de Monteiro Lobato, poesia. São Paulo: Brasiliense, 1949.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974.

TRINDADE, Hélgio (org.). *América Latina:* eleições e governabilidade democrática. Porto Alegre: UFRGS,1991.

VALE, Fernando Marques do.*A obra infantil de Monteiro Lobato*: invocações e repercussões. Lisboa: Portugalmundo, 1994.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

VELOSO, MONICA. *O modernismo em revistas. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

VIANNA, Aurélio, FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos*: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV, 1986.

VIEIRA, Evaldo.*Autoritarismo e corporativismo no Brasil(Oliveira Vianna& Companhia).*São Paulo: Cortez, 1981.

VISCA, Arturo Sergio. *Ensaios sobre literatura uruguaia.* Publicação da Comissão Nacional de Homenagem do sesquincentenário dos fatos históricos de 1825. Montevidéo, 1975.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações.* São Paulo: Cultrix, 1996.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso:* ensaios sobre a Crítica da Cultura*.* São Paulo: Edusp, 1994.

ZEA Leopoldo Zea. *El pensamiento Latinoamericano.* Barcelona: Ariel, 1976

ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.